



**PROFHISTÓRIA**

MESTRADO PROFISSIONAL  
EM ENSINO DE HISTÓRIA

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO DE HISTÓRIA

MÔNICA MARINHO FERREIRA

**“MEMÓRIAS DA NOSSA PIPA”: O ENSINO DE HISTÓRIA NO  
DESENVOLVIMENTO E NA VALORIZAÇÃO DAS MEMÓRIAS E IDENTIDADES  
LOCAIS (PIPA/TIBAU DO SUL – RN)**

Natal/RN

2022

MÔNICA MARINHO FERREIRA

**“MEMÓRIAS DA NOSSA PIPA”: O ENSINO DE HISTÓRIA NO  
DESENVOLVIMENTO E NA VALORIZAÇÃO DAS MEMÓRIAS E IDENTIDADES  
LOCAIS (PIPA/TIBAU DO SUL – RN)**

Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Ensino de História, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, como requisito para a obtenção do título de mestre em Ensino de História.

Orientador: Prof. Dr. Roberto Airon Silva.

Natal/RN

2022

Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN  
Sistema de Bibliotecas - SISBI

Catálogo de Publicação na Fonte. UFRN - Biblioteca Setorial do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes - CCHLA

Ferreira, Mônica Marinho.

"Memórias da nossa Pipa": o ensino de história no desenvolvimento e na valorização das memórias e identidades locais (Pipa/Tibau do Sul - RN) / Mônica Marinho Ferreira. - 2023.

161f.: il.

Dissertação (mestrado) - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Programa de Pós-graduação em Ensino de História, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, RN, 2023.  
Orientador: Prof. Dr. Roberto Airon Silva.

1. Praia da Pipa (Rio Grande do Norte). 2. Ensino de História. 3. Educação Básica. 4. Evidência Histórica. I. Silva, Roberto Airon. II. Título.

RN/UF/BS-CCHLA

CDU 94:37(813.2)

MÔNICA MARINHO FERREIRA

**“MEMÓRIAS DA NOSSA PIPA”: O ENSINO DE HISTÓRIA NO  
DESENVOLVIMENTO E NA VALORIZAÇÃO DAS MEMÓRIAS E IDENTIDADES  
LOCAIS (PIPA/TIBAU DO SUL – RN)**

Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Ensino de História, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, como requisito para a obtenção do título de mestre em Ensino de História.

Aprovada em: 24 de novembro de 2022.

**Banca Examinadora:**

---

Prof. Dr. Roberto Airon Silva (UFRN)  
Presidente.

---

Profa. Dra. Maria Emília Monteiro Porto (UFRN)  
Membro interno.

---

Prof. Dr. Cícero Joaquim dos Santos (URCA)  
Membro externo.

---

Prof. Dr. Haroldo Loguercio Carvalho (UFRN)  
Membro interno – Suplente.

*A todos que fazem parte desta história.*

## **AGRADECIMENTOS**

Agradecer é a oportunidade de reconhecermos e retribuirmos em gestos ou com palavras aqueles que de alguma forma contribuíram na jornada de nossas vidas. Pelas amizades sinceras, exemplos, inspirações, lutas compartilhadas e alegrias celebradas, devo agradecer às pessoas que foram essenciais na minha trajetória no ProfHistória.

Reconheço, primeiramente, a importância do professor na minha formação como ser humano e profissional. Desta maneira, os meus mais sinceros agradecimentos a todos os professores dos quais tive a honra de ter ao longo de minha vida, por me ensinaram a ler desde as primeiras palavras até exercer a profissão mais nobre deste mundo. Assim, em especial, agradeço:

À professora Maria da Conceição Guilherme Coelho, da qual tive a oportunidade de ter como primeira orientadora, por suas maravilhosas indicações de leitura que me serviram de norte para que eu chegasse aos resultados finais deste trabalho.

Ao meu orientador e professor Roberto Airon Silva, do qual tive o prazer de ser aluna durante a graduação e o (re)prazer de ser orientanda nesta jornada do ProfHistória, pelas orientações que me ajudaram nas tomadas de decisões para o desenvolvimento deste projeto e principalmente pela sua humanidade e profissionalismo.

Aos professores Cícero Joaquim dos Santos, Haroldo Loguercio Carvalho e Maria Emília Monteiro Porto, membros da banca de defesa, pela disponibilidade, interesse, comentários e avaliações.

Agradeço, também, à minha amada mãe, Maria Arlete Marinho Ferreira, para mim o maior exemplo de mulher e força diante dos desafios da vida.

Ao meu amado pai, Nelson Ferreira Filho, por ter me ensinado a acreditar no estudo e a não desistir da busca pelo conhecimento.

Ao meu irmão e amigo Rafael, pela confiança e por todas as conversas e risos trocados.

Ao meu irmão Daniel, também meu amigo, pelo seu exemplo de integridade, conselhos e ajudas.

À minha cunhada Mazulene Rosa, pelas trocas de conhecimentos, que me permitem melhorar como profissional a cada dia.

À minha querida prima Ionara, por ter me incentivado a fazer o ProfHistória e por ser a pessoa mais solícita que já tive o prazer de conhecer.

Aos colegas de mestrado, que mesmo distantes fisicamente, devido à pandemia da Covid-19, foram próximos com seus incentivos, exemplos e conselhos.

À equipe da Escola Municipal Vicência Castelo, em especial à Adriana, Ana, Andressa, Betânia, Louranize e Marilu, por serem exemplos de profissionais e por acreditarem em meu trabalho.

Ao ProfHistória, por me permitir a experiência de aprender mais, ensinando.

Aos meus queridos alunos das turmas do 9º ano da Escola Municipal Vicência Castelo, por tornarem possível a realização deste projeto.

Ao meu Deus, que me deu forças para chegar até aqui.

*“Praia de Pipa tem  
Uma brisa fagueira,  
Se vê a linda barreira,  
Com a ponta para o Sul.  
O povo dela  
É um povo forte e decente,  
Se vê também o mar valente  
Coberto de céu azul.”*

(“Antônio Pequeno”, poeta da Pipa)

## RESUMO

Esta dissertação tem por objetivo apresentar o projeto Memórias da nossa Pipa como trabalho final do Curso de Pós-Graduação em Ensino de História da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. O projeto surgiu de um contexto educacional no qual foi percebido a necessidade do desenvolvimento e a valorização das memórias e identidades de Pipa pelos estudantes das turmas do 9º ano do Ensino Fundamental II da Escola Municipal Vicência Castelo, localizada em Pipa, distrito de Tibau do Sul, município do Rio Grande do Norte. Durante o Curso de Pós-Graduação tivemos acesso às concepções, conceitos e conteúdos fundamentalmente incorporados à necessidade inicial do projeto que, por sua vez, contribuíram para o andamento das pesquisas e para uma reflexão mais profunda neste trabalho. Do ponto de vista metodológico, os princípios norteadores do projeto ampararam-se no uso de pesquisas bibliográficas, questionário de sondagem, em técnicas provenientes da área de Mineração de Dados Educacionais e na análise de imagens como evidência histórica. O trabalho buscou algumas características e peculiaridades da aplicação do conceito, apresentado pelo autor Peter Burke (2017), de imagens como evidência histórica, na proposta de uma Sequência Didática como produto educacional do projeto Memórias da nossa Pipa. Essas impressões apontaram para a reflexão do que produz um historiador em seu ofício, se estendeu para a possibilidade da aplicabilidade da evidência visual no trabalho do professor de História da Educação Básica e do aluno do componente curricular e, por fim, revelou a importância de um projeto educacional voltado para o ensino de história.

**Palavras-chave:** Praia da Pipa; Ensino de História; Educação Básica; Evidência histórica.

## ABSTRACT

This dissertation aims to present the project Memories of our Pipa as the final work of the Postgraduate Course in History Teaching at the Federal University of Rio Grande do Norte. The project emerged from an educational context in which it was perceived the necessity of developing and valuing the memories and identities of Pipa by the students of the 9th grade classes of the Municipal School Vicência Castelo, located in Pipa, district of Tibau do Sul, municipality of Rio Grande do Norte. During the post-graduation course we had access to the conceptions, concepts and contents fundamentally incorporated to the initial need of the project that, in turn, contributed to the progress of the research and to a deeper reflection in this work. From the methodological point of view, the guiding principles of the project were based on the use of bibliographic research, a survey questionnaire, techniques from the field of Educational Data Mining, and the analysis of images as historical evidence. The work sought some characteristics and peculiarities of the application of the concept, presented by the author Peter Burke (2017), of images as historical evidence, in the proposal of a Didactic Sequence as an educational product of the project Memories of our Pipa. These impressions pointed to the reflection of what a historian produces in his craft, extended to the possibility of the applicability of visual evidence in the work of the History teacher of Basic Education and the student of the curricular component and, finally, revealed the importance of an educational project focused on the teaching of history.

**Keywords:** Pipa Beach; History Teaching; Basic Education; Historical Evidence.

## LISTA DE IMAGENS

### IMAGENS

Imagem 1 – Mapa do século XVII com a indicação de Pipa	25
Imagem 2 – Resposta do Aluno 1	59
Imagem 3 – Resposta do Aluno 2	59
Imagem 4 – Resposta do Aluno 3	61
Imagem 5 – Resposta do Aluno 4	62
Imagem 6 – Resposta do Aluno 5	62
Imagem 7 – Resposta do Aluno 6	62
Imagem 8 – Estudantes anexando suas respostas	80
Imagem 9 – Nuvem de palavras feita pelos estudantes	81
Imagem 10 – Ficha de Acompanhamento de Atividades	82
Imagem 11 – Engenho Manual que faz caldo de cana, Debret, 1822	83
Imagem 12 – Abdicação do Primeiro Imperador do Brasil, D. Pedro I, Aurélio Figueiredo, 1911	83
Imagem 13 – Estudantes analisando as imagens	85
Imagem 14 – Análise feito por estudante da pintura de Aurélio Figueiredo	86
Imagem 15 – Análise feita por estudante da pintura de Debret	87
Imagem 16 – Análise feita por estudante da pintura de Debret	88
Imagem 17 – Jogo “Retratos do Brasil do século XIX”	90
Imagem 18 – Estudantes participando da gamificação	91
Imagem 19 – Dupla analisando as imagens da Pipa	92
Imagem 20 – Grupo de alunos analisando as imagens da Pipa	92
Imagem 21 – Praia do Centro em Pipa, 1965	94
Imagem 22 – Praia do Centro em Pipa, atualmente	94
Imagem 23 – Legenda do Grupo 1	95
Imagem 24 – Legenda do Grupo 2	95
Imagem 25 – Legenda do Grupo 10	95
Imagem 26 – Fotografia feita por aluna do 9º ano “B”	98
Imagem 27 – Reprodução em 3D de foto pertencente a pessoa cega	101
Imagem 28 – O layout de uma capa para o álbum de um músico cego	102
Imagem 29 – Impressão 3D de layout da capa para o álbum do músico cego	102

Imagem 30 – Músico sentindo a imagem	102
Imagem 31 – Impressão em 3D da obra de Debret	103
Imagem 32 – Impressão em 3D do Curral de peixes de Pipa	103
Imagem 33 – Aluna sentindo a imagem em 3D do Curral de peixes de Pipa	104

## **LISTA DE FIGURAS**

### **FIGURAS**

Figura 1 – Objetivos cognitivos educacionais da Taxonomia de Bloom Revisada 76

## **LISTA DE GRÁFICOS**

### **GRÁFICOS**

Gráfico 1 – Resultado da Questão 3 do Pré-teste	55
Gráfico 2 – Resultado da Questão 4 do Pré-teste	55
Gráfico 3 – Resultado da Questão 5 do Pré-teste	56

## LISTA DE QUADROS

### QUADROS

Quadro 1 – Resultados das regras de associação com uso de *Lift* e do *Leverage* 68

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

- ANPUH – Associação Nacional de História
- BNCC – Base Nacional Comum Curricular
- BBC – *British Broadcasting Corporation*
- CEP – Comitê de Ética e Pesquisa
- COVID-19 – *Corona virus Disease* (Doença do Coronavírus)
- CT – Câmara Técnica
- DEL TURISMO - Programa Rede de Desenvolvimento Econômico Local
- DLe – Desenvolvimento Local Endógeno
- EMVC – Escola Municipal Vicência Castelo
- FECOMÉRCIO – Feira de Comércio
- FITUR – Feira Internacional de Turismo
- GT – Grupo de Trabalho
- IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
- IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
- MDE – Mineração de Dados Educacionais
- OCDE – Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico
- OMT – Organização Mundial do Turismo
- PROFHISTÓRIA – Programa de Mestrado Profissional em Ensino de História
- RAs – Regras de Associação
- RCLE – Registro de Consentimento Livre e Esclarecido
- RN – Rio Grande do Norte
- SciELO – *Scientific Electronic Library Online*
- SENAC – Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial
- SETUR – Secretaria Estadual de Turismo
- UFRN – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
- WIPP – *Waste Isolation Pilot Plant*

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO.....</b>	<b>18</b>
<b>2. SÓ PARA TURISTA VER? .....</b>	<b>24</b>
<b>3. EM BUSCA DE UMA PIPA SENSÍVEL.....</b>	<b>33</b>
3.1 MEMÓRIAS DA NOSSA PIPA E O SUGESTIONAR DE UMA MULTITERRITORIALIDADE .....	35
<b>3.1.1 Alguns diálogos.....</b>	<b>35</b>
<b>4. MEMÓRIAS DA NOSSA PIPA: IMAGENS E POSSIBILIDADES .....</b>	<b>42</b>
4.1 A ESCOLA MUNICIPAL VICÊNCIA CASTELO E O PÚBLICO-ALVO DESTA PROJETO.....	50
4.2 O QUESTIONÁRIO, PARA SONDAÇÃO E VERIFICABILIDADE .....	53
<b>4.2.1 A Mineração de Dados Educacionais na análise do questionário .....</b>	<b>66</b>
<b>5. O QUE PRODUZ UM HISTORIADOR.....</b>	<b>70</b>
5.1 O PRODUTO DESTA TRABALHO .....	74
5.2 EXPOSIÇÃO FOTOGRÁFICA: AS MULTIDENTIDADES DE PIPA .....	97
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>106</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>109</b>
APÊNDICES .....	117
ANEXOS .....	158

## 1. INTRODUÇÃO

Lembro-me do meu avô contando as histórias de como era Pipa algumas décadas atrás: uma vila de pescadores, cercada pelos vestígios da mata atlântica, lugar tranquilo e de veraneio para os que passavam temporadas cheias de lembranças nas casas de algum amigo ou parente próximo.

Não tive a oportunidade de conhecer Pipa dessa época, quando me mudei do Rio de Janeiro para o Rio Grande do Norte, terra natal da minha família materna, encontrei-me com a Pipa em transição para o que é hoje.

Mas a princípio, não diferente da maioria, me encantei com todo aquele mundo de línguas, construções, turistas e pessoas diferentes. No entanto, ao mesmo tempo em que esse todo me despertava atração, também, fazia sentir-me uma estranha. Não entendia o porquê disso, pois passei minha infância e adolescência passeando naquelas ruas, brincando naquelas praias, de idas e vindas à pracinha do pescador e as falésias do Chapadão, assim como poderia eu sentir-se desta forma certa vez que Pipa era meu lugar? Até entender esse sentimento, alguns anos passariam.

Em 2018, quando comecei a ensinar na Escola Municipal Vicência Castelo, localizada no distrito de Pipa, município de Tibau do Sul/RN, aquele sentimento latente do passado despertou e intensificou a medida em que a minha rotina ligava-se mais e mais a de Pipa, agora, desta vez através da sala de aula. E foi nesse cotidiano que notei que tal sentimento do passado era uma realidade que transpunha a mim para o concreto, não só na minha, mas na vida dos que vivem em Pipa, logo nas dos alunos da Escola M. Vicência Castelo, também.

Mas, junto a esses mesmos alunos, no dia a dia da sala de aula, fui observando, em meio as conversas, nos trejeitos, nas maneiras de falar, de vestir-se, nas músicas escutadas nas horas do intervalo, nos gostos e desgostos, o que era “de fora” se tornando mais familiar do que o que era “de dentro” e, como em uma tentativa de não se sentirem estranhos, como me sentira um dia, um travestir-se dos outros, sendo nas melhores das hipóteses uma assimilação da cultura alheia, uma aculturação.

*A priori* teríamos uma complexa questão de identidade, no entanto, amenizada e naturalizada pelo pensamento comum de que “a Pipa é assim mesmo, essa mistura do ‘gringo’ com o brasileiro”, sendo este primeiro em dose bem maior para os que a conhecem.

Seria este o problema?! Talvez, porém, no momento, prefiro pensar mais como algo

incômodo, e ao mesmo tempo motriz, como o desafio que me fez e me faz refletir mais uma vez nasminhas práticas como professora de História diante de uma realidade vivenciada.

De maneira mais clara, nesse contexto, existe um limite tênue entre a simples adesão do que é dos outros e a desvalorização do que é local, transparecido no desdém do aluno pelo que mora em Sibaúma (comunidade quilombola de Tibau do Sul) e na exaltação do que já morou na Europa; no estranhamento dos nomes em língua tupi, dos povoados aos redores de Pipa, contrastante com a familiaridade do inglês dos estabelecimentos e serviços da cidade, por exemplo.

Considerando isso, e outros desafios que um professor de história possui em sala de aula, foi concebido o projeto *Memórias da nossa Pipa*, nome idealizado por mim com os professores de língua portuguesa e com a equipe pedagógica da EMVC, quando cogitávamos sobre a implementação de um possível projeto interdisciplinar que envolvesse todas as turmas da escola.

Minha expectativa era colocar em prática o projeto concomitantemente a realização do mestrado, para desta forma poder ajustar e aperfeiçoar o mesmo. Mas, infelizmente, o advento da nova Covid-19 impedira o início do projeto, certa vez que as aulas presenciais estavam suspensas e com previsão incerta para o retorno.

Na abstinência de ensinar, e na angústia de pensar em meus alunos em ócio, futuramente e provavelmente revertido em mais disparidades sociais, meus pensamentos, diálogos e solilóquio, sobre o estranho e o estrangeiro e o ensino-aprendizagem de história em Pipa ficavam mais intensos, assim, como o interesse pelo projeto também. Mas, no que exatamente consistiria este projeto?

Pois bem, apesar de todas as questões posta sobre a supervalorização do que é “de fora”, ainda existe um interesse – geralmente superficial e movido pelo esforço de promover ou destacar o turismo, salvo alguns trabalhos como o de Trindade (2010) incluso na bibliografia deste projeto – de se contar ou escrever a história de Pipa.

Desta forma, a história de Pipa é contada e escrita, e até conhecida, por viajantes, estrangeiros, em seus *Vlogs* de turismo, por jornalistas, políticos, sociólogos e advogados, mas não pelos próprios alunos do distrito, pois o que sabem sobre essa história, são algumas informações vagas do lugar onde vivem, que este, antes de ser a badalada Pipa *beach*, fora um dia uma bela vila de pescadores. Apenas alguns alunos possuem essa noção da Pipa anterior, os poucos que sabem são os filhos, netos e bisnetos dos primeiros moradores, da antiga vila, denominados de “nativos”.

Não é de surpreender o fato de poucos alunos conhecerem a história do seu lugar, pois

como já falado, Pipa, hoje, possui muitos atrativos; conhecida mundialmente se tornou um lugar, onde posso dizer em que o estranho é o nativo e o estrangeiro é o admirado e conhecido.

Conhecer, aprender e contribuir na construção da história de Pipa, desta vez pelos alunos da Escola Municipal Vicência Castelo, onde leciono há quase 4 anos, com base nas memórias de pescadores, antigos moradores, nas evidências históricas deste lugar e na perspectiva do próprio aluno, é a proposta desafiadora do projeto “Memórias da nossa Pipa”, despertando nesses estudantes o sentimento de pertencimento ao lugar, favorecendo o desenvolvimento de sua identidade, memória, capacidade interpretativa, narrativa, de pesquisa e, necessariamente, o da consciência histórica, tão discutida em nossas aulas do ProfHistória, pois como afirmará Schmidt e Braga (2005, p.301):

[...] a consciência histórica relaciona o “ser” (identidade) e “dever” (ação) em uma narrativa significativa que toma os acontecimentos do passado com o objetivo de dar identidade aos sujeitos a partir de suas experiências individuais e coletivas e de tornar inteligível o seu presente, conferindo uma expectativa futura a essa atividade atual.

A Identidade e a Memória têm portando, seu destaque neste projeto, sendo a Memória entendida aqui como mais do que a capacidade biológica do cérebro humano de adquirir e armazenar e recuperar informações, mas um elemento constituinte da identidade; a operação coletiva dos acontecimentos e interpretações do passado que se quer defender e que se integra em tentativas conscientes de definir e reforçar sentimentos de pertencimento e fronteiras sociais entre coletividades (POLLAK, 1989).

Neste sentido, e diante do desafio exposto, foi pensado no desenvolvimento de uma Sequência Didática como produto educacional, possibilitando a acessibilidade dos alunos envolvidos no projeto às histórias, memórias e identidades de Pipa.

A Sequência Didática, ou SD, pode ser compreendida como “[...] um conjunto de atividades ordenadas, estruturadas e articuladas para a realização de certos objetivos educacionais, que têm um princípio e um fim conhecidos tanto pelo professor como pelos alunos” (ZABALA,1998, p.18).

A escolha da SD para este produto se deu pelo fato de ser uma estratégia educacional onde as atividades estão interligadas auxiliando o aluno no alcance da melhoria do aprendizado, em uma evolução sequencial do conhecimento. Logo, o desenvolvimento de uma sequência didática, como produto educacional, seria uma forma planejada e estratégica de trazer para as aulas do componente curricular de História a temática da história local<sup>1</sup> despertando nos alunos

---

<sup>1</sup> A História Local, que compreende o estudo da história em seu contexto local, é entedida neste trabalho, como

o sentimento de pertencimento ao lugar, favorecendo o reconhecimento e a valorização de suas memórias e identidades a nível individual e coletivo.

A construção desta SD, no que lhe concerne, envolveu o uso da Taxonomia de Bloom, modelo educacional que propõe objetivos de aprendizagem que vão dos mais simples aos mais complexos, classificados a partir dos domínios cognitivo, afetivo e psicomotor. O uso desse modelo foi essencial na definição dos objetivos educacionais específicos lançados nesta sequência didática.

Nesta sequência didática buscou-se, ainda, a utilização das imagens, isto é, da evidência visual, protagonizando o produto educacional e entendidas, aqui, como evidência histórica; indícios do passado, mais do que meras ilustrações que reforçam textos (BURKE, 2017).

A ideia de implementação da imagem como evidência histórica nesta SD resulta do contato inicial, ao longo do ProfHistória, com este conceito de imagem presente nas obras de autores como Peter Burke (2017) e Sandra Jatahy Pesavento (2007).

O acesso a este conceito de imagem e as reflexões a respeito do conceito de *operação historiográfica* de Michel de Certeau (1976) suscitadas neste trabalho, permitiu o desenvolvimento da SD como produto deste projeto e ainda possibilitou pensarmos como poderia ser a aplicabilidade do conceito de imagem como evidência histórica a trabalhos que envolvem o Ensino de História, tendo como ponto crucial a questão de como despertar nos alunos o sentimento de pertencimento, reconhecimento e valorização para com as memórias e identidades de Pipa, se estendendo para a reflexão mais profunda acerca das potencialidades das imagens para uma aprendizagem mais significativa e efetiva no ensino de história, voltado para a Educação Básica.

Diante do exposto, podemos afirmar que o presente trabalho tem, portanto, como objetivo principal a apresentação de um projeto de desenvolvimento e a valorização das memórias e identidades de Pipa pelos estudantes da Escola M. Vicência Castelo com o uso das imagens como evidência histórica. Neste sentido, buscamos alcançar alguns objetivos específicos, dentre os quais a abordagem sobre o fenômeno do turismo em Pipa; a compreensão do nível de conhecimento e interesse dos alunos sobre a história de Pipa a partir

---

uma estratégia pedagógica “[...]propiciando maior inserção na comunidade criando historicidades e localizando professores e alunos dentro da História” (NIKITIUK, 2008, p. 8).

do desenvolvimento e aplicação de um questionário de sondagem e a apresentação de uma sequência didática como produto educacional deste projeto. Para uma melhor compreensão do que foi realizado organizamos esta dissertação em 5 capítulos ou seções.

No capítulo inicial, intitulado *Só para turista ver?* serão apresentadas algumas informações sobre a praia de Pipa como destino turístico nacional e internacional. Nesta seção abordaremos algumas questões relacionadas ao impacto do turismo na região com seus reflexos no cotidiano dos autóctones. Para a construção deste capítulo, foi feito um levantamento bibliográfico de trabalhos sobre Pipa, utilizando as bases de dados Scielo, Scopus e o Repositório Institucional da UFRN, essenciais para a validação desta pesquisa.

Ao todo foram encontrados 83 trabalhos, dentre os quais teses, artigos e monografias, das áreas de Arquitetura, Biologia, Geografia e Turismo. Nesta busca não foram identificados trabalhos da área de história, mas podemos destacar os escritos do autor Tiago Trindade (2010), fundamentais na compreensão do fenômeno do turismo em Pipa, que será discutido nesta seção inicial.

No capítulo seguinte, denominado *Em busca de uma Pipa sensível*, com inspiração nas reflexões provenientes de algumas das obras da autora Sandra Jatahy Pesavento (2007) pensaremos na Pipa como expressão do cultural, imaginário e significativo, para além de uma Pipa turística. Neste capítulo, abordaremos, também, o conceito de *multiterritorialidade*, do autor Rogério Haesbaert (2021), transpondo-o para a ideia de *multidentidades* em Pipa e faremos, uma breve reflexão, que não poderia passar despercebida, a respeito do que vivenciamos neste período de pandemia da Covid-19.

O capítulo *Memórias da nossa Pipa: Imagens e Possibilidades*, foi pensado e escrito no âmbito da possibilidade do uso da evidência visual para o desenvolvimento do projeto Memórias da nossa Pipa. Neste capítulo, argumentaremos o uso mais profundo das imagens encontrado em autores como David Freedberg (1992), Meneses (2003) e, os já mencionados, Peter Burke (2017) e Pesavento (2007).

O capítulo também trará alguns aspectos delineadores do projeto, como a escolha do público-alvo; a caracterização da escola como campo de estudo; a elaboração e implementação do questionário de sondagem utilizado nesta pesquisa, assim como, a análise de seus resultados com base em técnicas como a de *associação e agrupamento* provenientes da área de Mineração de Dados Educacionais.

No capítulo *O que produz um historiador?* teremos um breve diálogo com os escritos de Michel de Certeau (1976) sobre a operação historiográfica, nos conduzindo para a reflexão do

que produz um historiador em seu ofício, compreendendo a possibilidade da aplicabilidade da evidência visual no projeto. É neste capítulo, também, onde, enfim, será explicitada a sequência didática como produção final deste projeto, bem como, os resultados de sua implementação.

Por último, apresentaremos as considerações finais do que foi do realizado e vivenciado.

## 2. SÓ PARA TURISTA VER?

*“Pisei na tábua de cima  
pela debaixo morgar,  
quem anda por terra  
alheia pisa no chão  
devagar<sup>2</sup>.”*

(Mestre Kiko)

Ora, neste chão não tem se pisado devagar. Hoje, a Praia de Pipa é um dos destinos mais procurados nacional e internacionalmente. De acordo com o SETUR (2012), anualmente a região recebe mais de 500 mil turistas de diferentes lugares do Brasil e do mundo. Cada ano esse crescimento do fluxo de turista tem aumentado, o que fez com que em 2015 o município de Tibau do Sul, onde está localizada a praia de Pipa, alcançasse o topo no *ranking* do turismo nacional, chegando a categoria “A”, a mais alta das categorias dos destinos turísticos (MINISTÉRIO DO TURISMO, 2018).

Recentemente, no início do ano de 2020, em Utrecht/Holanda onde acontece a *VakantieBeurs*, uma das maiores feiras de turismo da Europa, e na edição deste mesmo ano da FITUR, que acontece anualmente em Madri/Espanha, o destino Pipa ganhou destaque no Mercado da Indústria do Turismo Internacional. Esse exponencial crescimento do turismo na região tem paralelamente gerado, também, conforme os órgãos e secretarias responsáveis, o crescimento do comércio local e das várias redes de serviços, dentre os quais hotéis, restaurantes e agências receptivas. Com isto, o turista ao chegar em Pipa irá encontrar belas praias, mas encontrará, também, uma Pipa em constante crescimento com uma vasta gama de opções de hospedagens, gastronomia de diferentes lugares do mundo, arquiteturas diversas e lazeres dos mais variados gostos possíveis.

---

<sup>2</sup> Trecho da Música cantada por Cleiton Barbosa da Silva, “Mestre Kiko” ou Kiko do Zambê, na roda de zambê de Pipa, com trecho do ditado popular “Quem anda por terra alheia pisa no chão devagar”.

Essa transformação é visível e sentida por quem conhece Pipa, principalmente por seus moradores, pois não faz muitos anos que a antiga vila de pescadores se tornou esse desejado destino nacional e internacional.

Antes do advento do turismo na região, Pipa era um lugar remoto cujos poucos habitantes viviam da pesca, agricultura familiar e da produção da farinha de mandioca (SIMONETTI, 2012). Apesar de escassos registros, sabemos que sua história remonta ao período que era habitada pelos povos nativos potiguaras, quando ainda era conhecida pelos topônimos *Tapuya Paroçoitaba de Pipa*, *Ponta da Pipa* e *Itacoatiara*<sup>3</sup>, de acordo com atlas e mapas referentes ao Período Colonial, como constatado na Imagem 1, na qual podemos ver o Mapa *Capitaniarum de Phernambuca, Itamaraca, Paraíba, et Rio Grande noua delineatio*, com a indicação de Pipa.

Imagem 1 – Mapa do século XVII com a indicação de Pipa



Fonte: Biblioteca Nacional Digital (2022).

<sup>3</sup> O termo Itacoatiara, originário da língua Tupi-Guarani tem o significado de “escrita” ou “desenho na pedra” (IPHAN, 2022). O significado de *Itacoatiara* para alguns nativos de Pipa se aproximaria também a de “pedra mais bonita”(SIMONETTI, 2012).

Com o passar do tempo, de acordo com os relatos orais de moradores mais antigos, Pipa se tornou uma vila habitada pelos descendentes dos primeiros habitantes do lugar, que se relacionaram com os europeus e em seguida com famílias retirantes do sertão que buscavam melhores condições de vida proporcionada pela pesca local.

Em seu trabalho intitulado *A rotina antes do Paraíso: narrativas sobre a história de um destino turístico potiguar*, Tiago Trindade (2010), com base nos relatos de alguns moradores de Pipa, afirma que em torno da década de 1950 Pipa ainda era desprovida de benefícios e intervenções governamentais, “Não havia água encanada, tratamento de esgoto, rede pública de energia, atendimento público de saúde, rede de ensino, muito menos estradas de acesso. O meio de transporte mais usado eram os carros de boi e os cavalos” (TRINDADE, 2010, p.174).

Essas condições só passaram a mudar com a chegada do turismo na região, quando os primeiros turistas começaram a visitar Pipa no final da década de 1980, atraídos pelas belezas naturais do lugar divulgadas pelos grupos de surfistas que anteriores a esses primeiros turistas aventuravam-se na região em busca das ondas para a prática do surfe.

Com o advento do turismo dar-se início aos investimentos, principalmente na infraestrutura de Pipa, tanto por parte dos estrangeiros, que começaram a investir em empreendimentos na região, quanto por parte do governo e gestores locais.

Confessemos, neste caso, que o turismo foi o propulsor para o investimento de serviços básicos, para o desenvolvimento da economia local e para a geração de rendas e empregos no distrito. Desde então, o turismo tem sido apresentado e aclamado como o importante fator de desenvolvimento econômico de Pipa, no entanto, observa-se que o mesmo fenômeno tem gerado impactos em outros campos, além do econômico, como salientara Trindade (2010) em seu estudo sobre a rotina de Pipa antes do turismo:

O contato intenso e constante da comunidade com os turistas transformou rapidamente uma série de fatores, que extrapolam as questões relativas à economia, tirando a tranquilidade que marcava a antiga vila. Costumes, modos, valores e comportamentos [...] juntamente com os espaços de socialização, foram alterados. (TRINDADE, 2010, p.186).

Essas alterações foram e são intensas, manifestas desde as esferas geográficas, ambientais e demográficas, como as alterações na paisagem natural, a exemplo os desgastes das falésias por construções de hotéis; o recuo da população nativa para regiões mais distantes do centro pela venda de suas propriedades para as empresas imobiliárias; perpassando pelo campo das relações sociais, como as relações de trabalho, onde outrora tínhamos o nativo proprietário de

terras e de seus instrumentos de produção de subsistência que deixa as suas atividades tradicionais para tornar-se recepcionista, garçom, porteiro e camareira (TRINDADE, 2010) até o campo da semântica, a citar a mudança dos nomes originais das praias de Pipa por nomes mais atrativos de acordo com o “marketing do turismo”, como, por exemplo, a “praia do curral” que passou a ser chamada “praia do Golfinho” e a “praia dos afogados” conhecida como “praia do amor” – nome atribuído pelos nativos, mas diferente do nome “praia dos afogados”, “praia do amor” é aparentemente mais atraente e, assim, utilizado pelo marketing do turismo.

Logo, temos as alterações se estendendo aos costumes e valores, modos e comportamentos, como salientado no começo deste trabalho sobre o parecer da supervalorização e replicação do que é “de fora” em Pipa, como, também destaca Trindade (2010, p.189):

A figura do turista e suas práticas foram também “endeusadas”, iniciando um processo que Mário Carlos Beni (1998) chama de “efeito demonstração”. Em pouco tempo, a população local começou a desejar roupas, costumes e estilo de vida do turista, assim como ele mesmo. Tal comportamento corresponde ao que Marcel Mauss (2003) chamou de “imitação prestigiosa”, a reprodução de algo social e/ou culturalmente valorizado, a cópia de um ethos, que confere status àquele que o incorpora.

Isso porque, nas alterações geradas pelo fenômeno do turismo, ocorre uma maior influência de um sobre o outro, neste caso do turista sobre o autóctone. Em seu trabalho, intitulado *Impactos do Turismo na Identidade Cultural*, o autor Jones Gomes faz algumas observações a respeito do assunto em questão. Segundo o autor,

Diversos estudos acerca dos impactos sociais gerados pelo turismo têm mostrado que a influência do turista no autóctone é muito mais expressiva que o contrário. Esse fenômeno se dá sobretudo no turismo internacional, onde se estabelece o contato de pessoas provenientes de países de economias centrais com sociedades de países de economia periférica. Os hábitos que acompanham os turistas, muitas vezes também passam a fazer parte da vida dos autóctones não como um modo inclusivo e transformador de sua identidade, mas como um caminho que estabelece uma relação mais próxima com o viajante, objetivando resultados monetários viáveis que o turismo é capaz de produzir. Entretanto, o comportamento do nativo pode ocorrer de duas maneiras distintas. Na primeira, ele pode rejeitar o turismo e conseqüentemente o turista e sua cultura. Na segunda, o autóctone passa a admitir os padrões de comportamento e a cultura dos turistas ao passo que, diante desta relação, sua identidade submete-se à transformações ao longo do tempo. (GOMES, 2013, p.22).

A princípio, em sua colocação o autor que se propõe a discutir os impactos sociais e culturais gerados pelo turismo parece se contradizer ao afirmar que muitas das vezes os hábitos dos turistas não são inclusos e não agem na transformação das identidades dos nativos, estabelecendo apenas uma relação de objetivos monetários. Porém, antes mesmo de discordar

em parte com o autor, o próprio acrescenta e complementa em seguida que no fenômeno do turismo o comportamento do nativo pode ocorrer de duas maneiras: a primeira que seria a de rejeição do turista e de sua cultura e a segunda, mais coerente com o que ocorre em Pipa, a de admissão dos padrões comportamentais dos turistas e com isto a transformação da identidade do nativo.

Reconhecendo os impactos do turismo sobre grupos locais em seus diversos aspectos, acrescentemos ainda a discussão outro fator importante:

Há de se atentar à ideia de que o ambiente onde esse fenômeno se instala ou se apropria, deve ser preparado para recebê-lo. Não estamos considerando aqui apenas a estrutura física, paisagística e construída de uma região turística, mas também sua estrutura sociocultural, ou seja, sua identidade social e cultural. Assim, dever-se-ia pensar o autóctone como ator no processo turístico e não apenas como objeto de curiosidade e atração turística. [...] Os relacionamentos culturais provenientes da atividade turística nem sempre são harmoniosos, mas sim, permeadas por entraves advindos da lógica mercadológica, capitalista, fundamentado no âmbito puramente econômico, onde se tem um sujeito como consumidor – turista – e outro, como parte da mercadoria – nativo. Esse comportamento social, gerado a partir do fenômeno turístico, efetivamente produz transformações de autenticidade e identidade cultural de povos e nações ao redor do mundo. (GOMES, 2013, p.23).

Posto isto, podemos dizer que existe a necessidade da construção de um ambiente não só em sua estrutura física, mas sociocultural preparado para receber o fenômeno do turismo para que a cultura e identidades locais não percam a sua autenticidade. Mas, como é possível a construção desse *locus*?

Primeiramente, pensemos, mesmo que brevemente, no fenômeno do turismo em si mesmo ou pelo menos historicamente. O autor Elio Chaves Flores, em trabalho intitulado *Fundações Historiográficas da Turismologia*, propõe tal exercício como se observa a seguir:

Importante para a prática turística é perceber os resultados do que Hobsbawm chamou de uma “dupla revolução” - a revolução burguesa (francesa) e a revolução industrial (inglesa) - que seria inaugural da modernidade política e econômica, de modo que “os deuses e os reis do passado eram impotentes diante dos homens de negócios e das máquinas a vapor do presente”. Mais espetacular ainda para a turismologia é perceber a dimensão histórica do desenvolvimento do turismo nos estertores do capitalismo concorrencial e comunicacional com o avanço das ferrovias. Com efeito, se, como disse Hobsbawm, a ferrovia é a filha das minas de carvão do norte da Inglaterra, pode-se dizer que o turismo é o filho primogênito das ferrovias. Com isso, as viagens se tornaram, mais do que uma necessidade intrínseca do mundo burguês e urbano, um sólido costume de descanso e ócio por alguns dias ou semanas. (FLORES, 2005, p.151).

Fazendo a reflexão do que ele mesmo propõe, Flores pensa e explica um turismo outrora romantizado como “o ócio das altas rodas de poder” (FLORES, 2005, p.152) chegando até ao esnobismo aristocrático que com o fluxo dos capitais e da intensificação das práticas de

capitalismo concorrencial emerge-se como uma indústria de invenção da própria modernidade presente cada vez mais nos nichos de consumismo burguês compreendido em autores como Hobsbawm (2005).

Esse turismo comercial, segundo o autor, cresce concomitantemente com o capitalismo industrial (com o fenômeno econômico) chegando às massas trabalhadoras como “pequenas excussões mecanizadas” a partir do “turismo organizado” expressando-se até em um turismo religioso que “profana-se” em mercadoria (FLORES, 2005, p.152).

Neste exercício o autor, também, se apropria da concepção braudeliana de entender a história do capitalismo em suas marés sucessivas de fluxos e refluxos e de uma revolução industrial de rupturas, de modo a organizar e sugerir nos estudos da turismologia os seguintes postulados:

1) o turismo de mercado tem como referenciais históricos as hierarquias sociais do dinheiro e do trabalho (o presente se apropria do passado); 2) o turismo material se consolida pelas orientações políticas e hierarquias das matrizes culturais, patrimoniais e memorialísticas (o presente celebra o passado); e 3) o turismo excepcional do alto capitalismo constitui atividade exclusiva (monopolista) das elites patronais, detentoras das grandes fortunas, e das hierarquias estatais, responsáveis em parte pela venda da história (o presente esnoba o passado). (FLORES, 2005, p. 148-149).

Fica assim, evidente, nesta ótica, a compreensão do fenômeno do turismo na compreensão do fenômeno do capitalismo, pois como o próprio autor destaca, “[...] não há turismo fora do padrão capitalista de acumulação” (FLORES, 2005, p.148).

Convenhamos que em Pipa essa compreensão de turismo é aplicável, expressando-se no destaque das relações de mercado; nas visíveis divisões de classes que se estabeleceram com a chegada do fenômeno na região; na caracterização da paisagem; da terra e dos corpos como mercadorias. Mas, tentando transcender a visão dicotômica, porém não a desprezando nesta compreensão, vemos alguns trabalhos que nos permitem ir um pouco mais além.

Em seus estudos, Scótolto e Netto (2015) consideram três óticas distintas na compreensão do turismo, sendo essas: a visão leiga que entende o turismo como descanso ou viagem de férias; a visão empresarial, na qual turismo é visto como a oportunidade de lucros e rendas por meio dos serviços oferecidos ao turista e a visão acadêmico-científica que entende que o turismo pode estar relacionado, também, a possibilidade de desenvolvimento cultural e inclusão social, e acrescentemos aqui, a visão do habitante local, influenciado direto e indiretamente pela a atividade do turismo. Entendemos que tais visões não excluem uma à outra, mas se complementam. Devemos, então, buscar uma eficiência na coordenação e na integração

entre os atores do turismo que possuem essas distintas visões (SCÓTOLO; NETTO, 2015).

Nesta perspectiva os autores, assim como Gomes (2013), propõem algumas orientações acerca da criação de um ambiente não só em sua estrutura física, mas sociocultural, preparado para receber o fenômeno do turismo de forma que contribua para o local, considerando a cultura, identidade e tradições do lugar.

Neste contexto, o nativo assume o *status* de ator principal, pois se compreende que o turismo pode contribuir para o desenvolvimento local considerando não apenas as questões econômicas, mas as tradições, identidade e autenticidades do lugar, desde que planejado e executado a partir das expectativas e capacidades dos sujeitos que nele vive. Esse princípio faz parte do modelo e conceito de Desenvolvimento Local endógeno (DLe), que especificamente “[...] refere-se ao desenvolvimento que acontece a partir do interior, partindo dos interesses de seus habitantes e considerando suas capacidades e habilidades” (SCÓTOLO; PANOSSO, 2015, p. 45-46).

No DLe as ações, gestões dos recursos e propostas ligadas ao turismo, partem da comunidade para a comunidade de maneira consciente e sustentável, em que recursos naturais e culturais são preservados e onde grande parte dos valores gerados são realocados na própria comunidade, oferecendo melhor qualidade de vida para a população local e ainda contribuindo para o sentimento de pertencimento dos nativos ao lugar, como assinala Scótole e Panosso (2015, p.46-47):

O desenvolvimento local que parte dos interesses internos da comunidade e que é planejado e executado por seus membros, contribui para o sentimento de pertença dos indivíduos ali estabelecidos, fortalecendo os laços comunitários e o cuidado para a preservação de suas características naturais e culturais.

Assim sendo, podemos dizer que a partir do DLe o fenômeno discutido toma forma de um tipo de turismo comunitário em que fica claro a participação dos arranjos locais para a decisão de implementação de projetos turísticos na região.

Todavia, é conveniente esclarecer que mesmo partindo do interesse endógeno, o DLe não trata da desqualificação de projetos, planos e auxílios exógenos, isto é, exteriores à comunidade como, por exemplo, algumas diretrizes éticas provenientes da OMT, mas trata-se de viabilizar um foco especial em “[...] desenvolver o turismo guiado por valores locais e orientado para a minimização das agressões à cultura local e ao ambiente natural – lugar de moradia do autóctone” (SCATÓLO; PANOSSO, 2015, p.48).

No tocante a Pipa, podemos dizer que temos o registro de algumas tentativas de implementação do turismo que parte de alguns dos princípios propostos pelo desenvolvimento

local endógeno, a citar as ações do Programa DEL-Turismo, que consiste em:

O Programa foi implantado no Rio Grande do Norte por meio de uma parceria entre a Fecomércio RN, FASISC-SC, Federasul-RS, Ministério Federal [...]. Com adaptações focadas no fortalecimento do turismo local, a iniciativa oferece um intercâmbio de conhecimentos entre os municípios do RN e a Alemanha, além de promover treinamentos focados no desenvolvimento de ações voltadas à sustentabilidade e governança municipal de cada destino turístico. (SENAC, 2020, p.1).

As ações do DEL, no município de Tibau do Sul, da qual Pipa é distrito, começaram no ano de 2019. Desde então, na região o programa busca a implementação de um modelo de gestão focado no desenvolvimento sustentável do turismo sob consultoria de equipes técnicas do Senac/RN.

A partir das ações do DEL o município de Tibau do Sul vem “coleccionando” algumas premiações internacionais como a “certificação prata”, conquistada pela primeira vez na América Latina durante o *Green Destinations Story Awards 2021*, pelas boas práticas de sustentabilidade executadas no Santuário Ecológico de Pipa. De acordo com Marcelo Queiroz, presidente do Sistema Fecomércio RN, esses reconhecimentos comprovam “[...] a eficiência e a eficácia do trabalho desenvolvido pelo Sistema Fecomércio RN, por meio do programa DEL. Um trabalho feito de forma colaborativa e que tem projetado o nome do nosso estado como referência mundial neste tema.” (FECOMÉRCIO RN, 2021, p.1).

Para ficar mais claro como funciona o DEL, podemos dizer que o mesmo é estruturado com base em um Conselho e várias Câmaras Técnicas que une setores de diferentes segmentos do lugar, referentes a repartições públicas ou de iniciativa privada, em busca do desenvolvimento de um turismo sustentável. No DEL, além do conselho de turismo, existem várias câmaras técnicas, dentre essas a câmara temática da Saúde; da Segurança; do Destino Harmônico, da Educação e Cultura.

No início de 2020 fui convidada para participar da CT Educação e Cultura, nessa oportunidade foi possível entender de perto o funcionamento desse programa. Na ocasião foi solicitado a Câmara de Educação e Cultura o levantamento das atividades artesanais e culturais da região, neste momento um fato não pode passar despercebido, a solicitação do levantamento das atividades que mais geravam rendas e atraíam os turistas.

Então, o que parece é que temos na realidade um “loop”, em que vemos novamente a transformação do turismo em mercadoria, em certos casos, sob o título de “turismo

sustentável”<sup>4</sup>; temos uma coisa “só para turista vê”, um “pseudoevento” e junto a este a perda da autenticidade (SCATÓLO; PANOSSO, 2015).

Voltemos propositalmente para Flores (2005), este nos permite entender que mais do que um nome da moda de turismo sustentável, em situações como a de Pipa, precisamos de um turismo democrático, que não existirá sem uma revolução das mentalidades, a partir das gestões municipais.

Ora, do sustentável ao democrático é evidente a necessidade da população local saber lidar com esse fenômeno, pois suas influências no cotidiano são visíveis e até palpáveis, como explicado até agora, mas digo que esta revolução das mentalidades não pode se limitar como resposta a um fenômeno, e muito menos partir tão somente das gestões municipais, é algo maior, em que nos faz pensar qual o papel do ensino nessa história.

---

<sup>4</sup> O Turismo Sustentável é o conceito de turismo que busca atender as necessidades do turista e da comunidade receptora baseando-se em três pilares ou dimensões: ambiental, sociocultural e econômico. Segundo a OMT o Turismo Sustentável “[...]é o que leva plenamente em conta seus impactos econômicos, sociais e ambientais atuais e futuros, atendendo às necessidades dos visitantes, da indústria, do meio ambiente e das comunidades anfitriãs” (OMT, 2022, p.1).

### 3. EM BUSCA DE UMA PIPA SENSÍVEL

*Desde a época de 80  
Que a Pipa está no ar  
Começaram as construções  
E tão cedo não vão parar.  
É do Madeira ao Galhardo  
É da Pedra d'Água para cá  
É desde aquele momento  
Que se constrói sem parar.*

(Francisco Fernandes Marinho)

Pipa, é mais que a concretude e as relações sociais visíveis oriundas do fenômeno do turismo em seu desdobramento em fenômenos *urbes* diante dos olhos de quem a observa.

Mais do que um espaço onde o fenômeno do turismo se expressa no material e social, lugares quando entendidos, compreendidos e sentidos, têm seus significados, possuem sensibilidade.

Isso porque um espaço, por vezes configurado em cidade, tem mais do que uma história cronológica de evolução de governos e acontecimentos marcantes para contar e saber, é a expressão das dinâmicas das relações dos grupos sociais que ali se estabelecem, mas é também, como bem dissera Sandra Jatahy Pesavento, “Sensibilidade”.

Ruas; bairros; antigas vilas de pescadores; cidades são expressão do cultural, imaginário, significativo; constituem-se, também, em um fenômeno que revela emoções, sentimentos, utopias, esperanças, desejos, medos individuais e coletivos (PESAVENTO, 2007).

Assim, mais do que a representação de um lugar para turista ver, Pipa, também, pode ser, e é, o lugar de representação do vivido, dos desejos, expressões, sentimentos, dos que lá antes estavam.

Em seu trabalho *Cidades visíveis, cidades sensíveis, cidades imaginárias*, Pesavento ao escrever sobre cidades afirma algo importante para essa reflexão. De acordo com a autora:

É, sobretudo, essa dimensão da sensibilidade que cabe recuperar para os efeitos da emergência de uma história cultural urbana: trata-se de buscar essa cidade que é fruto do pensamento, como uma cidade sensível e uma cidade pensada, urbes que são capazes de se apresentarem mais ‘reais’ à percepção de seus habitantes e passantes do que o tal referente urbano na sua materialidade e em seu tecido social concreto. Sem dúvida, essa cidade sensível é uma cidade imaginária construída pelo pensamento e que identifica, classifica e qualifica o traçado, a forma, o volume, as práticas e os atores desse espaço urbano vivido e visível [...]. A cidade sensível é aquela responsável pela atribuição de sentidos e significados ao espaço e ao tempo que se realizam na e por causa da cidade. É por esse processo mental de abordagem que o espaço se transforma em lugar, ou seja, portador de um significado e de uma memória. (PESAVENTO, 2007, p.14-15).

Como a autora discursa sobre a necessária busca de uma cidade sensível, digo-vos aqui, também, sobre a busca de uma Pipa sensível, de representações, de suas emoções, sentimentos, significados e memórias.

E para se chegar a essa Pipa, invoquemos a própria memória como a ênfase desse pleonasma, pois a memória é uma representação do passado; “[...] é uma recriação constante do presente, do passado enquanto representação, enquanto imagem impressa na mente” (FUNARI, 2003, p. 16).

E nessa imagem do passado impressa, mas não estática, mas sim dinâmica, é que temos acesso também a outras representações de Pipa, que não é só a turística, mas a dos pescadores, das rendeiras, dos grupos de zambês, dos nativos/locais. Uma memória subterrânea passa emergir com isto; memórias marginalizadas como dissera Pollak, em *Memória, Esquecimento, Silêncio*, mas com sua licença, digo neste caso, no sentido do que ainda não foi dito ou reconhecido.

Nessa evocação de memórias, construímos a nossa identidade pois,

[...] memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si. (POLLAK, 1992, p.204).

Assim, essa busca pela Pipa sensível constitui-se em um processo de aceção, de reconhecimento, de pertencimento, de identificação, composto pelos registros do mundo material, mas também por aqueles advindos da esfera do imaterial, depositados na memória,

nas tradições, na rememoração das vivências passadas, no mundo das coisas que precisam ser ditas (PESAVENTO, 2007).

Logo, essa busca nos revela a memória e identidade como objeto de disputa, visto que memória e identidade são valores disputados em conflitos sociais e intergrupais (POLLAK, 1992), e a necessidade de um caminho para se pensar e entender Pipa em suas múltiplas memórias e identidades.

### 3.1 MEMÓRIAS DA NOSSA PIPA E O SUGESTIONAR DE UMA MULTITERRITORIALIDADE

Na jornada do ProfHistória nos encontramos com saberes e reflexões que se unem aos pensamentos anteriores construindo novos conhecimentos.

Nesta jornada tive o prazer de me encontrar em disciplinas como a de *Território e Identidade*, onde pude conhecer e aprender mais. O contato com outros pensamentos, autores, discursos e falas proporcionado, me fizeram refletir sobre as minhas práticas como professora de história, sobre os desafios que envolvem ensinar durante a pandemia que estamos vivenciando e o projeto concebido.

Não vou tentar trazer com propriedade, que não tenho, todos os maravilhosos autores que tive o deleite de conhecer durante a disciplina, existem autores que não podem ser apenas citados ou encaixados em um texto tamanha sua intensidade. Mas de todos os autores Rogerio Haesbaert (2021) é um dos que me arrisco a descortinar alguns diálogos, sobre alguns pontos relacionados direto ou indiretamente com o projeto Memórias da nossa Pipa, que até então não pensara antes desse contato.

#### 3.1.1 Alguns diálogos

O primeiro ponto a destacar seria de caráter mais geral, que de fato afetara o projeto pretendido, mas que também afeta diretamente a sociedade e o ensino da escola pública no Brasil.

Para falarmos sobre, pensemos a princípio a noção de desterritorialização desvelado por Haesbaert em obras como *O mito da desterritorialização: do fim dos territórios à multiterritorialidade* e *Território e descolonialidade: sobre o giro (multi)*

*territorial/de(s)colonial na América Latina.*

Segundo o autor, para pensar em desterritorialização é essencial que se discuta e se faça entender o conceito de território a que se refere, pois, este é um termo de caráter polissêmico, presente em vários discursos e que abre um leque de conotações que podem ser utilizadas em diversas áreas, disciplinas e circunstâncias (HAESBAERT, 2011).

Assim, por exemplo, no contexto da América Latina, desterritorialização pode ser compreendida como a ameaça e perda de controle do território de um certo grupo e em casos extremos sobre a própria condição de vida das pessoas que constituem esse grupo. Desta maneira, segundo Haesbaert, na América Latina, desterritorialização,

[...] vem associada muito mais às dinâmicas de despojo, espoliação e/ou expropriação territorial, em suma, à precarização social dos grupos subalternos do que à simples mobilidade dos grupos hegemônicos, com a qual desterritorialização é frequentemente associada em muitos discursos eurocentrados. (HAESBAERT, 2011, p.269).

Com isto, na realidade latino-americana desterritorialização assume um caráter que chega a precariedade, desigualdade e segregação socioespacial de grupos humanos.

Ainda sobre a desterritorialização, o autor irá explicar que temos duas possibilidades de resgate de sua concepção.

Uma das concepções de desterritorialização seria a de caráter mais amplo, entendida geograficamente e socialmente como o processo de saída, abandono, destruição ou debilitamento territorial-social.

A outra, seria de caráter mais estrito, também entendida geograficamente e socialmente como a perda do controle territorial.

As duas concepções coexistem, como já observado no nosso caso, na América Latina as duas concepções se destacam em evidências históricas, sociais passadas e atuais.

Feita esta retomada sucinta de conceitos teóricos necessários para nos situarmos, prossigamos.

As angústias vivenciadas quanto ao advento da Covid-19, suas implicações na/para execução do projeto Memórias da nossa Pipa, e no processo de ensino-aprendizagem, me fizeram pensar mais sobre a realidade no Brasil desde a chegada deste vírus e entender que vivenciamos um processo de desterritorialização dos nossos territórios sociais, culturais e educacionais. Estaríamos usando uma das numerosas extensões metafóricas e simbólicas de desterritorialização, de acordo com Albert e Kouvouama (2013) mas, não resta dúvida, sobre a relevância desse conceito hoje.

Se tínhamos, antes da pandemia, um território que outrora os mais favorecidos poderiam ter e estar (lugares e espaços desejados, viagens para o exterior, hospedagem em resorts de luxos, idas aos museus, exposições culturais, dentre outros), tínhamos os menos favorecidos privados e impedidos, dados as suas condições sócio-culturais, de estarem nesses territórios com os mesmos privilégios. Nisto, durante a pandemia tivemos quase uma inversão dessas circunstâncias, no sentido em que os mais favorecidos, agora, poderiam estar em casa e os menos favorecidos deveriam não estar em casa.

Teríamos nessa perspectiva uma desterritorialização dos que antes mostravam seu *status* no poder mover-se nesses territórios privilegiados e que durante a pandemia se reterritorializam em casa para não se contaminarem com um vírus e paralelo a isto, ou sucessivamente, uma desterritorialização dos desfavorecidos dos seus próprios lares para se reterritorializarem nos lugares “cá fora” e, assim, sobreviverem e servirem aos que podem ficar em casa.

Aqui podemos dizer que temos uma questão social relevante, que nos torna mais sensíveis ao percebê-la, para ser mais enfática temos, na realidade, uma precarização social dos grupos desfavorecidos que deveriam minimamente terem suas vidas não postas em risco estando em casa amparadas, por, no mínimo, algum auxílio governamental, dignamente humano, no início da pandemia.

Se movendo para o campo da educação vemos algo tão tormentoso quanto. Se antes os alunos das escolas públicas deste país tinham a escola física como um de seus territórios, espaço de convivência, socialização, aprendizagem e por vezes de subsistência, quando pensamos que muitos realizavam suas refeições principais nas escolas, diante desta pandemia estes, também, foram desterritorializados.

Poderia dizer que muitos desses alunos foram reterritorializados nos ambientes virtuais do ensino remoto, mas essa realidade foi tangível para os poucos deste país. Infelizmente, não foram todos os alunos de escola pública que conseguiram se inserir nesse sistema de ensino (o que jamais justificaria um retorno às aulas presenciais sem a imunização de professores e alunos).

A grande parcela desses alunos, durante as aulas remotas não possuíam dispositivos para terem acesso às aulas, quando existia o dispositivo, geralmente, era um celular que pertencia ao responsável e que era usado para o trabalho e na maioria das vezes sem acesso à internet própria.

Podíamos olhar à nossa volta e vermos tudo isso acontecendo. Como professora foi possível ter uma visão, quase panorâmica, das realidades de cada distrito do município, no tocante ao ensino remoto em tempos de pandemia. Se em Pipa tínhamos uma parcela

considerável de alunos com acesso à internet, com celular e computador, para participarem das aulas remotas, em outros distritos do mesmo município grande parte dos alunos não possuíam esses recursos.

Os professores, em um misto de malabarismo e capacidades frente às circunstâncias, buscavam imprimir as atividades em uma tentativa de viabilizar o acesso mínimo ao conhecimento. Aparentemente, a ideia atendia os alunos do Ensino Fundamental Anos Finais, visto que esses alunos já possuíam certa autonomia na aprendizagem, entretanto com relação aos alunos da educação infantil era quase um desastre, pela considerável parcela dos pais não possuírem tempo para ensinar, pois precisam trabalhar para não passarem fome, ou por fazerem parte dos 11 milhões de brasileiros, segundo o IBGE, que ainda não sabem ler e escrever (NETO 2018), impossibilitando que ensinassem seus próprios filhos. Teríamos, então, neste caso, novamente a precarização dos grupos subalternos.

Ainda sobre territorialização e desterritorialização, vemos em Pipa um forte exemplo destes processos que vão desde as esferas geográficas, ambientais e demográficas, como as alterações na paisagem natural, perpassando pelo campo das relações sociais, como as relações de trabalho, até o campo da semântica, como abordado no Capítulo 2 deste trabalho.

Desta maneira, a exemplo, temos a desterritorialização dos nativos, que outrora residiam no centro de Pipa, mas ao venderem suas terras e propriedades, a princípio a preços abaixo do mercado, aos empreendedores das redes de hotelaria e restaurantes, e outros tipos de comércios, tiveram que se reterritorializarem nas áreas periféricas distantes do centro. Lembremos, também, da desterritorialização dos nativos, donos de seus próprios instrumentos de produção (barco e rede para pesca, terra para plantação e casas de farinha) que se reterritorializaram nas atividades de recepcionista, garçom, auxiliar de cozinha ou camareiro, passando a ter renda mensal dependente das redes de hotelarias, das agências de turismo e restaurantes. Chegamos, então, ao segundo ponto deste diálogo.

Como salientado anteriormente, o projeto Memórias da nossa Pipa buscou despertar nos estudantes da Escola Municipal Vicência Castelo o sentimento de pertencimento ao lugar, favorecendo o desenvolvimento de suas identidades, memórias e consciência histórica.

Sobre a questão da identidade, Claval (2011) argumenta que a construção do indivíduo como ser social se traduz pelo nascimento de sentidos de identidade. De acordo com o autor:

Um aspecto importante da construção do indivíduo é a formação da sua identidade, uma identidade que sempre tem várias dimensões, porque ela é individual e coletiva, é que existe muitas vezes um encaixamento das identidades coletivas. Eu sou diferente dos outros, do meu pai, da minha mãe, dos meus irmãos e irmãs, mas faço parte da mesma família. Tenho sentido de fazer parte de um grupo local, e ser diferente da gente de fora. (CLAVAL, 2011,

p.17).

Como Schmidt e Garcia (2005), já evocadas neste texto, Claval também mostrará preocupação com a formação de identidades que suscitem, também, a formação de uma consciência coletiva no processo de construção do indivíduo. Certamente, vejo que esta não foi uma tarefa fácil neste projeto, pois como já mencionado no tocante a identidade, o estrangeiro em Pipa é o mais admirado e conhecido.

Mas, no desafio desta tarefa, quero e devo esclarecer, enfim, que não buscamos fazer uma substituição, ou supervalorização, de uma identidade em detrimento da outra, certa vez que essa assimilação dos moradores de Pipa da cultura estrangeira é, e faz, parte hoje da identidade dos mesmos, porém se tornou interessante, também, propormos um trabalho de valorização e desenvolvimento da história, memória e identidade local, para que não ocorresse o reverso.

Estejamos, também, ciente, mesmo com uma introdução aparentemente memorialista e saudosista, que não procuramos nesta tarefa e projeto fazer um “resgate” da cultura passada de Pipa e muito menos fazer uma “descolonização” do que hoje é rota mundial de turismo para voltar a ser aquela bucólica vila de pescadores, pois como lembrara Haesbaert ao citar Mezzadra e Neilson (2016, p. 4): “Por lo tanto, el objetivo del proceso de “descolonización” no puede significar la vuelta al status quo anterior, ni a un ideal bucólico y romántico de culturas “no contaminadas”.

Sugerimos, então, neste projeto o que pude encontrar nas leituras dos escritos de Rogerio Haesbaert: a promoção de uma multiterritorialidade em um desdobramento para uma multiculturalidade, não no sentido genérico e relativista, mas no sentido de realidades múltiplas e em perpétua evolução, como também afirmara Claval (2011) e, ainda, o incentivo às “multidentidades” (usando uma das numerosas extensões metafóricas e simbólicas aplicadas à multiterritorialidade).

Assim sendo, lembremos rapidamente do conceito de multiterritorialidade presente nos trabalhos de Haesbaert. Segundo o autor multiterritorialidade,

[...] sublinha a propriedade mais ampla que, a partir da existência de uma multiplicidade de territórios, possibilita usufruir desses diversos territórios ou transitar entre eles – eles próprios também, de alguma forma, vistos internamente como “plurais”. (HAESBAERT, 2021, p.336).

Nesta lembrança, consideramos que uma forma de reconhecer a cultura ou identidade é pela marcação dela no território e se temos uma multiplicidade de territórios, subtende-se que temos uma realidade múltipla de culturas e identidades.

Em Pipa, podemos fazer com mais facilidade, essa leitura da cultura e identidade por meio de suas dimensões materiais no território físico, visíveis, por exemplos, nos hotéis, nas galerias em estilo grego, nas lojas ou nos restaurantes de cozinhas estrangeiras<sup>5</sup>. Tudo isso, expresso e exemplificado nas suas dimensões materiais, pode ser entendido como a singularidade de Pipa; a combinação de diversas influências de diversas partes do mundo, como, também, pode ser tudo isso, na visão rasa de quem só visita praia da Pipa, o *multi*.

Mas, para quem conhece o lugar sabe que dentro disto não vemos um plural ainda, mas um *mono*; uma *monocultura*, tentando fazer alusão ao que dissera Vandana Shiva<sup>6</sup>.

E nessa “monocultura” do estrangeiro em Pipa, onde está e onde se move o nativo? Ora, encontra-se em um dos nossos principais e mais férteis territórios: na memória, dos próprios nativos/locais de Pipa que, também, se expressa na fala do pescador, no trabalho da rendeira de Bilro, nas imagens e representações de Pipa ou na sonoridade do nosso Zambê<sup>7</sup>. A identidade e singularidade cultural do lugar chamado Pipa, também, estão presentes nesses lugares.

Desta forma, concluímos esta seção na proposta de pensarmos mais nas relações dialógicas entre culturas, territórios e identidades/identificações, como se faz necessário em Pipa; na proposta de uma experiência direta e qualitativa com o outro; na re-territorialização dos alunos desterritorializados; no sugerir de uma multiterritorialidade, multiculturalidade e *multidentidades*.

Por ora, com a notícia que as aulas presenciais na EMVC retornariam no mês de outubro de 2021 confirmada, apesar dos riscos e medos da volta ao ambiente escolar devido a pandemia da Covid-19, significou não só o retorno a um espaço físico, ao chão da escola, mas o momento de enfrentamento das disparidades sociais, da abrupta exclusão dos estudantes que não tiveram

---

<sup>5</sup> Também podemos fazer a leitura do imaginário social e cultural nessas mesmas dimensões materiais, sim, pois a potência criadora do imaginário não é concebida num vazio de ideias, coisas ou sensações, existe o “fio terra” (Pesavento, 2007) que o liga a realidade e que nos faz apreciar a realidade tangível, e que não exclui a busca, neste caso pela Pipa sensível ressaltada no início deste Capítulo 3, mas que nos faz entender a interação entre real e imaginário; concreto pensado e concreto real.

<sup>6</sup> Em *Monoculturas da Mente: perspectivas da biodiversidade e da biotecnologia*, a autora e filósofa Vandana Shiva questiona o processo denominado por ela de “monoculturas da mente” em que a diversidade desaparece da percepção humana. Essa monocultura se inicia na mente para depois chegar ao solo. Diante disso, ela salienta ser necessário adotarmos a diversidade como forma de pensar como um contexto de ação, possibilitando o surgimento de muitas opções.

<sup>7</sup> A brincadeira do Coco de Zambê, também conhecida popularmente como Coco de Roda é conhecida em Tibau do Sul, principalmente nos distritos de Pipa, Cabeceiras e Sibaúma, suas origens na região remontam ao quilombo que existia no passado em Sibaúma. O Coco Zambê, envolve cantos, músicas e poesias orais guardado na memória dos cantadores de coco (ou mestre embolador) e dos participantes que dançam, cantam e tocam instrumentos de percussão, como o “zambê” e o “chamá”.

acesso às aulas virtuais ao longo desta pandemia, como, também, o momento de implementação do projeto Memórias da nossa Pipa.

Logo, neste trabalho de desenvolvimento e valorização das memórias e identidades de Pipa pelos estudantes da escola Municipal Vicência Castelo, as imagens revelaram-se em possibilidades.

#### 4. MEMÓRIAS DA NOSSA PIPA: IMAGENS E POSSIBILIDADES

*“Imagens nos permitem  
‘imaginar’ o passado  
de forma mais vivida.”*

(Peter Burke)

*“Imagens povoam nossa memória  
que rememora o passado,  
imagens se oferecem a nossos olhos  
na cotidianidade da vida,  
imagens embalam os nossos sonhos  
e avatares do futuro,  
imagens ocupam nosso universo mental  
quando ativamos nossa capacidade  
de criar, transformar e pensar  
um mundo diferente  
daquele em que vivemos.”*

(Sandra Jatahy Pesavento)

As imagens são capazes de fazer o estado da alma não suscetível de comoção ou interesse dificilmente permanecer apático diante delas.

Isso porque, a imagem tem uma relação íntima com o ser humano maior do que a escrita, e se nesse cosmo resolvêssemos em hierarquia de importância dar o seu lugar, seria acima da escrita, porém, não se pretende fazer aqui o que já se faz em oposto. Mas, é evidente, ou pelo menos deveria ser, que seu poder está bem mais além.

Esse poder não se limita a nossa visão, pois a imagem pode despertar em mim tristeza ao ver, por exemplo, a foto da menina vietnamita Kim Phuc; ternura, como quando

contemplamos uma mãe acalentando um filho em seus braços; medo; repulsa ou agonia, como um tripofóbico diante de imagens de buracos e padrões geométricos irregulares ou regulares agrupados.

Assim, elas estão mais além, em um lugar que não se limita a apenas uma ordem, um estado, um sentido, mas ainda não a entendemos, não aprendemos ou compreendemos em suas complexidades.

Um exemplo, do poder das imagens, e de que ainda carecemos de sua profunda compreensão, é o intrigante caso que envolve o armazenamento dos lixos nucleares.

Existe uma questão que envolve o caso do armazenamento desse tipo de resíduo em todo mundo: a de como garantir que as civilizações futuras não entrem nesses repositórios nucleares e conseqüentemente liberem todo o material radioativo.

Pensando nisso, no ano de 1992 os Estados Unidos formaram uma comissão com especialistas de várias áreas, dentre esses linguistas, astrônomos e antropólogos, a fim de criar uma maneira efetiva de sinalizar, por pelo menos 10 mil anos, uma dessas “heranças” da nossa geração para a futura: o depósito nuclear de WIPP, localizado no Novo México.

Entre as inúmeras propostas foi sugerido que fosse colocado sobre o repositório a imagem da caveira com os ossos cruzados. Sugestão que foi descartada, pois se para nós essa imagem pode ser um símbolo de perigo, tal significado, talvez, não seja o mesmo daqui a centenas de anos, como ainda não é para a cultura mexicana, por exemplo (BARRUECO, 2020).

Considerando a curiosa natureza humana, a equipe de especialistas começou a cogitar algo mais complexo para que a violação do lugar não aconteça no futuro. Então, tiveram a ideia de acima do repositório radioativo construir uma imensa paisagem de espinhos.

O intuito dessa construção seria o de passar para os homens uma sensação sombria, melancólica e repelente. E para que não viessem fazer do repositório um lugar de curiosidade. No local deveria ter, também, uma mensagem de alerta e perigo; uma mensagem não verbal capaz de ser entendida no futuro (BARRUECO, 2020).

Notamos que o repositório nuclear é uma das muitas realidades problemáticas da humanidade que nos leva a refletir sobre várias outras situações. A respeito deste caso, foram levantadas várias sugestões, das mais simplórias às mais mirabolantes, das quais não se pretende discutir aqui.

Mas, o que realmente desejo, neste momento, é usar a questão do repositório radioativo como exemplo na tentativa introdutória na compreensão da imagem e no seu uso no projeto Memórias da nossa Pipa.

Neste caso, vemos que a imagem para as gerações futuras poderia ter uma chance maior

de entendimento do que a escrita, não inferiorizando a escrita ou subestimando a capacidade dos homens futuros de interpretá-la, mas considerando o fato desta estar em constantes processos de modificações. Contudo, pensemos: seria a imagem uma mensagem imutável?

Ao menos, até agora, e como vimos no exemplo do símbolo da caveira com ossos cruzados, não.

A imagem tem um alcance maior no espaço-tempo e no homem, mas não é imutável ou universal, pelos seus múltiplos significados e sentidos atrelados a contextos que se movem. Sabemos disso, mas ainda não compreendemos, pois caso compreendêssemos não teríamos dificuldade de passar por meio de imagens a mensagem eficiente de alerta de perigo de armazenamento de dejetos radioativos para as gerações futuras.

Mas o estar além não nos impede de refletir sobre as imagens, ou mediocrementemente reduzi-las, pois ante o simples ou que se diz “culto” a imagem, seja esta no conceber ou no deslumbre, nos move, nos toca, nos faz pensar, sentir, agir, e nisto, e mais além, quem sabe, estaria então, aí, essa relação de intimidade da imagem com o homem em uma recíproca que ainda carece. Seria isso parte evidente do seu poder, ou melhor, dos seus poderes como falara Freedberg (1992, p.19):

Las personas se excitan sexualmente cuando contemplan pinturas y esculturas; las rompen, las mutilan, las besan, lloran ante ellas y emprenden viajes para llegar hasta donde están; se sienten calmadas por ellas, emocionadas e incitadas a la revuelta.

Este poder da imagem que se faz múltiplo, como ressalta Freedberg, vem se mostrando ao longo de toda história humana. Do consolo à inspiração, conhecimento até à coerção, temos a imagem no exercício do seu poder ao longo dos tempos.

Se sabemos disso, devemos muito desse saber, até agora descortinado e simploriamente exposto aqui, aos estudos mais intensos a respeito da imagem advindos da Antropologia e Sociologia Visual. A Antropologia, por exemplo, dentre as ciências humanas e sociais, é a que mais cedo descobriu “[...] o valor cognitivo dos registros visuais, em particular servindo-se do desenho e, muito mais ainda, da fotografia, posteriormente acompanhada do filme (mudo e sonoro) e do vídeo” (MENESES, 2003, p.16).

No entanto, se temos na Antropologia e Sociologia Visual estudos mais evoluídos sobre a imagem, não se pode dizer o mesmo quanto a História. Há quem diga que a relação entre o historiador e a imagem não é uma das melhores, é como se o conhecido ditado “mais vale uma imagem do que mil palavras” não fizesse o menor sentido para parte de nós historiadores. A respeito disto ressalta Meneses (2003, p.20): “[...] vale notar que é preciso evitar ilusões: a História, como disciplina, continua à margem dos esforços realizados no campo das demais

ciências humanas e sociais, no que se refere não só a fontes visuais, como à problemática básica da visualidade.”

Essa marginalização da História no tocante às fontes visuais e principalmente na problemática da visualidade (no sentido cognitivo da imagem) explica-se basicamente no fato da área, ainda hoje, privilegiar o uso da imagem como mera ilustração. Sua função seria a de confirmação do conhecimento oriundo de outras fontes, na pior das existências, a de uso estético para reforçar o texto considerado ainda uma tipologia superior.

Esse tratamento raso que nós historiadores damos as imagens será discutido não só por Meneses (2003), mas por autores como Chiara Vangelista, ao afirmar que as imagens, precisamente as fotografia, “[...] ainda custa para conquistar atenção mais cuidadosa dos historiadores, os quais [...] a utilizam mais como ilustração que como objeto de estudo específico” (2008, p.48), e por autores como Peter Burke, ao destacar, em sua obra *Testemunha ocular: história e imagem*, que os historiadores ao utilizarem imagens “[...] tendem a tratá-las como meras ilustrações, reproduzindo-as nos livros sem comentários [...] em vez de oferecer novas respostas ou suscitar novas questões” (2004, p.12).

Gostaria de afirmar que esse tratamento superficial para com as evidências visuais não é o mesmo no contexto da educação básica, mas perpassando os muros acadêmicos e científicos temos a sua réplica.

No dia a dia da sala aula nos encontramos condicionados a cumprir os conteúdos exigidos através de textos escritos, leituras e atividades repetitivas, onde as imagens, presentes nos livros didáticos que usamos e que dividem o espaço ilustrativo com o slide que criamos, geralmente passam despercebidas e pouco inclusas em nossos planejamentos carecendo de trabalhos mais profundos de maneira a possibilitar aos alunos um debruça-se sobre estas em análises mais significativas. Assim, nós professores de história, que ocupamos os espaços da Educação Básica, ainda fazemos o mesmo uso raso das imagens em nossas aulas.

Desta maneira, este projeto procurou fazer o uso de imagens de forma mais profunda, como evidência que é na/para a construção e valorização do saber histórico, das memórias e identidades de Pipa. Com isto, temos neste projeto e na essência deste Curso o desafio da produção que parte, desta vez, do espaço escolar ou invés do acadêmico/científico, pois se temos ainda uma replicação do uso raso da imagem de alguns dos espaços científicos/acadêmicos para a sala de aula da educação básica, podemos ter a inovação que parte deste último espaço, pois, também, é lugar de produção de conhecimento.

Todavia, é mister esclarecer que não se deve desprezar os esforços, ainda em desenvolvimento, do que já foi vislumbrado pelas produções científicas no tocante as reflexões

sobre a marginalização da própria história no uso das fontes visuais; na relação entre historiador e imagens e possíveis caminhos para a construção de análises mais profunda dessa evidência, nos servindo de luzes para este começo.

O autor e historiador já citado David Freedberg, em sua obra *El poder de las imágenes* traz a seguinte reflexão acerca do uso das fontes visuais pelo historiador:

¿Que línea de actuación seguiremos entonces? La primera tarea deberá ser actuar como los etnógrafos y tomar buena nota de cuanto sea posible sobre todos los sectores de la sociedad; a continuación, proceder como los antropólogos de la cultura, prestando atención a un espectro de sociedades tan amplio como práctico. Con esto no negamos que las distintas clases responden de manera diferente o que los contextos sociales y culturales condicionan la respuesta; tampoco negamos que las imágenes están codificadas de forma que comunican determinadas cosas a culturas o grupo concretos (culturas o grupo de los que nacen esas imágenes). (FREEDBERG, 1992, p.41):

Freedberg nos conduz à compreensão de que a postura do historiador, diante das imagens, deve ser espelhada nos trabalhos de etnógrafos e antropólogos, em uma conjuntura cognitiva e emocional ao invés de dicotômica, abarcando todas as imagens visuais, não só as artísticas, em seus contextos sociais e culturais.

Meneses (2003) em seu artigo intitulado *Fontes visuais, cultura visual, História visual: balanço provisório, propostas cautelares*, irá argumentar que trabalhar historicamente com imagens obriga a percorrer o ciclo completo de sua produção, circulação e consumo, e ação isso porque de acordo com o autor:

As imagens não têm sentido em si, imanentes [...]. É a interação social que produz sentidos, mobilizando diferencialmente (no tempo, no espaço, nos lugares e circunstâncias sociais, nos agentes que intervêm) determinados atributos para dar existência social (sensorial) a sentidos e valores e fazê-los atuar [...]. É necessário tomar a imagem como um enunciado, que só se aprende na fala, em situação. Daí também a importância de retrazar a biografia, a carreira, a trajetória das imagens. (MENESES, 2003, p.28).

Na sua perspectiva entendemos a imagem não como o objeto de pesquisa, mas sim a sociedade em que está inserida, não descartando a possibilidade de uma dialética permanente entre as fontes visuais e as problemáticas históricas, com o predomínio desta última para então chegar ao nível de dimensão visual da sociedade.

Além de Freedberg e Meneses, não podemos esquecer de citar os esforços de alguns autores da dimensão da História Cultural, como Sandra Jatahy Pesavento e Alcides Freire Ramos, que demonstram em algumas de suas publicações, dentre essas as atreladas ao GT Nacional de

História Cultural da Anpuh, a importância do uso de tal evidência pelos historiadores, dado a impossibilidade de desenvolver suas pesquisas relativas a novos campos limitando-se aos documentos escritos, contribuindo, assim, para a nossa discussão e compreensão do uso mais profundo das imagens em história proposto neste projeto.

Em *Imagens na História*, Sandra Jatahy Pesavento de maneira sensível, discutirá as relações entre história e a imagem. Na obra, em que divide espaço com outros autores, cujo escritos proporcionam diversificadas perspectivas em relação aos sentidos das imagens, a autora trará uma interlocução entre a imagem e o campo da memória, como compreendido no trecho a seguir:

Imagens são, pois, traços de uma experiência sensorial e emotiva. Mas, para além da instância das sensações que produzem o efeito visual, as imagens são mentais, pois são fruto de uma percepção, o que nos remete aos processos da esfera cognitiva de apreendidas pela vista são postas em relação com nosso museu imaginário interior, no arquivo de memória que cada um carrega consigo. E, nesse processo, elas recebem uma carga de sentido que as permite perdurar na memória, podendo ser recuperadas pelo pensamento. (PESAVENTO, 2008, p.18).

Pesavento nos conduz ao maravilhoso mundo das imagens como território recente de campo de investigação do historiador, nos permitindo compreender a importância das imagens para a construção de nossa memória e identidade. Essas imagens não vos falam da história do passado como exatamente fora um dia, mas das ações humanas interpretadas, recriadas e representadas visualmente e mentalmente que carregam as sensações, emoções e memórias transmitidas como herança individual e coletiva.

A concepção apresentada pela autora foi ao encontro das pretensões do projeto Memórias da nossa Pipa, certa vez que foi trabalhado, com os alunos da EMVC, o uso das imagens antigas de Pipa, buscando-se mais do que um espetáculo do visual, mas o reconhecimento, a significação e a identificação em uma experiência sensorial, emotiva, cognitiva, representativa e rememorativa ante essas imagens.

Nessa interlocução não deixemos de lembrar das contribuições de Peter Burke, já mencionado neste texto. O autor, de *Testemunha ocular: história e imagem*, amplia a nossa visão sobre o uso das imagens como evidência na construção do saber histórico.

De acordo com Peter Burke, o desenvolvimento de pesquisas nos inovadores campos da história, como história das mentalidades; história da cultura material e da vida cotidiana só foram possíveis quando os historiadores não limitaram as suas pesquisas aos documentos escritos, passando a usar as imagens em seus trabalhos como evidência histórica (BURKE,

2004). Nesta reflexão inicial o autor nos encoraja ao uso das imagens em suas potencialidades como evidência histórica, mas, que lamentavelmente, como observado anteriormente, ainda tem sido utilizada por parte dos historiadores como “meras ilustrações” (BURKE, 2017, p.12).

Burke, também traz à discussão em seu trabalho o uso da terminologia “indício” na compreensão das imagens, contrapondo-se à ideia de “fontes”, certa vez que o termo “fonte”, segundo o autor, carrega consigo a metáfora ilusória da possibilidade de um relato passado que não seja “contaminado” (BURKE, 2017, p.16).

Desta forma, entendamos as imagens à luz dos escritos do autor, e do que fora discutido até agora, não como uma fonte que nos fala e nos conta uma história sobre um passado puro e intacto, mas como evidências sobre atitudes coletivas e individuais, sobre imaginário, memórias vivida” (BURKE, 2017, p. 17).

Todavia, é mister considerar no trabalho com as imagens, como bem coloca o autor de *Testemunha ocular*, a necessária crítica a evidência visual, pois “Para utilizar a evidência de imagens de forma segura, e de modo eficaz, é necessário como no caso de outros tipos de fontes estar conscientes de sua fragilidade” (BURKE, 2017, p. 18).

Mesmo o autor utilizando o termo “fonte” no trecho replicado acima, dando-nos a aparente sensação de contradição, pois o próprio autor traz a discussão o uso pouco apropriado do termo “fonte” para se referir às imagens, sua mensagem nos direciona a ideia de equidade, no sentido de importância entre as “fontes” visuais e outros tipos de evidências utilizadas por nós historiadores, chamando a nossa atenção para o fato do testemunho das imagens também suscitar problemas, como de função, retórica e recordações, necessitando de um maior cuidado, assim como, outros documentos.

Essa necessária crítica às imagens destacada por Burke, por sua vez, nos leva a refletir sobre outro ponto importante também destacado pelo autor em seu trabalho e que permanece pouco desenvolvido pelos historiadores.

Esse ponto seria o da necessidade de contextualização das imagens. Para Peter Burke esses documentos precisam ser contextualizados, ou seja, nós, historiadores, precisamos inserir as imagens em seu tempo, incluí-las em sua época e em sua tradição cultural e neste diálogo com o seu tempo e com a cultura na qual foi produzida teríamos, pois, indícios do passado.

Ao chamar a nossa atenção para a necessária crítica desses indícios do passado e sua contextualização, Burke reforça mais uma vez a compreensão de que as imagens não são reflexos puros de uma realidade passada, mas meios que nos permitem refletir sobre um passado. Com isto, chegamos ao questionamento fundamental destacado pelo autor e que foi necessário para o desenvolvimento deste trabalho: se não são reflexos que nos fornecem informações puras

do passado, como, então, podem as imagens serem utilizadas como evidência histórica?

Até agora os pontos destacados, mesmo sucintamente, sobre a necessidade da crítica a imagem e sua contextualização, nos serviram para refletir e entender o tratamento ou a relação técnica do historiador para com essa evidência, mas por meio desse questionamento vale entender, neste momento, como essas imagens permitem a construção do saber histórico.

Por conseguinte, a resposta a esse questionamento será elegida ao longo de toda a obra de Peter Burke, sintetizada no capítulo inicial em três pontos dos quais são interessantes destacamos neste trabalho. Assim sendo, são esses:

realidade social que os textos passam por alto, pelo menos em alguns lugares e épocas, como no caso da caça no Egito antigo. 2. A má notícia é que a arte da representação é quase sempre menos realista do que parece e distorce a realidade social mais do que refleti-la, de tal forma que historiadores que não levem em consideração a variedade das intenções de pintores e fotógrafos (sem falar nos patronos e clientes) podem chegar a uma interpretação seriamente equivocada. 3. Entretanto, voltando à boa notícia, o processo de distorção é, ele próprio, evidência de fenômenos que muitos historiadores desejam estudar, tais como mentalidades, ideologias e identidades. A imagem material ou literal é uma boa evidência da “imagem” mental ou metafórica do eu ou dos outros. (BURKE, 2017, p.37).

Com base nesses pontos levantados pelo autor, imagens são representações que distorcem mais a realidade do que a reflete. Contudo, é nesta distorção que temos a evidência dos fenômenos, isto é, não encontramos a “realidade” como dissera Pesavento (2008) ou a “verdade” como falara Burke (2017) nas imagens, mas indícios do passado; nas distorções perceptíveis; nas gestualidades ou poses escolhidas; nas intenções dos pintores ou fotógrafos; na escolha do que se quer representar; na vestimenta escolhida para usar no retrato; no espaço ocupado pelos sujeitos retratados ou fotografados. Assim, em cada detalhe, encontramos as expressões físicas, mentais, sociais, culturais, individuais, coletivas que descortinam como podem ser as imagens evidências históricas.

Entendamos com Peter Burke o uso mais profundo da imagem em história, onde cada detalhe é essencial, no entanto, não é a intenção ou a preocupação principal do autor de *Testemunha ocular* nos apresentar um caminho específico, ou sistemático para a leitura dessas imagens. Diante de todos os suportes imagéticos existentes, uma metodologia para a interpretação das imagens ainda está em construção (BURKE, 2017). Mas, mesmo sem uma fórmula pronta e uma metodologia, que ainda está em construção, os apontamentos de Burke sobre o uso das imagens em história, bem como as considerações dos autores evocados nesse texto, nos permitem ousar e pensar em como usar em sala de aula, mais precisamente, em como foi usado neste projeto, as imagens na valorização das memórias, identidades locais e na construção do saber histórico de estudantes da educação básica.

Neste sentido, algumas decisões foram tomadas, como a escolha do tipo de imagem a ser trabalhada e a delimitação das turmas para a realização do projeto.

Sobre a escolha do tipo de imagens a serem trabalhadas no projeto, foi decidido pelo uso mais veemente da imagem fotográfica.

As fotografias estão inseridas na revolução das imagens que possibilitaram “[...] um grande aumento no número de imagens disponíveis às pessoas comuns” (BURKE, 2017, p. 21). Esse tipo de imagem além de ser mais acessível ou mais facilmente encontrada, constitui-se também em um importante indício social e cultural como salientará a autora Chiara Vangelista (2008, p.50):

Para especificar mais: no âmbito da pesquisa histórica, a fotografia é, sem sombra de dúvida, o documento de um acontecimento ou de um ambiente, mas, sobretudo, é a expressão de uma forma de representação, social e cultural. As imagens procedentes do passado [...] fornecem indícios de um contexto social e cultural.

Atrelada a possibilidade e facilidade de acesso, bem como a sua representação social e cultural, as fotografias são, também, dotadas de valor documental nos dando acesso ao universo sensível e íntimo do individual ao social, como em um álbum familiar “[...] que aposta na memória, em permanência no tempo sempre possíveis pela contemplação de imagens em emoções revividas” ou nos registros fotográficos que constata as ruas, os prédios e seus habitantes “[...] captando a vida presente em um momento” (PESAVENTO, 2008, p. 20-22).

No tocante a escolha das turmas para o desenvolvimento do projeto, foi decidido trabalhar com a turma do 9º ano “A” do turno matutino e com a turma do 9º ano “B” do turno vespertino. Sendo o público-alvo e o campo de estudo fatores essenciais de um projeto, conheçamos um pouco sobre a EMVC e as turmas envolvidas no projeto Memórias da nossa Pipa.

#### 4.1 A ESCOLA MUNICIPAL VICÊNCIA CASTELO E O PÚBLICO-ALVO DESTE PROJETO

O projeto Memórias da nossa Pipa se insere no contexto da Escola Municipal Vicência Castelo, localizada na praia de Pipa, litoral do Rio Grande do Norte, da qual sou professora do componente curricular de História desde o ano de 2018.

Fundada no ano de 1988, a EMVC recebeu este nome em referência a dona Vicência, uma das moradoras mais antiga de Pipa e, também, a proprietária da casa que serviu por anos

como espaço para o funcionamento da instituição de ensino.

Atualmente, a escola funciona na antiga sede do Afeto (Entidade de apoio às pessoas com necessidades especiais do município de Tibau do Sul) localizada na rua das Gameleiras, sendo até o momento a única instituição pública de ensino de Pipa a oferecer vagas para as turmas do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental nos turnos matutino e vespertino.

Seu espaço físico conta com uma excelente estrutura, com 7 salas de aula; 1 secretaria; 1 diretoria; 1 sala dos professores; 1 sala de leitura; 4 banheiros, sendo 2 para os funcionários; 1 cozinha; 1 pátio; 1 quadra de esportes e 1 piscina.

No momento, a escola não tem espaço *maker* ou laboratório de informática, mas possui 4 computadores com acesso à internet disponibilizada, também, para os alunos e professores que possuem smartphones, tablets ou notebooks.

A instituição de ensino possui em seu quadro de funcionários 25 educadores, dos quais 11 são professores que lecionam os diferentes componentes curriculares obrigatórios para a educação básica. No tocante ao corpo discente atualmente a escola possui matriculados 285 alunos que residem em Pipa na faixa etária de 11 a 17 anos.

O público-alvo deste projeto são das duas turmas do 9º ano do turno matutino e vespertino da escola. Ao todo temos 58 estudantes matriculados nessas turmas, na faixa etária de 13 e 17 anos de idade, distribuídos da seguinte forma: 9º ano “A” (turno matutino) composto por 30 alunos, no qual 10 se identificam com o gênero masculino e 20 com o gênero feminino e 9º ano “B” (turno vespertino) com 28 alunos, no qual 20 se identificam com o gênero masculino e 8 com o gênero feminino.

Dos 58 estudantes matriculados 52 estão frequentando as aulas, desse total temos alunos que são nativos ou possuem parentes nativos de Pipa e alunos de outros municípios, estados e países que passaram a residir no distrito.

De modo geral, os estudantes dessas turmas possuem um perfil calmo e participativo durante as aulas do componente curricular, com notas geralmente na média ou acima da média escolar.

A princípio foi pensando em trabalhar com essas turmas pelo perfil dos estudantes e principalmente por afinidade (pois, acompanho os alunos desde o 6º ano e conheço alguns desde a Educação Infantil). Mas, a escolha de direcionar o projeto para este público-alvo não foi decidida apenas por afinidade, mas, também, pelo fato das turmas serem compostas por alunos nativos de Pipa, desta maneira esses alunos tiveram a oportunidade de conhecerem mais sobre a história do seu lugar de origem, o que proporcionou a aproximação do conteúdo histórico da realidade desses estudantes, se estendendo, também, para os outros que não são nativos, mas,

que em contato com o projeto, passaram a (re)conhecer e se identificar com seu novo espaço de habitação. Neste sentido, obtivemos uma aprendizagem mais efetiva, pois um projeto que inclui a história local, aproxima aluno-conteúdo, diminuindo, assim, a distância transacional<sup>8</sup>, condição necessária para que ocorra a aprendizagem (TORI, 2010).

Neste contexto, entendemos a história local como:

[...] um novo método de abordagem histórica que consiste em mostrar as singularidades do lugar, bem como os pontos de conexão com a realidade de outros lugares. Essa forma de conceber e fazer história permite, no ambiente escolar, uma relação contínua entre os sujeitos e o objeto de estudo, uma vez que esses sujeitos – o aluno e o professor – fazem parte da comunidade e das múltiplas relações aí contraídas, o que facilita na identificação das características do processo histórico local e possibilita a percepção da heterogeneidade aí existentes. (FAGUNDES, 2006, p.93).

Com a história local a narrativa histórica deixa de ser fundamentada em temas distantes para se incorporar aos fenômenos históricos regionais, e passa a ser plural e dinâmica, onde os “excluídos” ganham visibilidade, constituindo-se em uma estratégia pedagógica que proporciona a inserção da comunidade, criando historicidade, localizando alunos e professores dentro da História (NIKITIUK, 2004). No entanto, a ausência da história local implica na manutenção tradicional da narrativa histórica, que impossibilita as múltiplas relações, construção e valorização do espaço identitário, individual e principalmente coletivo.

Nos silêncios de Pipa, ou na narrativa construída de uma Pipa que é apenas turística, o uso da evidência visual, no projeto, testemunhou uma história local que, por sua vez, contribuiu no fortalecimento das identidades e identificação dos alunos envolvidos neste projeto.

Assim, na encruzilhada imagens-local, o local outrora repellido para fora pela história (FERRO, 1988) tem neste projeto sua reviravolta, pois é, também, por meio deste, em uma perspectiva local + geral/global e não local Vs. geral/global<sup>9</sup>, que se buscou, também, reconhecer e valorizar a história de Pipa, sendo a sua incorporação neste trabalho fundamental,

---

<sup>8</sup> A distância transacional, por exemplo, refere-se ao espaço cognitivo existente entre professor e aluno no ambiente educacional, podendo ser entendido como uma distância pedagógica (HAHN, 2017). O conceito de distância transacional tem origem nos estudos de Michael Moore (1970), esse conceito desloca a ideia de distância do eixo geográfico, que normalmente empregamos nos estudos da Educação à Distância, para uma perspectiva pedagógica e suas variáveis (GOMES; VELTEN; TRARBACH, 2012).

<sup>9</sup> Convém deixar claro a busca da construção da história local de Pipa não desvinculada da história global, pois “[...] a ênfase sobre a história local não se opõe à história global. O recorte sobre história local apenas designa uma delimitação temática mais ao menos inclusiva em função das particularidades que se queira determinar, no âmbito do espaço social e temporal escolhido” (CARVALHO, 2008, p.54). Desta maneira não temos o local que se opõe ao global, mas um caminho de completude de ambas as histórias.

certa vez que essa história ainda era pouco conhecida e valorizada pelos estudantes da EMVC, mais precisamente pelos alunos das turmas do 9º ano, fato constatado na observação e convivência com público-alvo, no cotidiano da sala de aula, mas, que foi apenas confirmado a partir da elaboração, aplicação e análise de um questionário de sondagem.

#### 4.2 O QUESTIONÁRIO, PARA SONDAÇÃO E VERIFICABILIDADE

O questionário pode ser definido “[...] como a técnica de investigação composta por um número mais ou menos elevado de questões apresentadas por escrito às pessoas, tendo por objetivo o conhecimento de opiniões, crenças, sentimentos, interesses, expectativas, situações vivenciadas, etc.” (GIL, 1999, p.128).

Essa técnica de coleta de dados possui várias vantagens como garantia de anonimato das respostas, flexibilidade no quesito tempo, pois os participantes da pesquisa podem responder quando se sentirem mais confortáveis, além ser um recurso econômico que pode alcançar um grande número de pessoas. Dentre essas e outras vantagens, para esta etapa do projeto, foi escolhida essa técnica de pesquisa.

Embora o questionário aplicado ao público-alvo não tenha sido o foco desta pesquisa, mas sim um projeto de valorização das memórias e identidades de Pipa voltado para os alunos das turmas do 9º ano do Ensino Fundamental II, discorreremos sobre seu desenvolvimento e resultados, por compor parte deste trabalho, em sua função de instrumento de sondagem e verificabilidade.

Considerando que a ética em pesquisa implica o respeito pela dignidade humana e a proteção devida aos participantes das pesquisas científicas envolvendo seres humanos, para a aplicação do questionário de sondagem seguiram-se os protocolos do Comitê de Ética em Pesquisa, conforme a Resolução n.º 510, de 7 de abril de 2016 que dispõe sobre as normas aplicáveis as pesquisas em Ciências Humanas e Sociais.

À vista disso, o projeto Memórias da nossa Pipa, que por sua vez envolveu a aplicação de um questionário de sondagem intitulado “Você conhece a Pipa que você mora?”, foi submetido ao CEP – Central UFRN.

Todo processo de registro e envio das documentações, necessárias para a sua submissão (como termos de autorização institucional; termo de responsabilidade; formulário de encaminhamento e folha de rosto), foram realizados através da Plataforma Brasil, de acordo com os prazos estabelecidos pelo Comitê.

Após o processo de submissão e a apreciação do colegiado, foi liberado o parecer

consubstanciado de aprovação para este projeto, número 5.393.945, que pode ser consultado na íntegra no link de acesso disponibilizado no Anexo – A.

Liberado o parecer pelo CEP, seguiram-se as etapas de aplicação do questionário, visualizadas com as outras etapas do projeto, com execução prevista, conforme o cronograma de atividades disposto no Apêndice – A.

Assim sendo, primeiramente foi entregue a Carta de Anuência, disponível no Apêndice – B, para a direção da escola, solicitando a realização do questionário e da pesquisa na instituição. Durante a entrega da carta foi esclarecido a importância da participação da instituição na colaboração da pesquisa, como forma de apoio ao desenvolvimento do projeto.

Após o consentimento da diretora da escola, foi realizado a convocação dos estudantes para a participação do questionário. Para isto, foi reservado uma aula do componente curricular de História para a explicação aos participantes sobre a importância da realização desta pesquisa/questionário, para o desenvolvimento do senso crítico, elaboração de pensamentos sobre sua própria identidade e valorização de memórias associadas ao local da pesquisa. Logo após, foram distribuídas as cópias impressas do RCLE para os participantes da pesquisa entregarem aos seus responsáveis. O RCLE, entregue aos responsáveis dos alunos, pode ser visualizado no Apêndice – C deste trabalho.

É válido ressaltar que, antes da aplicação do questionário de sondagem foi realizado o pré-teste do instrumento de pesquisa. Nesta etapa de pré-teste foi optado por um questionário em formato virtual, para isto foi utilizado o *Google Formulários*, um serviço gratuito para criação de formulários online da empresa Google.

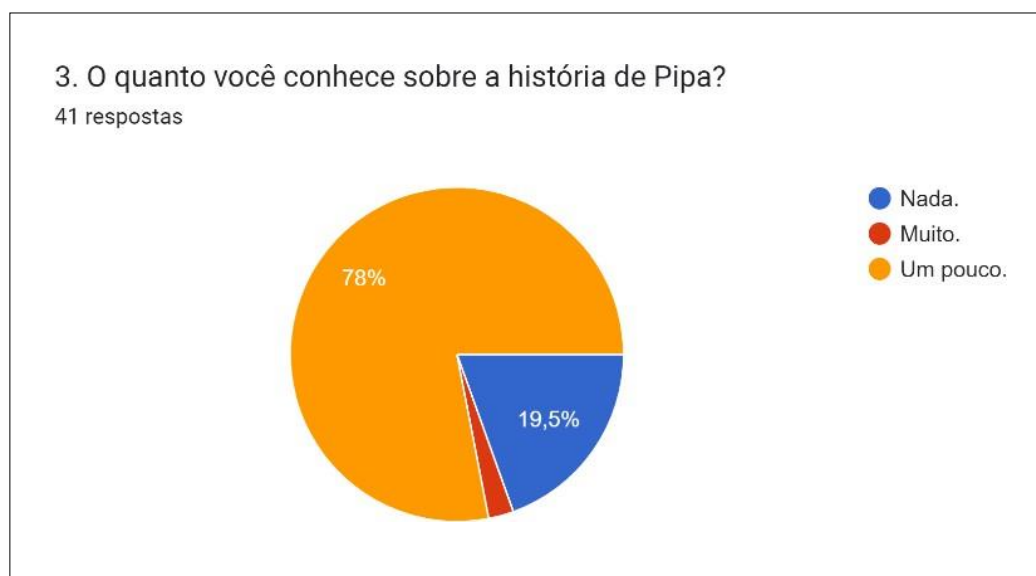
A escolha do Google Formulário se deu pelo fato desta ferramenta possibilitar a coleta de informações, produção de questionários discursivos ou de múltipla escolha voltados para pesquisas ou avaliações (BIJORA, 2018). Com o uso do Google Formulário foram elaboradas as seguintes perguntas de múltipla escolha: **1) Você é nativo de Pipa? 2) Você possui parentes nativos de Pipa? 3) Quanto você conhece sobre a história de Pipa? 4) De onde você conhece a história de Pipa? 5) Você teria interesse em aprender sobre a história de Pipa?**

Para as 5 questões foram dispostas as seguintes alternativas de respostas: “Sim ou “Não”, como opções de respostas para as questões 1, 2 e 5; “Nada”, “Muito” ou “Pouco”, como opções de respostas para a questão 3 e “da escola onde estudo”, “de livros, sites ou vídeos na internet”, “de parentes mais velhos”, “de outras fontes de informação”, como opções de respostas para a questão 4.

A respeito dos resultados obtidos nas perguntas 3, 4 e 5, dos 41 alunos que realizaram a etapa do pré-teste, disponibilizada via e-mail e WhatsApp das turmas, obtivemos os seguintes

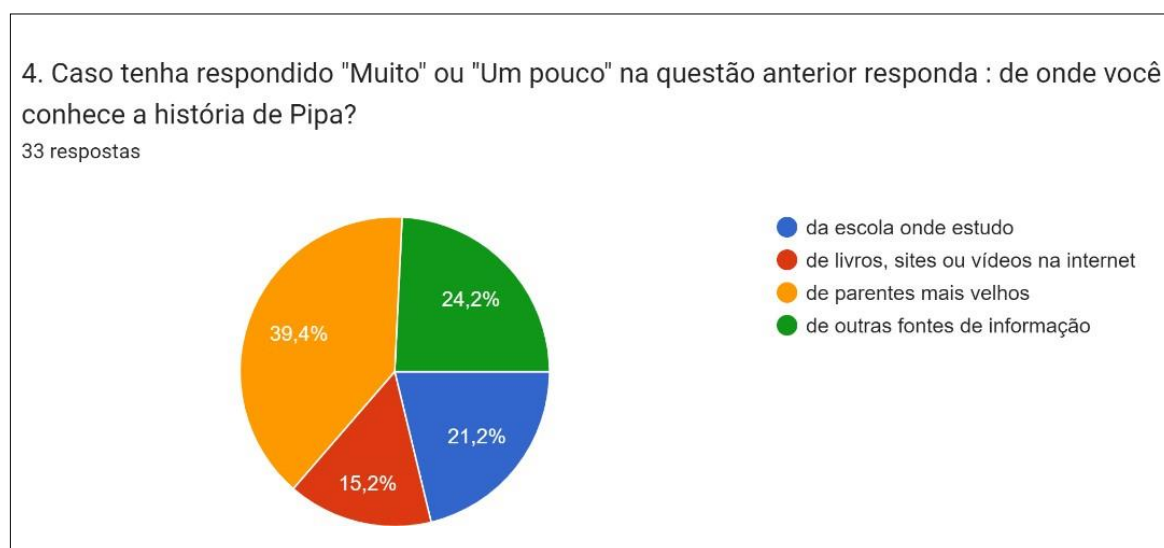
resultados observados no Gráfico 1, Gráfico 2 e Gráfico 3.

Gráfico 1 – Resultado da Questão 3 do Pré-teste



Fonte: Google Forms (2022).

Gráfico 2 – Resultado da questão 4 do Pré-teste



Fonte: Google Forms (2022).

Gráfico 3 – Resultado da Questão 5 do Pré-teste



Fonte: Google Forms (2022).

Os resultados do pré-teste, do questionário de sondagem, dispostos nestes gráficos, demonstraram que 19,5% dos participantes afirmaram que não conhecem nada sobre a história de Pipa e 78% alegaram que conhecem apenas um “pouco” sobre a história do lugar. Tais resultados, mais uma vez, confirmaram a necessidade de trabalhar com os estudantes de maneira mais profunda e significativa a história de Pipa, contribuindo para sua valorização, pois trabalhos que envolvem a história local é uma maneira de valorizar o lugar, contribui “[...] para que os alunos conheçam e aprendam a valorizar o patrimônio histórico de sua localidade, de seu país e do mundo” (SCHMIDT; CAINELLI, 2009, p. 140).

Apesar dos participantes no pré-teste afirmarem seu pouco ou nenhum conhecimento sobre a história de Pipa, consideramos como fator positivo, segundo o resultado do pré-teste, o interesse do público-alvo, isto é 90,2% dos alunos, em aprender mais sobre a história de Pipa. Mesmo tendo os fatores condicionantes de respostas, como busca de conformidade ao grupo; tendência de imitação social ou medo do julgamento do outro (MATTAR, 1994), essa porcentagem confirmou o interesse de conhecer e aprender sobre a história do lugar que partiu não só da autora deste trabalho, mais principalmente dos alunos como centro no processo de construção de suas próprias aprendizagens.

Por último, neste pré-teste, vale destacar, também, os resultados referentes à questão 4, que buscou saber de onde os participantes conhecem a história de Pipa. Os resultados referentes a essa questão demonstraram que 39,4% afirmaram que conhecem a história de Pipa “de parentes

mais velhos”. Esse dado aponta para a importância dessas pessoas na constituição da história de Pipa como sujeitos históricos, que através de suas memórias e de seus relatos orais, são capazes de transportar-nos a uma percepção mais viva do passado, pois como afirmara Thompson (1992, p.31): “Uma coisa é saber que as ruas ou campos em torno de uma casa tinham um passado antes que ali tivesse chegado; bem diferente é ter tido conhecimento, por meio das lembranças do passado, vivas ainda na memória dos mais velhos do lugar.”

Também, foi constatado que apenas 21,2% responderam que conhecem a história de Pipa da escola onde estudam, um percentual consideravelmente menor que os 39,4% que alegaram que conhecem a história através de parentes mais velhos ou os 24,2% que afirmaram saberem de outras fontes de informação (sendo essas fontes, redes sociais, amigos e vizinhos). Essa informação comprovou, mais uma vez, uma das problemáticas da escola contemporânea discutida pelo autor Edgar Morin (2015). Segundo o filósofo e historiador, a escola atualmente: “[...] não fornece os meios que permitem conhecer a si mesmo e compreender o próximo. Não fornece a preocupação, o questionamento, a reflexão [...] Ela não ensina a viver senão lacunamente, falhando naquela que deveria ser sua missão” (MORIN, 2015, p.54). Se a Escola Municipal Vicência Castelo, até então, não havia fornecido ou sido o meio dos alunos conhecerem a si mesmo, aprenderem sobre a sua história, sobre o seu lugar, vimos neste projeto a busca de afirmar esta escola como o lugar, também, de autoconhecimento; como um espaço de transformação de paradigmas e de profundo significado para os estudantes.

Até aqui, podemos dizer que as informações obtidas nesta etapa de pré-teste foram fundamentais para o aperfeiçoamento do questionário como instrumento de pesquisa. Desta maneira, a partir desta etapa, e em construção conjunta com o professor orientador Roberto Airon, foram tomadas algumas decisões quanto ao questionário final.

Foi decidido pelo desenvolvimento de um questionário físico e por sua aplicação presencial durante a aula de história ao invés de virtual, vendo nisto a possibilidade de maior participação e concentração ao responder às questões por parte do público-alvo. Mantiveram-se as questões “você é nativo de Pipa?” e “Você possui parente nativos de Pipa?”, mas foram acrescentadas outras questões em formato discursivo, ao invés de múltipla escolha, priorizando perguntas abertas, pois esse formato de pergunta, apesar de resultar em análises mais trabalhosa dos dados obtidos, possibilita maior riqueza de informações, encorajando o aluno a respostas mais completas e significativas (MILLER WR; ROLLNICK S., 2013). Nesta perspectiva a questão “O quanto você conhece sobre a história de Pipa?”, conduzindo os alunos as opções de respostas fechadas (como, “pouco”, “muito” ou “nada”), passou a ser no questionário final “O que você conhece sobre a história de Pipa?”, encorajando os alunos a respostas mais

significativas, pelo caráter aberto e subjetivo da questão. Também foi decidido por incluir a temática “turismo” em uma das questões, tal decisão permitiu entender a visão dos respondentes a respeito do turismo, contribuindo nas propostas atreladas ao produto deste projeto voltadas para o desenvolvimento da consciência e de uma compreensão mais profunda do fenômeno pelos estudantes.

Assim sendo, o questionário de sondagem em sua forma final foi organizado em duas partes como constatado no Apêndice – D. Na primeira parte foi solicitado aos alunos participantes algumas informações de ordem pessoal e de escolaridade, como o nome completo; idade; ano de ensino; turma e turno em que estuda; se é nativo de Pipa ou se possui parente nativo de Pipa. Na segunda parte, foi solicitado que os alunos respondessem algumas questões relacionadas a história de Pipa e a atividade do turismo na região, sendo essas: **7) O que você conhece sobre a história de Pipa?** **8) O que você conhece sobre a atividade do turismo em Pipa?** e **9) Sobre a história de Pipa o que é mais valorizado? Disto, o que você mais gosta?**

Dos 52 alunos, 48 responderam ao questionário, um número maior de participantes do que obtivemos no pré-teste. Das turmas, apenas 4 alunos não participaram desta etapa do projeto, por motivos relacionados a não concordância e assinatura do RCLE pelos responsáveis, necessário para responder o questionário. Dentre os motivos da abstenção, também, confere a baixa frequência dos alunos durante as aulas, implicando na não participação do questionário de sondagem, de acordo com o cronograma de atividades estipulado para este trabalho.

Dos 48 estudantes tivemos maior participação da turma correspondente ao 9º ano “B”, do qual 26 alunos responderam ao questionário. Do total dos alunos que participaram, 23 afirmaram serem nativos de Pipa, enquanto 25 responderam não serem nativos, em compensação 28 afirmaram possuírem parentes nativos, enquanto 20 alegaram não possuírem parentes nativos de Pipa.

No que se refere à questão “O que você conhece sobre a história de Pipa?” dos 48 estudantes, 25 responderam que não conheciam “nada”, enquanto 23 demonstraram em suas respostas conhecimentos sobre a história do lugar. Dos que demonstraram/alegaram conhecimentos sobre a história de Pipa, 1 mencionou a origem do nome Pipa, explicando que a nomeclatura tem origem de uma pedra em formato de barril denominado “pipa” pelos portugueses, durante o período colonial; 2 mencionaram a história do surfe na região, atribuindo a chegada do turismo em Pipa a divulgação do lugar pelos surfistas; 2 descreveram a infraestrutura do lugar, mencionando como Pipa era “antigamente” (sem asfalto, apenas com estrada de barro, sem energia elétrica e televisão); 2 alegaram que conheciam alguma coisa sobre a história de Pipa, mas não especificaram o que conheciam; 4 associaram a história e o

desenvolvimento de Pipa ao advento do turismo na região; 6 discorreram sobre a atividade da pesca e a prática do “roçado” (cultivo da terra para produzir alimento) pelos nativos, fazendo referência a Pipa quando era uma vila de pescadores e 8 abordaram mais de um evento ou acontecimento histórico de Pipa.

Vejamos a seguir na Imagem 2 e na Imagem 3 as respostas de dois alunos que abordaram mais de um evento da história de Pipa. A fim de preservar suas identidades, aos respondentes atribuímos os nomes de “Aluno 1” e “Aluno 2”.

Imagem 2 – Resposta do Aluno 1

7) O que você conhece sobre a história de Pipa? A praia da Pipa, nem sempre foi a que conhecemos. Um vilarejo de pescadores e seus filhos moravam lá. Era lá que tinhamos os melhores frutos do mar. Após ser descoberta por colonizadores europeus, em busca de ouro, muitos foram atraídos para a Pipa e tornaram a pipá uma das praias mais bonitas do mundo.

Fonte: elaborado pela autora (2022)

Imagem 3 – Resposta do Aluno 2

7) O que você conhece sobre a história de Pipa? Que antigamente era no estrado de barro e que tinha um curral lá no praia dos galinhas e a pipá ficou com esse nome por conta de uma pedra que tem que parece com uma pipá lá na ponta do chapadão e também um peço que tinha que os nativos ia pega água com as baldes.

Fonte: elaborada pela autora (2022).

Podemos notar na resposta do primeiro aluno que, mesmo passando a impressão de abrangência, este demonstra conhecer mais de um evento ou acontecimento sobre a história de Pipa. Vemos, também, esse nível de conhecimento presente na resposta do Aluno 2, no entanto, a resposta deste segundo aluno, mesmo não apresentando uma listagem de eventos em sua ordem cronológica, mais perceptível na resposta do Aluno 1, além de mencionar as estradas de barro e a origem do nome de Pipa, apresenta mais detalhes sobre aspectos do cotidiano dos moradores de quando Pipa era vila de pescadores, fazendo menção aos “currais de peixe” (armadilhas para a captura de peixe construídas pelos nativos) e a existência das cacimbas de

água ou dos poços de água doce, dos quais os moradores pegavam água para beber e para usar nos afazeres domésticos.

As narrativas supracitadas apresentadas pelos estudantes, assim como as respostas dos que discorreram sobre a atividade da pesca e a prática do “roçado” pelos nativos, e até mesmo dos que responderam à questão mencionando o turismo e o surfe, ou dos que alegaram que conheciam algo sobre a história de Pipa, mas que não especificaram o que sabiam, seja por motivo de enquadramento ao grupo ou por dificuldade de expressar seu conhecimento, nos levaram a refletir sobre dois aspectos relevantes neste trabalho.

O primeiro, nos faz retomar a questão inicial apresentada na introdução desta dissertação: o de que apenas alguns alunos possuem o conhecimento sobre a história de Pipa. Aqui, o “alguns” se define, no sentido em que vemos na análise das respostas obtidas neste questionário que 23 alunos dos 48 que participaram da pesquisa conhecem elementos que compõem a história de Pipa, que em uma perspectiva mais real, do que otimista, é um número considerável, o que nos leva a um segundo aspecto importantíssimo: O fato de 47,9% dos alunos possuírem conhecimento prévio sobre a história de Pipa.

A respeito do conhecimento prévio, Maria Auxiliadora Schmidt dirá que:

Uma das primeiras questões a se destacar é o fato de que o aluno já tem um vocabulário histórico de uso cotidiano, adequado para descrever situações da realidade em que ele vive. Isto significa que os alunos trazem, ao cotidiano da sala de aula, ideias próprias sobre o mundo social, por exemplo, sobre economia, poder, família. No entanto, muitas vezes, estas ideias são insuficientes para apreender a essência dos fenômenos sociais. Neste sentido, uma das distorções que têm ocorrido no ensino de História é a sua centralização, exclusivamente, neste conhecimento ou vocabulário prévio do aluno. Estes conhecimentos, constituídos por um conjunto de informações, teorizações e noções, que os alunos construíram na e a partir da sua própria história de interações sociais, devem ser considerados como marcos iniciais e assimiladores, que podem dar significado aos conteúdos históricos. (SCHMIDT, 1999, p.148)

A importância do saber prévio dos alunos sobre a história é considerado por Schmidt (1999). Consideramos neste projeto este saber, entendendo o aluno como aquele que, também, possui o conhecimento, que tem origem em sua própria história, vivências, interpretações e interações com o seu meio social e que, ao ser identificado e reconhecido pelo docente, serve de base significativa para os conteúdos trabalhados em sala de aula.

Nesta construção do conhecimento histórico, estivemos cientes da importância da escola, pois como, afirma Blanch e Fernández (2010, p.287): “La escuela puede ayudar a que los niños y niñas formen estructuras temporales cada vez más ricas y funcionales”, e sobretudo da importância do professor, como entendido em Schmidt (1999), tendo este a missão de

construir junto aos alunos saberes mais complexos, quando suas ideias prévias ainda não alcançaram o nível da compreensão da essência dos fenômenos sociais e históricos em suas complexidades. Nessa construção do saber assumimos, portanto, o papel fundamental; o papel de mediador do aluno ao alcance e desenvolvimento de novos conhecimentos (neste caso, sobre a história de Pipa), atuando no que Vygotsky chamara de Zona de Desenvolvimento Proximal<sup>10</sup>.

No tocante à questão “O que você conhece sobre a atividade do turismo? Dos 48 estudantes 2 responderam que a atividade do turismo chegou na região através dos surfistas que divulgaram as praias de Pipa para pessoas de outros municípios, estados e países; 6 responderam que o turismo é a fonte de renda ou economia principal de Pipa afirmando, por exemplo, que a atividade é a “forma de trabalho para o nativo”; 10 responderam que a atividade do turismo na região é “forte”, que o turismo de Pipa é “famoso mundialmente”, “bem movimentado” e “agitado, atraindo pessoas de fora (pelas praias, belezas naturais e passeios); 12 associaram a atividade do turismo aos passeios turísticos realizados nas praias de Pipa, descrevendo ou listando esses passeios (passeio de barco, lancha, quadriciclo e buggy) e 18 alegaram não conhecerem nada sobre a atividade do turismo em Pipa.

Vejamos na Imagem 4, Imagem 5, Imagem 6 e Imagem 7, alguns exemplos que compreendem esse universo de respostas referente à questão “O que você conhece sobre a atividade do turismo? Nestas, os respondentes, também, foram identificados por “Alunos” e números.

Imagem 4 – Resposta do Aluno 3

**8) O que você conhece sobre a atividade do turismo em Pipa?**

O turismo é uma das principais atividades econômicas da Pipa, devido aos belos lugares que Pipa possui para visitar.

Fonte: elaborada pela autora (2022).

<sup>10</sup> O conceito de Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP) elaborado pelo psicólogo Lev Vygotsky compreende “[...] a distância entre o nível de desenvolvimento real, que se costuma determinar através da solução independente de problemas, e o nível de desenvolvimento potencial, determinado através da solução de problemas sob a orientação de um adulto ou em colaboração com companheiros mais capazes” (VYGOTSKY, 2007, p. 97). Neste projeto, no papel fundamental de mediador, atuamos na Zona de Desenvolvimento Proximal abordada por Vygotsky, o que possibilitou aprendizagens mais significativas, viabilizando o desenvolvimento e a valorização das memórias e identidades de Pipa pelos alunos envolvidos neste trabalho.

Imagem 5 – Resposta do Aluno 4

8) O que você conhece sobre a atividade do turismo em Pipa?

que é uma forma de trabalho  
Pros NATIVOS DAQUI

Fonte: elaborada pela autora (2022)

Imagem 6 – Resposta do Aluno 5

8) O que você conhece sobre a atividade do turismo em Pipa? Quando a pipa começou a crescer, os donos de lojas e empresas locais começaram no local, pois viram a pipa e usou de uma forma de gerar dinheiro na região e assim fizeram com que a pipa receba os turistas de todo o mundo, gerando empregos e crescendo sua população, anualmente.

Fonte: elaborada pela autora (2022).

Imagem 7 – Resposta do Aluno 6

8) O que você conhece sobre a atividade do turismo em Pipa?

A Pipa é muito conhecida pelas praias, falésias, surf, e as passagens que tem na Pipa de buggy, quadriciclo para conhecer a cidade.

Fonte: elaborada pela autora (2022).

Por último, na questão “Sobre a história de Pipa o que é mais valorizado? Disto que você mais gosta?” dos 48 estudantes 4 responderam que o mais valorizado é a natureza; 3 a

história de Pipa; 10 o turismo; 15 as praias; 1 o surf; 1 o turista; 13 alegaram não saber e 1 deixou o campo de resposta em branco.

A respeito da segunda parte da questão (“Disto o que você mais gosta?”), tivemos como respostas, e suas respectivas quantidades entre parênteses: a vila olímpica de Pipa (1); tudo (1) passeios turísticos (1); o santuário ecológico (2) a fauna de Pipa (2); a história de Pipa (5) e as praias (28). Nesta segunda parte da questão, 7 alunos alegaram não saber do que mais gosta e 1 deixou o campo de resposta em branco.

Na perspectiva dos estudantes, que se dispuseram a responder à questão, o “turismo”, apenas precedido pelas praias, é considerado o mais valorizado em Pipa, estando à frente de aspectos, também, importantes como a natureza e a história do lugar. Este valor estaria atrelado, como mencionado no Capítulo 2 desta dissertação, ao fato do turismo ser entendido e aclamado como o importante fator de desenvolvimento econômico em Pipa. Tal entendimento é confirmado ao reportamos à questão anterior (“O que você conhece sobre a atividade do turismo?”) na qual obtivemos dentre as respostas afirmações, por parte dos alunos, do turismo como “fonte de renda”, “economia principal de Pipa” ou “forma de trabalho para o nativo”.

De fato, o turismo em Pipa tem gerado renda para o município, e gerado postos e oportunidade de trabalho para os nativos como já mencionado, no entanto, há uma necessidade por parte dos autóctones de uma compreensão mais profunda do fenômeno e de seus impactos. Entendê-lo não apenas como a atividade que gera emprego para o nativo ou a atividade de passeios de barco, lancha e buggy, como responderam 25% dos alunos, foi objetivo intrínseco, também, deste projeto.

Não esquecendo dos 13 “não sei”, isto é, dos alunos que alegaram não saberem responder, ou dos que preferiram deixar as questões em branco (1 aluno), esse tipo de omissão em questionários de pesquisa entendido por “não respostas” pode ser um indicador da qualidade do questionário; “do desenho e tamanho inapropriado das questões” (YU; COOPER, 1983, p.36); do nível de interesse ou de concentração dos respondentes (HENKEL, 2012).

Consideremos que para este questionário foi realizado um pré-teste, onde se buscou aperfeiçoar sua qualidade, levando em conta o tamanho e quantidade das questões (9 no total); um tema próximo da realidade dos alunos, buscando despertar o interesse destes em responder às questões (a história de Pipa e o turismo na região), bem como, um momento apropriado para a aplicação do questionário (primeiros horários de aulas de cada turno), favorecendo a concentração dos respondentes.

Ponderando esses fatores, não aleguemos, também, que as “não respostas” estejam atreladas totalmente a possibilidade dos alunos possuírem um baixo grau de instrução ou a

ausência de opinião sobre o assunto, visto que tais questões foram planejadas para serem abertas, favorecendo a articulação dos alunos, considerando, também, o nível de escolaridades dos respondentes.

Lançando luz sobre as “não respostas” Henkel (2012) irá afirmar que “[...] perguntas abertas causam mais *não respostas* do que perguntas fechadas” (HENKEL, 2012, p. 221), isso porque essas perguntas abertas permitem que o participante se articule livremente, esta articulação, no que lhe concerne, depende principalmente de sua capacidade de escrita, no entanto, quando este não responde isso não mostra ou significa, necessariamente, uma falta de opinião acerca de um assunto, de acordo com o autor.

Em seu artigo, *A construção e Aplicação de Questionários na Pesquisa em Ciências Sociais*, a autora Mielzynska argumentará que a resposta “não sei” por parte dos respondentes “[...]pode não significar a ignorância ou a falta de opinião, mas sim a necessidade de reflexão, ou uma tendência de não se manifestar” (MIELZYNSKA, 1998, p.139).

As afirmações dos autores nos permitem especulações a respeito das não respostas deste questionário, os 13 “não sei” da questão sobre o que é mais valorizado em Pipa, é o sugerir de um “não quero responder” ou “não posso responder”.

Se o suposto “não quero responder” pode ser explicado pelo não interesse dos respondentes pelo tema, o “não posso responder”, no contexto da pergunta sobre o que é mais valorizado em Pipa (onde obtivemos 13 não respostas), poderia ser explicado pelo receio de abordar questões do ponto de vista dos respondentes comprometedoras. Mas, quais seriam essas questões?

Ao abordar os conflitos e fragilidades de uma atividade turística não planejada, Oliveira, Viana e Braga (2006) vão mais além do que fomos até agora sobre o turismo ao listarem os mais relevantes impactos do fenômeno sobre a comunidade receptora, dentre os quais o turismo sexual; o aumento dos casos de doenças sexualmente transmissíveis; o crescimento do consumo e tráfico de drogas e o aumento dos índices de criminalidade.

A comunidade receptora em questão, da qual os alunos envolvidos no projeto fazem parte, estão em contato de maneira indireta e até mesmo direta com esses impactos apontados pelos autores. O crescimento do consumo de drogas ditas ilícitas; o aumento dos pontos de vendas e do tráfico de drogas; o turismo sexual e a criminalidade fazem parte da realidade de Pipa.

Em *O fenômeno do turismo na percepção dos nativos: um estudo na localidade de Pipa/Tibau do Sul – RN*, a autora Michele dos Santos, após a realização de entrevistas com os locais, irá abordar que uma das transformações apontadas pelos entrevistados com a entrada do

turismo na região foi a chegada das drogas e o fácil acesso de consumo e tráfico fazendo com que a violência passasse a estar mais presente na localidade (SANTOS, 2016).

Este assunto, também, foi discutido por Araújo (2002) em seu trabalho *Uma viagem insólita: de um território pesqueiro a um “paraíso” turístico: Pipa/RN*. Ao realizar uma série de entrevistas com os nativos, assim como fizera Santos (2016), a autora chegou à seguinte conclusão:

Vejamos que o principal problema levantado pela população é o consumo de drogas que, embora, pareça algo “comum” dentro dessa comunidade, os moradores ainda veem o problema com bastante restrição, um misto de medo e indignação. Inclusive, quase todos os entrevistados mudaram sensivelmente a entonação da voz ao falar do assunto. Parece-nos que todos fingem não ver o que está acontecendo, inclusive as autoridades. (ARAUJO, 2006, p. 173).

Em *Histórias e relatos sobre Pipa: a praia internacional do Rio Grande do Norte*, Jussara Aires afirmará que nativos e turistas são ao mesmo tempo, vítima e vilões do comércio ilegal da droga em Pipa, sendo a droga “um meio de sobrevivência para alguns nativos e motivo da miséria e falência de outros [...] um objeto de influência mútua entre grupo sociais distintos (AIRES, 2012, p. 82).

No tocante ao turismo sexual, em seu trabalho, *Homens também fazem isso? – Um estudo sobre uma nova faceta do turismo sexual - Praia de Pipa/RN*, Tiago Cantalice (2011) a respeito do fenômeno, entre os homens heterossexuais em Pipa, afirmará que,

Grande parte desses relacionamentos é permeada pelo interesse financeiro, mas o que se procurará inferir aqui, à luz de Max Weber (1992), é que não apenas as relações de teor utilitário movem as interações cotidianas. Para esses homens, a relação com turistas é vista, muitas vezes, como mera atribuidora de status, assim, privilegiam e mantêm, quase exclusivamente, interações afetivo-sexuais com estrangeiras. Eles são conhecidos localmente como *caça-gringas*[...]. Na praia de Pipa, esse fenômeno ocorre com grande frequência. Já são vários os casos de caça-gringas que se relacionaram com turistas estrangeiras, na sua maior parte, europeias, e que, visando atingir o Velho Continente, apoiados na aparente estabilidade financeira dessas mulheres, fazem companhia a elas em seu regresso, às vezes estabilizando-se por lá [...]. Isso cria no imaginário social uma ideia de que tais relacionamentos são veredas ideais para se ter acesso ao capital financeiro e cultural que as gringas acumulam [...]. Nessas interações binacionais, o sexo e outros elementos afetivos são trocados por presentes, jantares, bebidas, pequenas viagens, entre outros, enquadrando esse fenômeno no que Kamala Kempadoo chama de “mercado transacional de sexo.” (TRINDADE, 2011, p. 5-6).

Além de trazer uma interessante problematização da emergência do fenômeno no meio heterossexual masculino o autor põe em xeque a relação determinista entre profissionais do

sexo, turismo sexual, e recompensas monetárias imediatas, nos permitindo entender essas relações como uma maneira de adquirir, *status*, sendo, por isso, almejada e valorizada no imaginário social dos locais.

A atribuição de valor atrelado ao *status* dessas relações, também, parte do outro, como destaca o autor ao explicar em seu trabalho o caso de uma estrangeira que ao empreender um breve relacionamento com um “pipense” afirmou que “[...] sempre é chique dizer: estive no Brasil e estive com um brasileiro” (TRINDADE, 2004, p.5).

Longe de vitimizar o autóctone diante das questões levantadas, mas nos indagamos até que ponto é o limite desses aspectos no cotidiano dos jovens que fazem parte da comunidade receptora. Fingir que não se vê o que está acontecendo; a falta de instrução; o tabu em abordar esses temas no seio familiar ou nas escolas, ou sua atribuição de valor pelos mais jovens, os fazem ingressar em caminhos despreparados e, por vezes, sem retorno. Enxergamos, portanto, neste projeto, também, a oportunidade de mediar os alunos a uma compreensão mais profunda do que é o fenômeno do turismo na região, como já foi dito no capítulo 2, sendo um início na construção de uma consciência para o saber lidar com os seus impactos, como veremos mais adiante.

#### **4.2.1 A Mineração de Dados Educacionais na análise do questionário**

Ainda sobre a análise dos resultados obtidos no questionário, saindo das especulações com fundamentos, não podemos deixar de mencionar que nesta análise, também, foi utilizada a técnica de MDE.

Segundo Costa (2012) a área emergente de Mineração de Dados Educacionais “[...]procura desenvolver ou adaptar métodos e algoritmos de mineração existentes, de tal modo que se prestem a compreender melhor os dados em contextos educacionais, produzidos principalmente por estudantes e professores” (COSTA, E. et al, p.4, 2012).

Neste sentido, foram utilizados os dados obtidos no questionário de sondagem, posteriormente organizados no aplicativo de criação de planilhas eletrônicas *Microsoft Excel* (2019), e o software *Orange* (2021) cujo “O objetivo é prover uma plataforma para exploração de dados, sistemas de recomendação e modelos preditivos; amplamente utilizado em diversas áreas” (ISOTANI, 2021, p.5).

Para a realização da análise desses conjuntos de dados obtidos no questionário foram escolhidos dois dos conceitos ou técnicas de mineração. Um desses conceitos/técnicas escolhidos(as) foi a técnica de *Clustering*. Esse método de Mineração de Dados visa “[...]”

encontrar grupos de dados (em um determinado conjunto de dados) de forma automática, segundo um certo grau de semelhança” (ISOTANI, 2021, p.5).

Os Clustering possuem diversos algoritmos que procuram a similaridade de dados dentro de um mesmo cluster e minimizar a similaridade entre dados de clusters diferentes. (ISOTANI, 2021). Nesta análise o algoritmo escolhido foi o *K-Means*, por ser um dos mais difundidos e utilizados atualmente.

Por meio da função *K-Means*, disponível no Orange, foram criados 3 clusters. A visualização dos grupos/clusters com o uso da função *K-Means* pode ser feita através do *Data Table*, e do gráfico *Scatter Plot*, observado respectivamente no Anexo – B e no Anexo – C.

A outra técnica utilizada para a realização da análise desses conjuntos de dados obtidos na sondagem foi as RAs, (Regras de Associação) como constatado no Anexo – D.

Em seu trabalho intitulado *Mineração de Dados Educacionais: Conceitos, Técnicas, Ferramentas e Aplicações sobre as regras de associação* Costa (2012, p.16) irá afirmar que:

Regras de associação, Mineração de regras de associação introduzida em Agrawal et al. 1993, é uma das mais importantes técnicas de mineração de dados, tendo como objetivo central derivar regras de conhecimento, referindo-se a relacionamentos entre objetos de um conjunto de dados, visando exibir características e tendências.

Desta forma, por ser uma das mais importantes técnicas de mineração de dados, como salientara o autor; pela sua utilidade relevante no contexto socioeducacional e por proporcionar o auxílio para encontrar informações, a RAs foi escolhida na análise dos dados do questionário.

Ao utilizar essa função de regras de associação do *software*, foi definido como suporte mínimo 25% e uma confiabilidade mínima de 90%. No intuito de encontrar regras mais relevantes foi feito uso do *Lift* e do *Leverage*<sup>11</sup>.

Desta forma, foi possível fazer a leitura de algumas regras como as observadas no Quadro 1.

---

<sup>11</sup> Compreendemos os *Lift* e *Leverage* como indicação da independência estatística entre o antecedente e consequente. Nas Regras de associação, a diferença entre o *Lift* e o *Leverage*, é que o primeiro pode ser utilizado para encontrar regras fortes com itens pouco frequentes, enquanto o segundo pode encontrar regras fortes com itens mais frequentes (ISOTANI, 2021). Logo, se valores de lift variam entre  $[0, \infty]$ , onde 1 significa independência, e os valores de leverage variam entre  $[-1, 1]$ , onde 0 é a independência (ISOTANI, 2021), os valores obtidos no resultado das regras de associação deste trabalho possuem um *lift* relativamente alto que vai de 1.104 a 1.158 e um *leverage* acima de zero.

Quadro 1 – Resultados das regras de associação com uso de *Lift* e do *Leverage*

N.º DA REGRAS	REGRAS
01	Se o aluno é nativo de Pipa, então possui parente nativo de Pipa.
02	Se o aluno é nativo de Pipa e conhece sobre a história do turismo em Pipa, então possui parente nativo de Pipa
03	Se o aluno é nativo de Pipa e conhece sobre a história de Pipa, então possui parente nativo de Pipa
04	Se o aluno não é nativo de Pipa, então não sabe o que é mais valorizado na história de Pipa.

Fonte: elaborado pela autora (2022).

Aparentemente esses resultados parecem óbvios, mas ao conferir as respostas do questionário de sondagem, realizado antes deste trabalho de MDE, foi notado a existência de alunos que não são nativos de Pipa, mas que possuem parentes naturais de Pipa, trazendo, assim, incerteza se de fato os alunos nativos de Pipa ou que possuem parentes nativos de Pipa seriam realmente a maioria dos que conheceriam a história do lugar, algo que só foi possível ser constatado, com mais certeza, após empregar as técnicas de *Clustering* e principalmente de *associação*.

Através da MDE confirmamos a presença considerável na pesquisa de um público-alvo nativo (47,9%), ou que no mínimo possuem parentes nativos de Pipa (58,3%). Também foi comprovado, como observado no início desta análise, a relação direta do conhecimento dos alunos sobre a história de Pipa com o fato de possuírem parentes nativos, que através de seus relatos repassam esse conhecimento aos seus filhos ou netos, bem como a existência de alunos que são nativos e possuem parentes nativos de Pipa, mas que afirmam não conhecerem a atividade do turismo e o que é mais valorizado na história de Pipa.

Portanto, foi através da técnica de Mineração de Dados Educacionais que se tornou possível chegar com maior certeza as seguintes conclusões:

- 1- A maioria (58,3%) dos alunos participantes do projeto são nativos de Pipa ou possuem parentes nativos do lugar;
- 2- Não são apenas os alunos que são nativos de Pipa que conhecem a atividade do turismo e a história de Pipa;
- 3- Alunos que não são nativos de Pipa, mas que possuem parentes nativos conhecem a atividade

do turismo e a história de Pipa;

- 4- Os alunos que não são nativos e não possuem parentes nativos de Pipa não conhecem a história local;
- 5- Temos alunos que são nativos e possuem parentes nativos, mas que alegam não saberem o que é mais valorizado na história de Pipa.

Enfim, mesmo não sendo o foco principal desta pesquisa, entendemos que o processo deste questionário de sondagem e as análises realizadas, até aqui, permitiram, além da verificabilidade do nível de reconhecimento e valorização da história de Pipa, observado previamente no cotidiano das turmas envolvidas, a verificação, também, das características cognitivas, sociais, motivacionais dos alunos envolvidos e a identificação dos problemas instrucionais, contribuindo na tomada de decisões e escolhas para o sucesso do produto educacional deste projeto.

## 5. O QUE PRODUZ UM HISTORIADOR

*“O que fabrica o historiador quando  
‘faz história’? Em que trabalha?  
Que produz?”*

(Michel de Certeau)

*“Do ponto de vista do ensino de história,  
defende-se a ideia da aula como o  
momento em que, ciente do  
conhecimento que possui, o professor  
pode oferecer ao seu aluno a  
apropriação do conhecimento histórico  
existente, através de um esforço e de  
uma atividade que edificou este  
conhecimento. Aliada a essa concepção  
que recoloca o método de produção do  
conhecimento na relação com o método  
de ensino, defende-se como espaço de  
compartilhamento de significados.”*

(Schmidt & Garcia)

Nos estudos sobre Teoria da História temos a marcante obra do historiador Michel de Certeau intitulada *A escrita da História*. Na primeira parte do escrito encontramos o subtópico *Operação Historiográfica*, revelando a História como operação compreendida na relação entre lugar social, uma prática e uma escrita.

Este lugar é a onde nasce o historiador e sua obra, pois “Toda pesquisa historiográfica é articulada a partir de um lugar de produção econômico, político e cultural” (CERTEAU, 1976,

p.28).

É neste lugar que aspectos, elementos que envolvem a história ganham forma em uma relação intrínseca; uma relação entre história e social, pois: “Da reunião de documentos à redação do livro a prática histórica é totalmente relativa à estrutura da sociedade” (CERTEAU, 1976, p.25). Temos, então, de acordo com Certeau, a condição essencial de possibilidade da História: sua articulação sobre um lugar; a sociedade onde está inserida.

Nessa relação as instituições históricas possuem sua relevância segundo o autor:

Esse lugar marca a origem das “ciências” modernas, como demonstram, no século XVII, as “assembléias” de eruditos (em Saint-Germain-des-Prés, por exemplo), as redes de correspondências e de viagem formadas por um núcleo de “curiosos”, ou ainda de forma mais clara, no século XVIII, os círculos de sábios e aquelas Academias com as quais tanto se preocupava Leibniz. Os nascimentos de “disciplinas” encontram-se ligados à criação de grupos. (CERTEAU, 1976, p 20-21).

Nesse contexto temos o nascimento das disciplinas (como lugar e instituição histórica) e de personalidades notáveis ao saber, mas sobretudo, e como um todo, a fundação de um corpo/lugar na perspectiva externa articulado a outros lugares e na interna articulado a fundação de um saber histórico inseparável da instituição social.

No que concerne à prática, entendamos, de acordo com o autor, o fazer história para além de suas circunstâncias epistemológicas, como um conjunto de técnicas de produção. Com o domínio dessas técnicas, o historiador trabalha sobre um material para transformá-lo, assim, em história.

Em uma tentativa de êxito, a fim de explicar essa prática, Certeau faz a seguinte reflexão:

O historiador trabalha sobre um material para transformá-lo em história. Efetua então uma manipulação que, como as outras, obedece a regras. Tal manipulação assemelha-se à fabricação efetuada com o minério já refinado. Transformando de início as matérias-primas (uma formação primária) em produtos *standard* (informação secundária), transporta-o de uma região da cultura (as “curiosidades”, os arquivos, as coleções etc.) a uma outra (história). Um trabalho “histórico” participa do movimento pelo qual uma sociedade modificou sua relação com a natureza, transformando o “natural” em utilitário. (CERTEAU, 1976, p.29).

Logo, com o domínio das técnicas que equilibram a história, de um lado narração e do outro discurso lógico, o historiador não só traduz uma linguagem cultural para outra (produções sociais em objetos de história), mas, também, transforma em cultura os elementos que arrebatam do natural.

De maneira clara, no tocante aos aparelhos e procedimentos técnicos, temos, a exemplo,

o trabalho inicial em história de selecionar, reunir, determinados objetos distribuídos de outras formas, transformando-os em documentos dos quais futuramente sobre a égide das instituições técnicas científicas coligirão em “fontes”.

Ademais, no exame da prática histórica o autor particulariza três aspectos na definição dessa prática: a mutação do sentido ou do real na produção de desvios não apenas quantitativos, mas qualitativos com relação às construções formais do presente, nos fazendo atentarmos para o que está à margem; a posição do particular (mas não individual) como limite do pensável e a composição de um lugar que instaura no presente a figuração ambígua do passado e do futuro.

O trabalho de Michel de Certeau nos permite refletir sobre a história e sobre o que produz um historiador em seu trabalho, porém, mais do que uma operação que tem seu início e seu fim na escrita (RICOEUR, 2007), a operação historiográfica, também, tem suas possibilidades nas imagens. O que nos faz pensar na possível aplicabilidade do conceito de operação historiográfica no ofício do professor de história e do aluno da disciplina, no contexto da educação básica.

É certo que essa possível aplicabilidade do conceito de operação historiográfica já fora tema de discussão de outros trabalhos como o de Penna (2012). No texto *Ensino de História: operação historiográfica*, o autor vislumbra duas possibilidades: “repensar a operação historiográfica para nela incluir o ensino de história ou pensar o ensino de história como outra operação” (PENNA, 2012, p.1). Articuladamente, o autor opta pela segunda possibilidade apresentando-nos em seu trabalho a *Operação Ensino de História*, tendo como produto final não uma historiografia escolar, mas a aula de história.

Entendemos, então, que pensar nessa possibilidade de aplicabilidade do conceito desvelado por Certeau, ao ensino e aprendizagem de história na educação básica, não parece ser tarefa fácil, a ponto de termos outras propostas como a de “Operação Ensino de História” em meio a essa discussão. Mas, essencialmente, sabemos que aplicabilidade do conceito do autor ao ensino de história em seus vários processos é de fundamental importância na medida em que este traz consigo o peso de valor de parte da cientificidade característica e específica da História, necessária na incorporação do conhecimento e da didática em sala-de-aula.

A partir da discussão sobre Ciências Sociais e Educação, o autor Joaquín Prats, em seu artigo *Ensinar História no Contexto das Ciências Sociais: princípios básicos*, indica a necessidade de ensinar a história utilizando os instrumentos do historiador, (métodos e técnicas em todo processo didático, como, por exemplo, a análise da credibilidade das fontes por parte dos alunos) isso, porque, como bem colocado por Prats:

Quando se incorporam conhecimentos de ciências sociais (como os da História) às aulas, estes são apresentados como conhecimentos prontos, acabados, e em consequência os alunos não os relacionam exatamente com aquilo que é próprio de uma ciência. Acabam por considerar como científicas apenas as disciplinas das ciências naturais ou físicas e matemáticas, enquanto as sociais são percebidas como elementos de cultura, de curiosidade ou de mera repetição de datas comemorativas e acidentes geográficos. (PRATS, 2006, p.194).

À vista disso, diante desta causa e de outras expostas no trecho citado, é substancial uma educação que ofereça uma didática da disciplina, que faça uso dos métodos e técnicas científicas e que seja coerente com a natureza do conhecimento desta disciplina. Mas qual é a natureza do conhecimento histórico? Em síntese, de acordo com o mesmo autor a História:

Trata-se do conhecimento de uma trama complexa, dinâmica, em que os fenômenos estão entrelaçados dialeticamente. Por tudo isso, a compreensão dos fenômenos históricos supõe o domínio de conhecimentos extremamente abstratos e a utilização de variáveis e relações que dificilmente podem ser isoladas. (PRATS, 2006, p.201).

O trabalho com a História é um verdadeiro desafio para o professor da educação básica, na medida em que “reúne características que a transformam em um campo de aprendizagem com dificuldades especiais” (PRATS, 2006, p.191); na medida em que o pensamento abstrato e formal em história é mais tardio do que em Matemática e Ciências Naturais, o que a apresenta como matéria difícil de ser entendida, pois é fora da realidade e da temporalidade do aluno. (SCHMIDT; URBAN, 2016).

Esta situação se torna mais complicada quando pensamos nas competências presentes na BNCC exigidas para a turma dos 6º ano do Ensino Fundamental II, por exemplo. Os alunos deste ano de ensino passam por um verdadeiro “choque”; considerando o fato de estarem entrando em uma nova fase, a da adolescência, com todas as suas complexidades; de serem “avaliados” por mais de um professor e não por apenas um, como no ensino fundamental anos iniciais; além do fato de terem os conteúdos da história, outrora trabalhados sob sua perspectiva (como a noção do lugar onde se vive, contemplada nos 3º e 4º anos), substituídos por conteúdos abstratos, muita das vezes alheios a seu universo.

Para além de Joaquim Prats, Schmidt e Urban, Peter Lee, também, trata de discutir a complexidade de nossa ciência, desafios e possibilidades didáticas concernentes às especificidades da história.

Para o autor Peter Lee a “Evidência” seria uma dessas possibilidades, como podemos notar a seguir:

Afirmar que a história fornece o único meio racional de investigar o passado. Esta afirmação se baseia em parte no conceito de desenvolvimento de evidência na história (e das técnicas de manuseio) da evidência. Tem havido uma grande discussão sobre evidências históricas e sua importância para o ensino de história nos últimos anos e eu não desejo discutir os pontos fortes e fracos dos métodos e dos conteúdos específicos de aulas aqui. O que é importante para o assunto em mãos é que, se o uso de evidências é o que, de certa maneira faz uma investigação racional do passado possível, então ser capaz de usar evidências é, dessa forma, aquisição valiosa. Mas, há limites quanto ao que pode ser afirmado aqui. Não se pode presumir que o conceito de evidência histórica é coextensivo com o conceito de evidências em geral e a maneira pela qual a evidência é usada na história não é necessariamente a mesma como ela é usada em, digamos, ciência natural. A diferença é, em parte, relacionada às técnicas, mas existem diferenças mais fundamentais. As perguntas a serem respondidas são diferentes e, em consequência e também em grande parte, o material evidencial. (LEE, 2011, p. 26-27).

Compreendemos de acordo com o autor que aprender a fazer uso dessa evidência histórica (específica da ciência) concernente à verdade, objetividade, e demais aspectos essenciais na operação dos procedimentos históricos, é central na e para aprendizagem com a *experiência vicária*, possível e característica da História, que por sua vez: “[...] estimula a imaginação e expande a concepção do educando do que é ser humano e assim do que ele ou ela é, ou pode vir a ser” (LEE, 2011, p.40).

A experiência (incluindo a substantiva como a de segunda ordem) atrelada às técnicas de manuseio sombreadas por Peter Lee, bem como, a metodologia didática, ou o método histórico, desdobrado por Prats (dentre as quais: aprender a formular hipóteses de trabalho; aprender a classificar fontes; aprender a perguntar-se sobre os fatos do passado; ajudar os alunos na compreensão de suas próprias raízes culturais) dialogam e trazem luz para a possibilidade de operação historiográfica de Michel de Certeau, pensada na perspectiva do ensino de história na educação básica.

Isto posto, a adaptação dos temas aos estágios operativos dos alunos; o uso das técnicas específicas da ciência histórica em sala de aula; a importância da prática e da experiência histórica de acordo com a realidade do aluno, salientado em trabalhos de autores como Prats e Lee, trazem sentido à história; cooperam e fazem parte da operação entre lugar, prática e evidências visuais de projetos como o Memórias da nossa Pipa. Com isto, chegamos, portanto, à pergunta: qual o produto deste projeto?

## 5.1 O PRODUTO DESTA TRABALHO

Na operação que se inicia no ensinar história, como produto educacional deste trabalho, buscou-se a criação de uma sequência didática com o uso das imagens como evidência histórica,

e, como culminância desta sequência, uma exposição fotográfica realizada pelos alunos das turmas do 9º ano da EMVC, contribuindo, desta forma, na construção do abstrato saber histórico; da capacidade de utilização dos instrumentos do historiador; no desenvolvimento e valorização das memórias e identidades de Pipa.

Vimos na sequência didática a possibilidade de desenvolver um trabalho que compreende a capacidade de utilização dos instrumentos do historiador no uso das imagens como evidência histórica em seu trato mais profundo, sensível e científico, transposto para um contexto de educação básica, considerando o saber prévio do educando, envolvendo uma aprendizagem significativa, identificativa e coerente com a sua realidade, potencializando, assim, a eficácia deste instrumento e estratégia educacional pois, “A SD se torna mais eficiente quando se vincula os conhecimentos científicos, à aprendizagem e ao contexto social dos alunos” (MOREIRA, 2015, p.23).

Neste propósito, a sequência didática foi estruturada em 4 aulas (mais uma exposição fotográfica como produção final dos alunos) com os seguintes temas: *Imagem como evidência histórica; Analisando imagens; Jogo da memória histórico e Pipa à luz das fotografias*. A SD, está disponibilizada no Apêndice – E, podendo servir de base para o desenvolvimento de outros trabalhos com o uso de imagens e, adaptado de acordo com a realidade do contexto de sua implementação. Para uma melhor visualização e praticidade na execução dessa sequência, também foi elaborado um quadro de SD, com suas especificidades, inspirado nos Mapas de Atividades<sup>12</sup>, comumente utilizados em Designs Instrucionais de Aprendizagem, e igualmente adaptável ao contexto de sua implementação.

No Apêndice – F é possível observar o quadro com todo o planejamento da SD, onde temos a distribuição dos temas trabalhados nas 4 aulas especificadas anteriormente, totalizando em torno de 8 horas de atividades e mais 1 mês para a organização e exposição fotográfica como produção final dos alunos, mais detalhada adiante. Neste planejamento, também, são especificados os recursos utilizados, as atividades desenvolvidas, bem como os objetivos específicos propostos para a SD.

Já que mencionamos os objetivos específicos para esta sequência didática, antes de adentrarmos na descrição da implementação desta sequência, discorreremos um pouco sobre a definição desses objetivos.

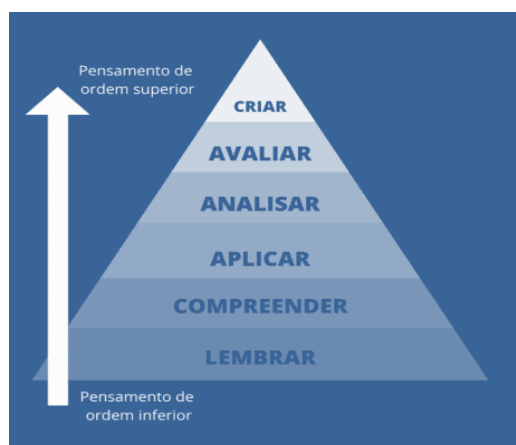
---

<sup>12</sup> De acordo com Castro (2006) o mapa de atividade consiste em um recurso utilizado no Design Instrucional de Aprendizagem muito importante, pois auxilia na organização e no planejamento de um curso ou disciplina.

Para o desenvolvimento dos objetivos educacionais da sequência didática e da exposição fotográfica como produção final dos estudantes, tomamos por base a Taxonomia de Bloom, modelo educacional, desenvolvido pelo psicólogo e pedagogo norte-americano Benjamin Bloom, que propõe aos educadores que proporcionem para os seus alunos objetivos educacionais que vão dos mais simples aos mais complexos, classificados a partir dos domínios cognitivo, afetivo e psicomotor.

Os objetivos educacionais no domínio do processo cognitivo da taxonomia de Bloom revisada<sup>13</sup> são definidos em seis níveis, sendo esses: lembrar; entender/compreender; aplicar; analisar; avaliar e criar. Já no domínio afetivo os objetivos são classificados em cinco níveis: recepção; resposta; avaliação; organização e caracterização, assim como no domínio psicomotor, cujos níveis a serem alcançados são: percepção; predisposição; resposta guiada; resposta mecânica e resposta completa e clara (TORRES, FORNO E MITIE, 2022). Tais objetivos educacionais, organizados em diferentes níveis, podem ser compreendidos, melhor, na expressão gráfica visualizada na Figura 1.

Figura 1 – Objetivos cognitivos educacionais da Taxonomia de Bloom revisada



Fonte: Unina (2021).

Essa organização dos objetivos educacionais da taxonomia de Bloom em níveis de forma hierárquica possibilita uma aprendizagem mais efetiva, na medida em que o educando só

<sup>13</sup> Na década de 1990 Lorin Anderson revisou a versão original da Taxonomia de Bloom. Nessa revisão foi trocada a nomenclatura das etapas por verbos em ação. As categorias “Avaliação” e “Síntese” passaram a ser chamadas de “Avaliar” e “Criar” e tiveram a sua ordem invertida de lugar. Essas mudanças permitiram uma classificação dos objetivos educacionais mais dinâmica.

passará para um nível superior de aprendizagem quando assimilar o conhecimento do nível anterior, nisto, temos um processo de aprendizagem, como já observado, que segue dos níveis mais simples para os mais complexos, do mais concreto para o mais abstrato.

A respeito dessa hierarquização do conhecimento e mais precisamente sobre a taxonomia de Bloom, Ferraz e Belhot destacam que:

Todo desenvolvimento cognitivo deve seguir uma estrutura hierárquica para que, no momento oportuno, os discentes sejam capazes de aplicar e transferir, de forma multidisciplinar, um conhecimento adquirido[...]. A utilização de instrumentos que facilitem essa atividade é fundamental nesse contexto, pois é um instrumento de classificação de objetivos de aprendizagem de forma hierárquica (do mais simples para o mais complexo) que pode ser utilizado para estruturar, organizar e planejar disciplinas, cursos ou módulos instrucionais. (FERRAZ; BELHOT, 2010, p.431).

A taxonomia de Bloom tem demonstrado ser um importante instrumento no processo educacional, tendo como objetivo auxiliar no planejamento, organização e controle de aprendizagem. Academicamente sua classificação hierárquica tem sido uma das maiores contribuições para os educadores que conscientemente procuram meios de estimular nos seus discentes raciocínio e abstração de alto nível (FERRAZ; BELHOT, 2010). Contudo, no produto desta pesquisa vimos como esse modelo educacional tem suas contribuições não só no meio acadêmico, mas na educação básica, também, por possibilitar que os alunos deste nível de ensino alcancem conhecimentos mais complexos e abstratos presentes em componentes curriculares como o de História.

Considerando esses aspectos, sendo a SD uma estratégia educacional sistemática que envolve “um conjunto de atividades ordenadas, estruturadas e articuladas” (ZABALA, 1998, p.18) foi pensado no uso da taxonomia de Bloom, como instrumento adequado para auxiliar este planejamento do processo de aprendizagem, mais precisamente na definição dos objetivos específicos desta sequência didática.

Uma vez sendo o objetivo principal deste projeto e produto o desenvolvimento e a valorização das memórias e identidades de Pipa pelos estudantes da Escola M. Vicência Castelo com o uso das imagens como evidência histórica, com base nos objetivos educacionais do domínio cognitivo da taxonomia de Bloom, nesta sequência didática os discentes foram capazes de:

1º Lembrar o que é imagem relacionando-a, descrevendo-a e reconhecendo-a como uma evidência histórica;

2º Entender a imagem como evidência histórica situando-a em seu contexto histórico;

3º Lembrar a história de Pipa reconhecendo-a nas imagens fotográficas como evidência histórica;

4º Entender a história de Pipa identificando suas memórias e identidades nas imagens e reescrevendo as principais informações sobre a sua história;

5º Aplicar de forma consciente as informações sobre a história local empregando essas informações nas imagens fotográficas de Pipa;

6º Criar uma exposição fotográfica produzindo mais conhecimento sobre a história de Pipa.

Como se pode observar, os objetivos específicos definidos para o produto deste projeto contemplaram quatro dos seis níveis do domínio cognitivo da taxonomia de Bloom (Lembrar, Entender, Aplicar e Criar). Esses níveis dispostos em objetivos do domínio cognitivo estão relacionados à obtenção de conhecimentos e habilidades intelectuais.

É válido ressaltar que dos três domínios (cognitivo, afetivo e psicomotor) de acordo com Ferraz e Belhot (2010) o cognitivo tem se mostrado o mais divulgado, conhecido, discutido e utilizado pelos pesquisadores e educadores em seus planejamentos educacionais, objetivos, estratégias e sistemas de avaliação. Todavia, mesmo sendo este o primeiro dos domínios, e o mais utilizado pelos pesquisadores e professores, isso não significa que devemos secundarizar o valor dos outros domínios, pois possuem tanta importância quanto o primeiro.

Nesta sequência de aulas definimos os objetivos educacionais com base no domínio cognitivo, considerando a necessidade básica dos alunos de aprenderem mais sobre a história de Pipa, contribuindo na valorização e desenvolvimento de suas memórias e identidades, mas, ao mesmo tempo consideramos, também, os objetivos atrelados aos domínios afetivo e psicomotor, na medida em que se compreende que os três domínios estão interrelacionados, como observado pelos autores Torres, Forno e Mitie (2022) ao abordarem a relação direta entre o domínio cognitivo e afetivo:

[...] o estudante vai progredindo até o próximo nível do domínio cognitivo, que seria a compreensão do conhecimento. Assim sendo, ele se torna capaz de responder ao estímulo de maneira espontânea, e sentindo prazer ao realizá-lo. Com isso, o aluno chega à aplicação do conhecimento que ele é capaz de compreender. Em seguida, ele passa a valorizar a atividade ou o fenômeno, de maneira que, voluntariamente, esse aluno possa participar ou buscar diferentes formas de se envolver com os acontecimentos presentes. [...] Após isso, esse aluno pode atingir o nível cognitivo mais elevado, que diz respeito à habilidade de avaliar, fazendo com que ele possa julgar o valor daquele conhecimento para atender os objetivos específicos que ele tenha. E, concomitantemente, ele atinge a categoria mais elevada do domínio afetivo, que o torna apto a realizar a caracterização de si mesmo, e o julgamento de seus sentimentos. (TORRES; FORNO; MITIE, 2022, p. 8-9).

Os autores nos concedem a compreensão que as competências afetivas, cognitivas ou intelectuais se desenvolvem em uma relação concomitante, isto é, a medida em que os estudantes progredem em seu currículo escolar, de curso ou disciplina, por exemplo, as competências afetivas se desenvolvem em uma relação direta com as habilidades cognitivas e vice-versa.

Ademais, não deixando de fora dessa relação o domínio psicomotor – resultado da combinação entre cognição e ações musculares – seu desenvolvimento além de abarcar os sentidos em consonância com a capacidades motora “[...]encontra-se ligado aos domínios cognitivos e afetivos de maneira interativa e fluída” (TORRES; FORNO; MITIE, 2022, p.8).

Essa interrelação entre os domínios significa que a cada avanço cognitivo o aluno, também, estará apto a avançar no domínio psicomotor e afetivo concomitantemente, de acordo com o tempo e especificidades de cada discente no processo de aprendizagem.

Transpondo esta ideia para este produto, significa dizer que na medida em que o aluno envolvido nesta proposta de sequência de aula avançava no nível do domínio cognitivo “conhecimento” (sobre a história de Pipa), por exemplo, este, também, avançava no/para o nível “recepção” do domínio afetivo (dirigindo-se com atenção a história de Pipa) ou para o nível percepção do domínio psicomotor (tornando-se consciente do mundo externo através de seus sentidos corporais, como enxergar nos imagens fotográficas de Pipa sua memória, identidade e história).

Por último, no tocante a taxonomia de Bloom e os objetivos desta sequência de aula, é válido ressaltar como os avanços dos níveis do domínio afetivo foram fundamentais neste trabalho, uma vez que o reconhecimento e a valorização das memórias e identidades de Pipa, constituem-se em objetivos principais deste projeto, sendo o reconhecer e o valorizar atos atrelados a sentimentos, a emoções, ligados(as) ao domínio afetivo, pois como afirma Torres et al. (2021, p.7): “[...] o domínio afetivo encontra-se ligado à maneira pela qual se lida emocionalmente com as situações, como a presença dos sentimentos, valores, entusiasmos,

motivações, apreços de atitudes que moldam comportamentos e o pensamento de um sujeito”.

Entendido o modelo educacional que delineou os objetivos de aprendizagem deste produto, discorremos, a partir de agora, como foi a execução dessa sequência de aulas, bem como a realização da exposição fotográfica com os alunos envolvidos no projeto.

Pois bem, na primeira aula da sequência didática correspondente ao primeiro objetivo, *Lembrar o que é imagem descrevendo-a e reconhecendo-a como uma evidência histórica*, foi trabalhado o conceito de imagens como evidência histórica.

Para trabalhar esse conceito com os alunos foi utilizado um tipo de visualização conhecida por “Nuvem de Palavras” (SILVA, 2013). As nuvens de palavras são representações visuais de palavras em que se pode observar o valor e a frequência das mesmas (RAMSDEN; BATE, 2008).

Essa representação constitui-se em um eficiente instrumento didático que pode ser utilizado em sala de aula, pois facilita o processo de aprendizagem atraindo a atenção dos alunos pela visão, proporcionando de maneira mais efetiva que os alunos percebam com mais facilidade os conceitos-chave da aula.

Para a elaboração da nuvem de palavras, foram entregues aos alunos *Postites* para que pudessem responder com uma palavra o seguinte questionamento: “O que é imagem?” Os postites, entregues aos estudantes, foram anexados com as respostas na parede da sala de aula formando uma espécie de mural, como observado na Imagem 8 e na Imagem 9.

Imagem 8 – Estudantes anexando suas respostas



Fonte: elaborado pela autora (2022).



registrar como foi seu desempenho em cada atividade proposta, permitindo o controle docente e discente do andamento de cada etapa da sequência didática.

Imagem 10 – Ficha de Acompanhamento de Atividades

Nome: \_\_\_\_\_ Turma: \_\_\_\_\_ Data: \_\_\_\_\_ 2022. FICHA Nº: \_\_\_\_\_

Atividades do aluno/grupo	Marque um X na situação em que ficou a tarefa.			Descreva o que ficou faltando fazer.	Anotações do professor
	A atividade foi muito bem realizada	A atividade não foi realizada	A atividade foi realizada de forma incompleta	O que falta fazer	

Fonte: elaborada pela autora (2022).

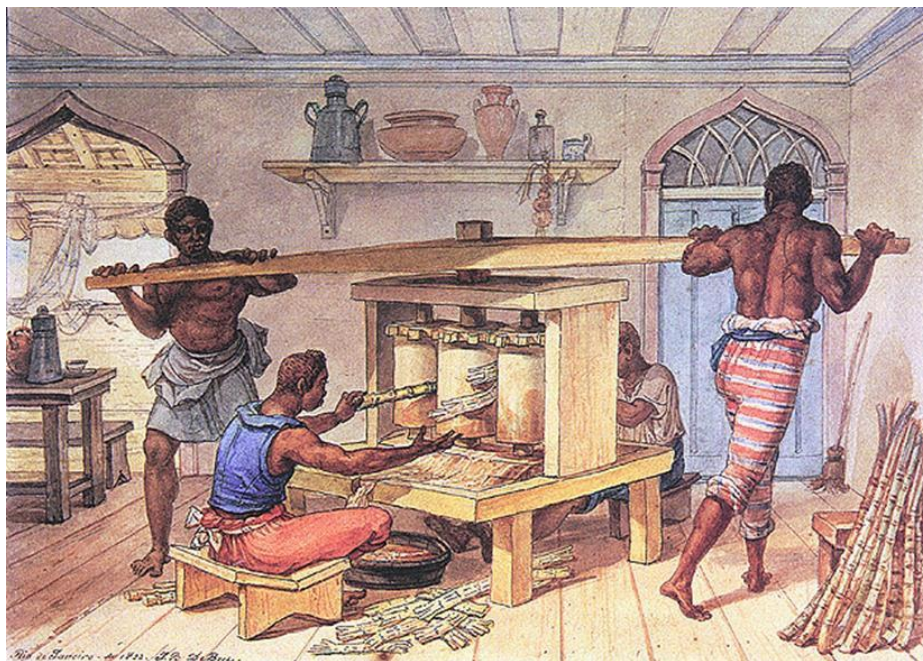
Na aula *Analisando imagens*, também correspondente ao primeiro objetivo desta SD, os estudantes tiveram a oportunidade de aprenderem a analisar a evidência visual de maneira mais profunda.

Nessa aula, buscou-se despertar nos estudantes uma visão mais detalhada e sensível para com as imagens, visão esta, fundamental para o trabalho com as fotografias de Pipa e essencial para o desenvolvimento de uma postura crítica por parte dos alunos diante do “dilúvio de imagens”<sup>14</sup> presentes em seus cotidianos.

Neste intuito, foram distribuídas para cada estudante a Imagem 11 e a Imagem 12, impressas (ou o QR Code das imagens, para quem preferisse), correspondentes as obra *Engenho Manual que Faz Caldo de Cana*” de 1822, do pintor e escritor Jean Baptiste Debret e a *Abdicação do primeiro Imperador do Brasil, D. Pedro I*, datada de 1911, de Aurélio Figueiredo.

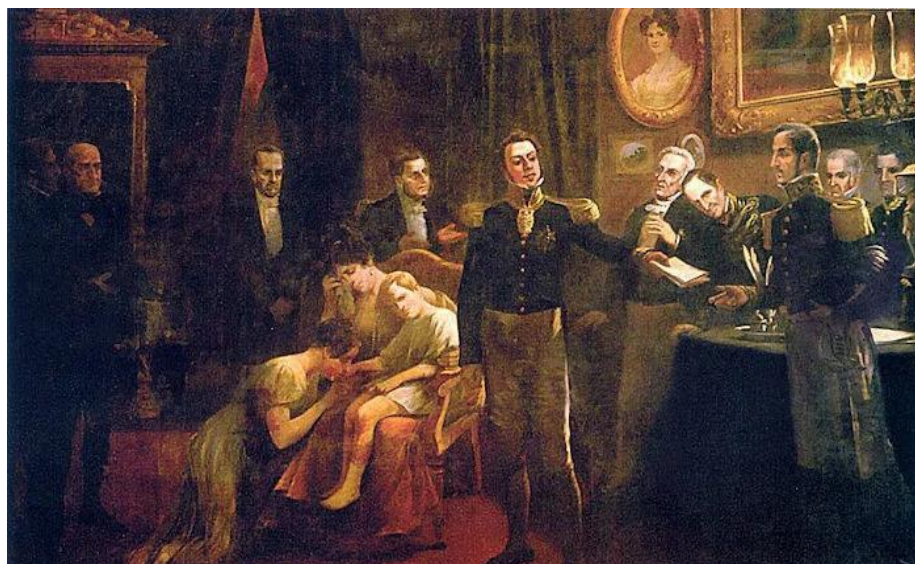
<sup>14</sup> Em conferência promovida pela Editora Unesp e Cedem Unesp em 07/06/17, Peter Burke discursou sobre a importância de ensinarmos aos nossos alunos uma postura crítica diante do que ele irá chamar de “dilúvio de imagens” sendo interpretado como o frenético volume de imagens virtuais, tecnológicas, imediatas e midiáticas que os homens da contemporaneidade, principalmente os jovens da chamada geração “Z”, estão sujeitos (Vídeo da conferência disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=6hyByIL9jWE> ).

Imagem 11 – “Engenho manual que faz caldo de cana”, de Jean-Baptiste Debret, 1822



Fonte: Enciclopédia Itaú Cultural (2022).

Imagem 12 – “A abdicação do primeiro Imperador do Brasil, D. Pedro I”, de Aurélio Figueiredo, 1911



Fonte: Mundo Educação (2022).

A escolha de trabalhar com a obra de Debret consiste no fato desta, como as outras obras do artista, compor uma apreciável representação visual do dia a dia; das cenas urbanas; dos aspectos físicos; dos variados grupos sociais; dos hábitos e práticas do contexto histórico

retratado.

No que diz respeito à obra de Aurélio Figueiredo, a escolha desta está atrelada ao fato da representar um dos conteúdos, no caso a abdicação de D. Pedro I, correspondente ao objeto de conhecimento e habilidades direcionadas ao nível de ensino das turmas do projeto, segundo a BNCC.<sup>15</sup>

Foi reservado duas aulas para que os alunos fizessem a análise dessas imagens. Esta análise foi organizada em duas etapas, a primeira, de *Descrição*, sob a perspectiva do próprio aluno, sem acesso à internet e, a segunda, de *Pesquisa*, com o uso da internet.

Assim, ao receber as imagens, sob as orientações docente, os estudantes realizaram os seguintes procedimentos baseado nessas duas etapas: 1) Descrição das obras de forma detalhada (nesta descrição estão incluídos personagens, ambiente, cartela de cores e outros detalhes perceptíveis ao aluno); 2) Apontamento dos setores representados (exemplo: crianças, mulheres, homens livres ou escravizados); 3) Lista de elementos observados pelos alunos que são destacados ou minimizado pelos pintores nas obras (Euforizados e Disforizados)<sup>16</sup>; 4) Levantamento da ficha técnica das imagens (nome da obra, data, origem, estilo e tema) e 5) Realização de síntese biográfica dos autores. O registro deste momento pode ser visualizado na Imagem 13.

---

<sup>15</sup> Na análise da obra de Figueiredo assim como na de Debret também foi trabalhado as habilidades da Base Nacional Comum Curricular: (EF08HI15) Identificar e analisar o equilíbrio das forças e os sujeitos envolvidos nas disputas políticas durante o Primeiro e o Segundo Reinado e (EF09HI04) Discutir a importância da participação da população negra na formação econômica, política e social do Brasil. Na oportunidade da análise dessas obras foi retomado de forma dialogada e expositiva os objetos de conhecimento correspondentes a essas habilidades.

<sup>16</sup> A euforização e a disforização, entendidos aqui como os elementos destacados e minimizados, são termos empreendidos na análise isotópica das imagens, assim como a identificação dos setores representados em imagens ou filmes. Em *Semiótica do espetáculo: um método para a História*, trabalho organizado por Claudia Beltrão e Ciro Flamarion (2013), temos uma proposta metodológica na semiótica de análise visando resolver o afastamento do historiador com as fontes visuais, mais especificamente com os filmes. Os autores nos direcionam a compreensão da natureza semiótica da imagem cinematográfica em sua ampla manifestação de signos, amparados nas definições de Saussure e Charles Sanders Peirce, nos levando a realização das metodologias e técnicas de análises semióticas que nos aproxima das imagens, como o Quadrado semiótico (onde se representam as relações de contradição, contrariedade, complementaridade) o Grupo de Quatro de Klein e, principalmente, a análise isotópica de derivação semiótica. Na proposta desta análise das imagens com as turmas envolvidas no projeto buscamos a aproximação deste último método.

Imagem 13 – Estudantes analisando as imagens



Fonte: elaborada pela autora (2022).

O passo a passo dos procedimentos, do que deveria ser feito com as imagens, disposto anteriormente em ordem numérica (roteiro), foi escrito no quadro facilitando o processo de análise pelos estudantes.

Para o levantamento da ficha técnica os alunos puderam consultar a internet através do seus smartphones, registrando suas pesquisas no caderno, assim como os demais procedimentos da análise. Pode-se dizer que o levantamento da ficha técnica foi o procedimento da análise da qual os alunos tiveram maior dificuldade, por exigir da parte deles uma maior habilidade relacionada à pesquisa na internet.

Isso nos faz refletir sobre um alunado atual que possui conhecimentos em redes sociais e jogos virtuais, mas que ainda carece de conhecimentos básicos, como escrever e enviar e-mail ou pesquisar na internet um tema de estudo.

Sobre isto, no ano de 2021 OCDE divulgou um relatório, com base em pesquisas com jovens na faixa etária de 15 anos, em que é explicado que a familiaridade dos adolescentes atuais com a tecnologia, fazendo deles “nativos digitais”, não os tornam automaticamente habilitados para usar de modo eficiente os conhecimentos disponibilizados na internet. Parte deles não conseguem localizar materiais confiáveis em buscas de internet ou em conteúdos de e-mails, avaliar a credibilidade de fontes de informação, distinguir fatos de opiniões ou compreender ambiguidades em textos online (BBC, 2021).

Diante desse desafio foi orientado que os alunos buscassem as informações sobre as imagens, para a construção da ficha técnica, em bibliotecas digitais, galerias virtuais, como o *Google Arts & Culture*, ou com o uso de ferramentas de reconhecimento de imagens, como o *Google Lens*.

Ao finalizarem suas análises, foi reservado mais uma aula do componente curricular para a explicação das imagens analisadas. As pinturas de Debret e Figueiredo foram projetadas na sala com o uso do projetor multimídia e do computador, para que todos acompanhassem a explicação sobre as obras. Este momento foi fundamental no processo da análise das imagens, por proporcionar a retomada dos contextos históricos dos temas retratados nas obras artísticas, o esclarecimento de dúvidas (sobre os personagens retratados, por exemplo) e principalmente a participação ativa dos discentes, que contribuíram com suas falas, numa espécie de análise coletiva envolvendo o grupo maior.

Neste exercício, os alunos tiveram a oportunidade de debruçar-se sobre as imagens, de aprender a fazer uma leitura atenta e sensível de seus aspectos pela primeira vez. Vejamos a seguir na Imagem 14, Imagem 15 e Imagem 16 algumas das análises, no tocante a descrição das pinturas, produzida pelos estudantes.

Imagem 14 – Análise feita por estudante da pintura “A abdicação do primeiro Imperador do Brasil, D. Pedro I”, de Aurélio de Figueiredo

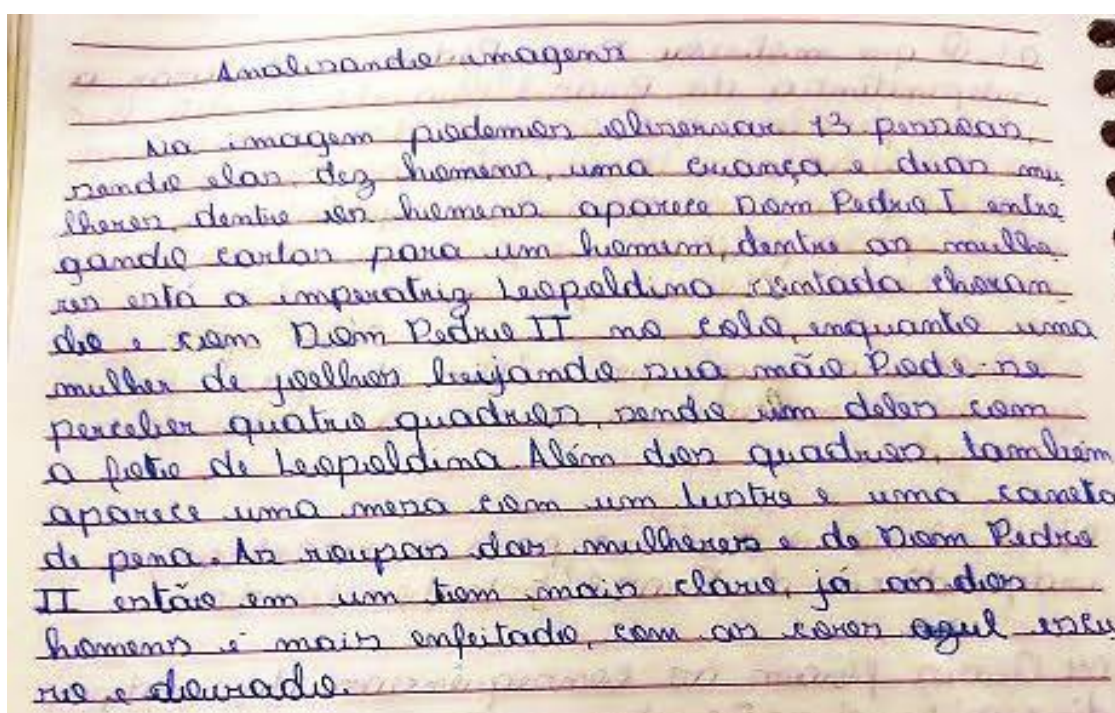


Imagem 15 – Análise feita por estudante da pintura “Engenho manual que faz caldo de cana” de Jean-Baptiste

Debret

ESCOLA MUNICIPAL VICÊNCIA CASTELO

MISTÓRIA

MEMÓRIAS DA NOSSA PIPA

♥ “ANALISANDO IMAGENS”

ENGENHO MANUAL QUE FAZ CALDO DE CANA

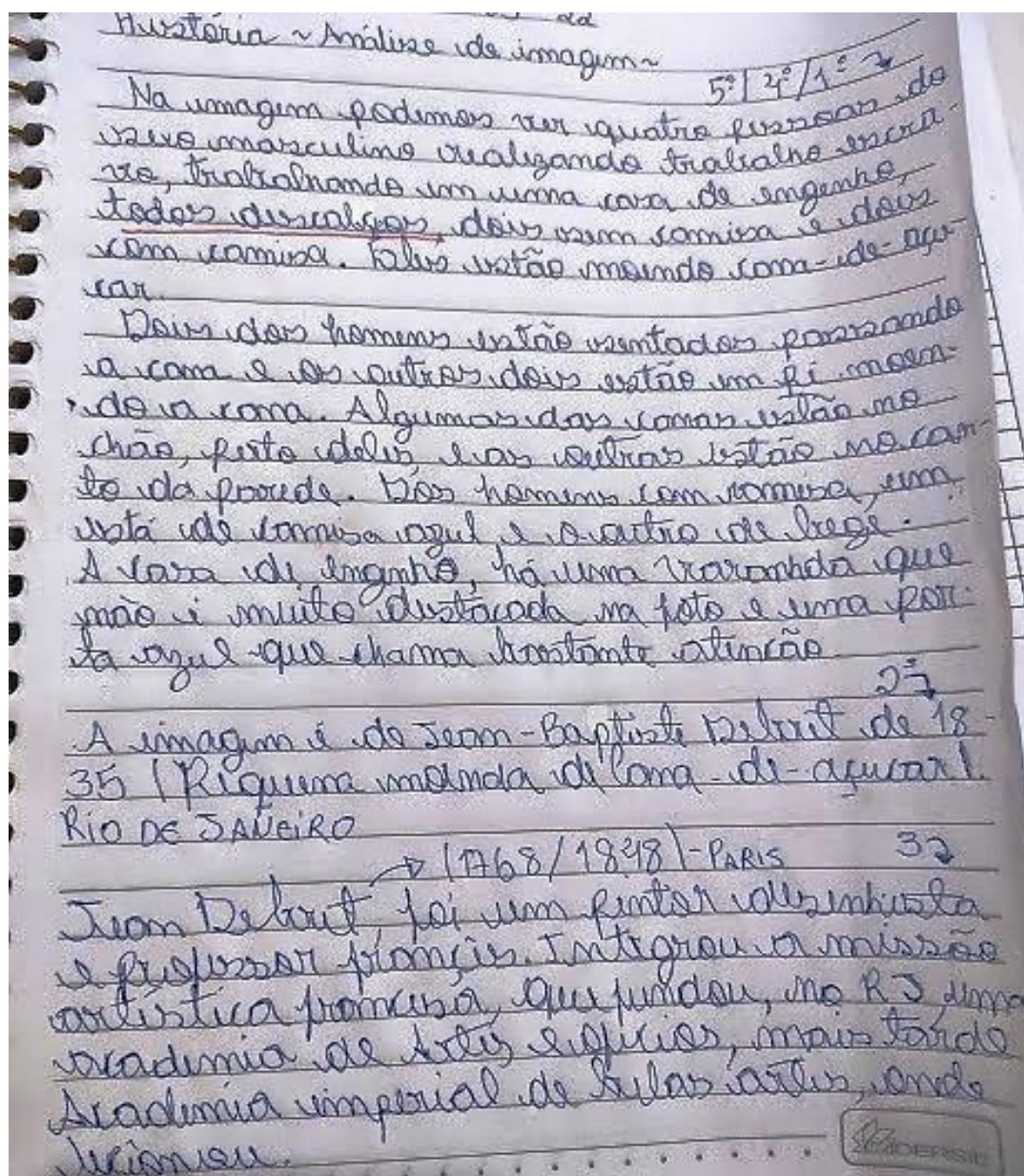
PINTOR: JEAN - BAPTISTE DEBRET

NA IMAGEM HÁ 9 ESCRAVOS, DOIS GIRAM A MÁQUINA PARA FUNCIONAR E OS OUTROS DOIS AUXILIAM A MÁQUINA A MOER A CANA, TODOS ESTÃO DESCALÇOS, O PISO É DE MADEIRA APARENTE NÃO SER LIXADO, A EXPRESSÃO FACIAL DELES É DE TRISTEZA POR SEREM FORÇADOS A TRABALHAR SEM INTERESSE PRÓPRIO, O ESCRAVO QUE ESTÁ A DIREITA EM PÉ TEM MARCAS DE CHICOTE, NESSA MARCA ESTÁ ESCRITO AI, O PINTOR ESCONDEU ESSE DETALHE NA PINTURA PARA MOSTRAR O QUANTO ELAS SOFRIAM. O SETOR REPRESENTADO SÃO OS ESCRAVOS QUE NESSA ÉPOCA NÃO PODIAM SER LIVRES, ELAS ERAM EXPLORADOS PELOS SENHORES DE ENGENHO. NO MEIO DA IMAGEM HÁ UMA PRATELEIRA DE MADEIRA E ACIMA DELA TEM 6 OBJETOS, AO LADO DIREITO DA OBRA HÁ UMA VASCU- RA SENDO A BASE DE MADEIRA COM PALMAS NOS PÉS, AINDA NA DIREITA, HÁ CANAS DE AÇÚCAR QUE VÃO SER MOIDAS E ESTÁ APOIADO EM UM BANCO DE MADEIRA, A ESQUERDA DA IMAGEM HÁ UMA MESA DE MADEIRA E ATRÁS DA MESA HÁ UM BANCO, ENCIMA DA MESA HÁ UMA CAFETEIRA DE ALUMÍNIO E AO LADO UMA CHÁLEIRA, ATRÁS DA CAFETEIRA HÁ UMA XICARA DE CHÁ COM UM PRATO EMBAIXO, NO FUNDO DA IMAGEM A ESQUERDA HÁ UM PANO CAÍDO, COMO PODEMOS VÊ, O TELHADO É O QUE AINDA USAMOS HOJE EM DIA QUE É DE BARRO SENDO ASSADO EM UM FORNO E RESISTENTE A CHUVA E ETC. O TETO POR DENTRO É DE MADEIRA. COMO SITI ACIMA O PISO ERA DE MADEIRA QUE APARENTE NÃO SER LIXADO.

tilibra

Imagem 16 – Análise feita por estudante da pintura “Engenho manual que faz caldo de cana” de Jean-Baptiste

Debret



Fonte: elaborada pela autora (2022).

Na imagem 14, onde podemos ver a descrição da obra artística de Figueiredo, pelo estudante, notamos que este conseguiu identificar alguns dos personagens históricos presentes na obra, como D. Pedro I e D. Pedro II, apenas se confundindo ao citar a imperatriz Leopoldina ao invés de Amélia de Leuchtenberg, segunda esposa de D Pedro I e imperatriz consorte do Brasil, também retratada na pintura, o que foi esclarecido no momento da análise com o grande grupo.

Esses processos de análise se tornam, então, uma via de mão dupla (ou múltiplos caminhos) pois, ao mesmo tempo em que temos um objeto de análise como evidência que produz conhecimento histórico, este objeto requer, também, para análises mais coerentes, conhecimento histórico. Acrescentemos que, na observação dos resultados das análises produzidas pelos estudantes, foi possível perceber a importância do conhecimento prévio resultando análises com riquezas de detalhes e, principalmente, foi possível perceber a importância do conhecimento histórico na produção de análises mais profundas.

Na aula *Jogo da memória histórico*, referente ao objetivo específico *Entender a imagem como evidência histórica situando-a em seu contexto histórico*, os alunos puderam compreender as fotografias como um documento histórico, jogando.

Essa aula, por sua vez, envolveu uma proposta de gamificação, que consiste,

[...] em utilizar a forma de pensar dos games, os estilos e as estratégias de games, bem como os elementos presentes no design de games tais como: mecânicas, dinâmicas em contextos não games como forma de engajar os sujeitos na resolução de problemas em diferentes áreas, níveis e contextos educacionais. (SCHLEMMER, 2018, p.53-54).

Em síntese, a gamificação é o uso de elementos de jogos em situações que não são jogos, ou seja, nesta aula utilizamos elementos do jogo conhecido por “jogo da memória” em uma situação que não é jogo, isto é, na análise e compreensão de fotografias como evidência histórica.

O uso da gamificação nesta aula justifica-se pelo fato de integrar uma metodologia ativa, despertando o interesse e o engajamento dos alunos no conteúdo ministrado e principalmente no projeto.

Em linhas gerais, podemos dizer embasados em estudos de autores como Piaget (1971) e Lev Vygotsky (1984), que os jogos têm se mostrado instrumentos de aprendizagem que ajudam no desenvolvimento criativo, social, afetivo, histórico e cultural dos alunos. Mais precisamente o jogo da memória, como o que foi empregado nesta aula, promove nos estudantes o desenvolvimento de capacidades e habilidades como autonomia, confiança, raciocínio, paciência e concentração.

À vista disso, nessa aula foi utilizado o jogo da memória “Retratos do Brasil do século XIX”. Esse jogo está disponível no blog *Ensinar História* em suas versões online e offline para download.

O jogo é de autoria e roteiro da professora Joelma Ester Domingues, com ilustração e preparação gráfica de Josué Domingues; programação e design na versão 1.0 de Cristiano Xavier e Nair Moldado e com versão para Android desenvolvida pela empresa *Ciativito* (2010).

No jogo os participantes devem formar pares fotográficos do final do século XIX, como visto na Imagem 17. Os pares não são formados por fotos idênticas, mas por fotos que possuem o mesmo tema, social e histórico, como imigração; trabalho escravo, livre e infantil no Brasil do século XIX.<sup>17</sup>

Imagem 17 – Jogo Retratos do Brasil do século XIX



Fonte: Blog Ensinar História (2022).

Antes de começar o jogo, os participantes precisam conhecer os pares de fotos lendo as suas legendas. Ao todo o jogo possui uma coleção de 52 fotos. A cada rodada são apresentadas no jogo 23 fotos das quais os jogadores deverão formar 13 pares antes do tempo estipulado pelo jogo acabar. Uma vez formado os pares com sucesso, os alunos devem responder 4 perguntas de múltipla escolha relativas aos temas apresentados nas fotos.

Para jogar “Retratos do Brasil do século XIX” foi utilizado o computador e o projetor da escola (a fim de projetar o jogo para toda a turma), optando pela versão offline, evitando, com isto, imprevistos relacionados à instabilidade da internet.

Para implementar a proposta de gamificação nesta aula, a turma foi dividida em duas equipes, tendo cada uma das equipes um representante. Cada representante dos grupos, com o apoio da sua equipe, teve a sua vez ou rodada no jogo, logo, a equipe que acertou mais pares de

<sup>17</sup> Nesta proposta de gamificação além de termos trabalhado com as imagens fotográficas como evidência histórica, foi possível retomarmos, assim como na análise das obras de Figueiredo e Debret, os objetos de conhecimento “escravismo no Brasil do século XIX: *plantations* e revoltas de escravizados, abolicionismo e políticas migratórias no Brasil Imperial”, segundo a BNCC.

fotografias foi a vencedora. O registro deste momento engajante e de aprendizagem pode ser visualizado na Imagem 18.

Imagem 18 – Estudantes participando da proposta de gamificação



Fonte: elaborada pela autora (2022).

A aula *Jogo da memória histórico*, bem como as aulas *Imagem como evidência* e *Analisando imagens*, foram fundamentais na efetivação da quarta aula desta sequência e para o alcance dos objetivos propostos para este produto.

Na aula *Pipa à luz das fotografias* – referente aos objetivos *Lembrar a história de Pipa reconhecendo-a nas imagens fotográficas como evidência histórica* e *Entender a história de Pipa identificando suas memórias e identidades nas imagens e reescrevendo as principais informações sobre a sua história* – foi solicitado aos alunos, organizados em pequenos grupos como observado nas Imagens 19 e 20, que fizessem a análise de uma sequência de 13 imagens fotográficas de Pipa.

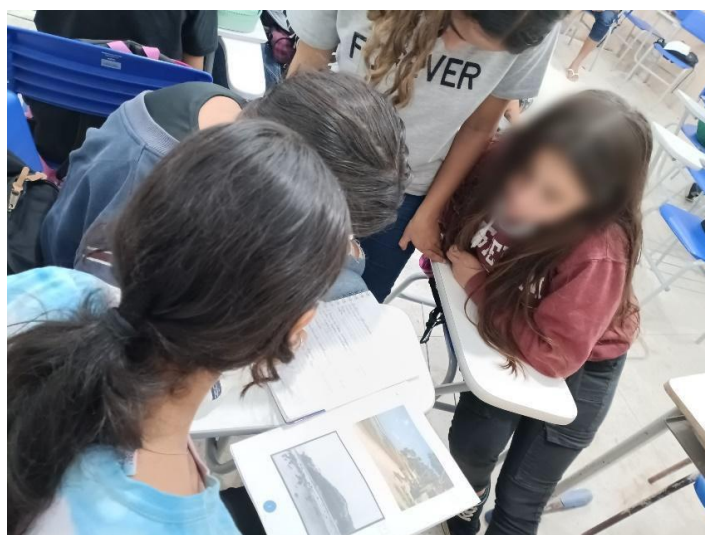
Essa sequência de imagens, disponibilizada no Apêndice – G, são de fotografias de Pipa da década de 1950 até os dias atuais, que revelam a antiga vila de pescadores antes e durante o advento do turismo.

Imagem 19 – Dupla de alunos analisando as imagens de Pipa



Fonte: elaborada pela autora (2022)

Imagem 20 – Grupo de alunas analisando as imagens de Pipa



Fonte: elaborada pela autora (2022).

As imagens foram selecionadas de acervos pessoais, páginas da internet, de redes sociais, como o Instagram e, principalmente, do Facebook do Museu Digital da Pipa<sup>18</sup>. Nesta seleção foram priorizadas as temáticas “mundo do trabalho” e “paisagem”, considerando as visíveis e significativas alterações desses setores ao longo dos últimos anos em Pipa.

---

<sup>18</sup> O Museu Digital da Pipa é uma página na rede social Facebook de autoria de Adaebson Santos, na qual a comunidade pode compartilhar fotos, vídeos, músicas e textos sobre a praia de Pipa e do município de Tibau do Sul.

Para a análise foram entregues aos alunos, organizados em grupos de até 4 integrantes, cópias impressas dessa sequência de imagens e solicitado que registrassem em seus cadernos as respostas para as seguintes perguntas: **1)** O que vocês estão vendo nessas imagens? **2)** O que as pessoas das imagens estão fazendo? **3)** De qual época/ano são essas imagens? Como vocês sabem que são dessa época/ano? e **4)** De qual lugar de Pipa são essas imagens? Assim como a sequência das imagens de Pipa, o roteiro com essas perguntas, também, foi impresso e entregue aos alunos conforme o Apêndice – H.

Diferente de como está disponibilizado no Apêndice – G, as imagens entregues aos grupos não foram referenciadas, para que não houvesse interferência no processo autônomo de identificação das mesmas pelos estudantes, suas especificações como data, autoria, fonte e local só foram reveladas no final da aula, após o processo de identificação realizado pelos grupos.

Assim, na questão “O que vocês estão vendo nessas imagens?” tivemos como respostas “praia de Pipa antigamente”; “mudanças”; “construções”; “praias vazias sem turistas e barracas”; “comércio” e “memórias”.

Na questão 2, as respostas “trabalhando”, “pescando” e “construindo” foram as mais recorrentes, suponhamos que pela temática escolhida, mundo do trabalho, que envolve as imagens.

Na questão 3 em que é perguntado “De qual época/ano são as imagens e como se sabe que são dessa época?” foram mencionadas as décadas de 1930, 1970, 1980, 1990 e os anos 2000.

De acordo com os alunos as imagens seriam dessas décadas pela sua qualidade; por algumas serem em preto e branco; pelo estilo das casas, das roupas dos fotografados e pelas ruas de barro. Dentre as respostas um dos integrantes dos grupos afirmou que descobriu a data de algumas das imagens lembrando e comparando-as com algumas fotografias antigas do álbum de fotos pertencente a sua mãe.

Já na questão 4 tivemos como respostas “praias de Pipa”, “praia do centro”, “rua principal”, “curral”, “tablado” e “casa de farinha”.

Também foi solicitado que os grupos escolhessem uma das imagens para produzirem uma legenda descritiva, analítica, explicativa ou crítica dessas imagens, a fim de complementar a exposição fotográfica detalhada mais adiante.

A Imagem 21 e a Imagem 22, dispostas na sequência de imagens entregues aos grupos, foram as que mais chamaram atenção dos estudantes, por mostrarem nitidamente, segundo os próprios alunos, algumas das transformações de Pipa ao longo dos anos.

Imagem 21 – Praia do Centro em Pipa, 1965



Fonte: Museu Digital da Pipa (2022).

Imagem 22 – Praia do Centro em Pipa, atualmente



Fonte: Museu Digital da Pipa (2022).

Vejamos na Imagem 23, Imagem 24 e Imagem 25, algumas das legendas produzidas pelos grupos referentes às imagens 21 e 22.

Imagem 23 – Legenda do Grupo 1

percebemos mudanças ao passar do tempo, vimos que o homem explorou muito na Pipa, IMPORTANTE

Fonte: elaborada pela autora (2022).

Imagem 24 – Legenda do Grupo 2

6º João imagem Pa antes e Depois Doqui Do Pipa que mostra as suas mudanças, i pedras via realmente as suas mudanças enorme e o Demolimento Das áreas Para construções de Casas etc...

Fonte: elaborada pela autora (2022).

Imagem 25 – Legenda do Grupo 10

01. Na primeira imagem, a mais ou menos 30 anos atrás vemos uma diferença muito grande, entre casas e árvores até mesmo a praia, não tinha baracas e isso fazia a praia ser mais bonita.

Na segunda imagem, 30 anos depois vemos a diferença, entre árvores e casas, agora tem baracas, tem mais movimentos de pessoas nas praias, eles basicamente destruíram a natureza.

Fonte: elaborada pela autora (2022).

As legendas produzidas pelos grupos revelaram não apenas a capacidade descritiva dos alunos, mas sobretudo as noções de espaços, de tempo, de mudanças e permanências. Diante dessas imagens, os estudantes foram capazes de datarem as fotografias, de identificarem não só os espaços geográficos de Pipa, mas, também, as transformações desses espaços ao longo das décadas; a interferência do homem nas paisagens e as mudanças do cotidiano.

Neste exercício visual, os alunos transportaram-se para a representação, em imagem, da antiga vila de pescadores e entenderam os elementos constituintes da história e identidade de Pipa, como o trabalho da pesca, a construção de barcos nos estaleiros e a existência e funcionamento das casas de farinha. Este exercício, permitiu-nos fazer o que Burke denominou de “contextualização das imagens” e que fora salientado no Capítulo 4, ou seja, no exercício de observar, analisar, de questionar e de produzir legendas, inserimos essas imagens em seu tempo, em sua época e em sua tradição cultural e neste diálogo com o seu tempo e com a cultura na qual foi produzida teríamos, pois, indícios do passado (BURKE, 2017).

Aproveitando o fato dessas imagens do “antes e depois da Praia do centro” terem chamado a atenção dos grupos, foi abordado, também, em meio aos diálogos com os grupos, após a produção de suas legendas, alguns dos impactos do turismo na região, como os desmatamentos e degradação das falésias; a supervalorização da cultura estrangeira em Pipa e as questões das drogas, do turismo sexual e do aumento da criminalidade na região.

Desta maneira, o contato dos alunos com essas imagens foi uma experiência singular, onde puderam produzir, contextualizar e refletir de forma criativa e autônoma muito mais do que se tivéssemos trabalhado com textos sobre a história de Pipa. Isso nos remete ao poder das imagens, como discorrido no capítulo *Memórias da nossa Pipa: Imagens e Possibilidades* deste escrito, pois mais do que uma mera ilustração as imagens são como evidências sobre atitudes coletivas e individuais, sobre imaginário, memórias e identidades; indícios do passado que nos permitem “[...]imaginar o passado de forma mais vivida” (BURKE, 2017, p. 17).

Caminhando entre os grupos, conversando com os alunos, que curiosos e entusiasmados reconheciam alguns dos elementos dessas imagens ou buscavam saber mais sobre o que era desconhecido, foi ensinado e aprendido mais sobre a história de Pipa.

É reconhecível que vivenciar este momento só foi possível após a aquisição das habilidades de análise e do despertar das sensibilidades diante das imagens pelos estudantes, desenvolvidas ao logo das aulas anteriores. Atentos aos detalhes dessas imagens, esses alunos foram sensíveis, capazes de criar e recordar.

Portanto, cada uma dessas aulas serviram de base para a compreensão, por parte dos estudantes, das imagens como evidência do passado, permitindo a construção do saber histórico, proporcionado a valorização e o desenvolvimento das memórias e identidades de Pipa. Este trabalho mais profundo, detalhado e sensível com as imagens, por sua vez, nos conduziu à realização de exposição fotográfica no chão da escola, pelos alunos envolvidos no projeto.

## 5.2 EXPOSIÇÃO FOTOGRÁFICA: “AS MULTIDENTIDADES DE PIPA”

Da multiterritorialidade de Haesbaert, evocado na Seção 3.1 deste escrito, chegamos às multidentidades de Pipa, nome da exposição fotográfica idealizada como produção final dos estudantes envolvidos no projeto.

Nesta exposição, buscamos através das fotografias o olhar para Pipa em sua pluralidade. Desta forma, alçamos os dois últimos objetivos específicos propostos aqui: *Aplicar de forma consciente as informações sobre a história local empregando essas informações as imagens fotográficas de Pipa* e *Criar uma exposição fotográfica produzindo mais conhecimento sobre a história de Pipa*.

Neste intuito, a exposição foi desenvolvida com base em 5 temas, sendo esses respectivamente: 1. Imagens como evidência histórica; 2. A Pipa Turística, mas que não é só turismo; 3. Pipa, Vila de Pescadores; 4. A Pipa Ecológica e 5. A Pipa Gastronômica.

Cada um dos temas trouxe consigo um leque de oportunidades, para todos os envolvidos, de autoconhecimento e de novas aprendizagens a respeito de Pipa.

Neste propósito, as turmas do 9º “A” do turno matutino e do 9º “B” do turno vespertino foram organizadas em 5 grupos, que através de um sorteio receberam um dos temas desta exposição. Assim, dois grupos ficaram responsáveis pelo mesmo tema, apresentado por uma turma no turno matutino e por outra turma no turno vespertino.

Uma vez estabelecido os temas de cada grupo, foi solicitado que fizessem o levantamento das fotografias relacionadas ao seu tema. Neste momento, os estudantes foram orientados a pesquisarem as imagens fotográficas em sites ou redes sociais, como, também, foram incentivados a fazerem essas fotos com a câmera de seus próprios celulares (como podemos ver na Imagem 26) e, sobretudo, como no caso dos grupos de alunos que ficaram

responsáveis pelo tema “Pipa, Vila de pescadores”, pesquisarem fotografias no acervo de seus familiares, considerando que 58,3% dos participantes do projeto são nativos ou possuem parentes nativos de Pipa.

Imagem 26 – Fotografia feita por aluna do 9º ano “B”



Fonte: elaborada pela autora (2022).

Os grupos, sorteados com o tema 1 ficaram responsáveis pela abertura da exposição. Com base nas aulas que tiveram ao longo da SD, foram orientados que abordassem em suas respectivas apresentações a importância das fotografias como evidência histórica e sua contribuição na construção e compreensão da história de Pipa. Também, foi solicitado que pesquisassem imagens referentes a história e a evolução das fotografias para a exposição.

Os grupos responsáveis pelo tema “Pipa Turística, mas que não é só turismo” fizeram o levantamento de fotos das transformações e dos impactos do advento do turismo no local.

Durante as orientações, com os grupos responsáveis pelo tema, foi abordado, como discutido no Capítulo 2 e retomado durante a análise do questionário, a ideia de um turismo que parte dos interesses internos da comunidade na qual o nativo assume o *status* de ator principal; um turismo que pode contribuir para o desenvolvimento local, considerando não apenas as questões econômicas, mas as tradições, identidades e autenticidades do lugar, desde que planejado e executado a partir das expectativas e capacidades dos sujeitos que nele vive (SCÓTOLO; NETTO, 2015). Neste contexto, os grupos responsáveis, ainda, foram orientados a pesquisarem fotografias de uma Pipa que, também, tem sua identidade e história compreendida no Zambê, nos grupos de capoeira, no Drama ou nas rendas de bilro<sup>19</sup>.

Os grupos responsáveis pelo tema “Pipa, Vila de Pescadores”, nos acervos fotográficos de seus próprios familiares tiveram a oportunidade de fazer o levantamento de fotos de Pipa quando ainda era Vila de pescadores. Fotografias dos antigos estaleiros, dos currais de peixes, dos peixes “avoadores”, salgados e secados ao sol nas praias, são alguns exemplos de imagens que utilizamos durante a aula *Pipa à luz das fotografias*, que complementaram a exposição com outras encontradas pelos estudantes em suas próprias pesquisas. Os grupos que ficaram com esse tema, também, foram orientados a pesquisarem os contextos históricos referente a época em que foram feitas/tiradas as fotografias de Pipa localizada por eles, estabelecendo com isto uma relação entre o local e o global.

No projeto denominado *Recriando Histórias*, onde foi desenvolvido um trabalho com fontes históricas, as autoras Schmidt e Garcia enfatizam essa exploração dos documentos por parte dos educandos em estado de arquivo familiar.

Vejam no trecho a seguir uma das reflexões resultantes do projeto idealizado pelas autoras:

O conjunto de atividades desenvolvidas no Projeto para localizar documentos nos arquivos familiares e o processo de transformação desses documentos em ponto de partida para o ensino de história, permitiram que se colocasse em discussão a formação da consciência histórica de alunos e professores que, segundo Rüsen (1992, p. 28), é “um pré-requisito para a orientação em uma situação presente que demanda ação”. Isto significa que a consciência histórica funciona como um “modo específico de orientação” nas situações reais da vida presente, tendo como função específica ajudar-nos a compreender a realidade passada para compreender a realidade presente. (SCHMIDT; GARCIA, 2015, p.300-301).

---

<sup>19</sup> O “Drama de Pipa” é uma apresentação teatral cantada, onde as mulheres nativas de Pipa, através dos cantos, relatam as histórias locais, mas pelo pouco interesse das novas gerações em aprender, as apresentações têm sido cada vez menos frequentes. A Renda de Bilro é um tipo de renda manual delicada, feita pelas antigas moradoras de Pipa. Ambas as atividades, apesar de serem cada vez menos conhecidas pelas novas gerações, fazem parte da história e identidade de Pipa.

Schmidt e Garcia nos permitem entender que as fotografias, encontradas pelos alunos para a exposição, são para além de arquivos empoeirados, guardados ou esquecidos em algum cômodo da casa, bem como os relatos de parentes nativos atrelados a essas fotografias, são evidências significativas, ligadas à sua realidade, pertinentes na compreensão do presente e ponto de partida na construção da consciência histórica.

Os estudantes dos grupos responsáveis pelo tema “A Pipa Ecológica” foram os que tiveram maior facilidade no levantamento das fotografias, pela diversidade da fauna e flora nativa de Pipa. Os grupos conseguiram reunir fotografias dos impactos ambientais sofridos por Pipa ao longo dos anos e de atitudes dos locais na preservação do ambiente. Temas como os desgastes das falésias e a preservação da vida marinha, tiveram maior destaque nas fotografias levantadas e produzidas por eles.

Por último, os grupos responsáveis pelo tema “Pipa Gastronômica” reuniram fotografias sobre a gastronomia nacional e, principalmente, internacional em Pipa, visíveis nos “pratos”, festivais ou bistrôs. Durante a orientação desses grupos, foi solicitado que pesquisassem por imagens que revelassem a gastronomia nativa (do camarão torrado, do peixe seco ou no coco, do que se produzia nas casas de farinhas, como o Frevilhado<sup>20</sup>).

Paralelamente ao levantamento das imagens, todos os grupos produziram pequenos textos sobre o tema dos quais ficaram responsáveis. Alguns estudantes ao pesquisarem e encontrarem as fotografias nos álbuns familiares, de quando a Pipa ainda era vila de pescadores, conseguiram, inclusive, realizarem breves entrevistas com seus avós e pais, levantando, assim, informações para a construção de textos sobre a história local. Vale ressaltar que o propósito dos textos produzidos foi o de servir de base informativa (após corrigidos), para a exposição fotográfica conduzida pelos estudantes e na criação de legendas para as imagens fotográficas utilizadas na exposição, como as legendas produzidas durante a última aula da sequência didática.

Para a exposição *As Multidentidades de Pipa* pensamos, também, no desenvolvimento de protótipos de acessibilidade as imagens, para pessoas cegas e com deficiência visual.

A escola Municipal Vicência Castelo, atualmente, em seu quadro de estudantes, não possui alunos cegos ou com deficiência visual, mas considerando a possibilidade da aplicabilidade deste projeto em contextos que incluam estudantes cegos, ou com baixa visão,

---

<sup>20</sup> Espécie de tapioca de goma com coco seco ralado inventada pelos nativos de Pipa nas antigas casas de farinha. Segundo o autor Simonetti (2012) o frevilhado foi criado em 1930 pelo nativo Chico de Amara que [...] teve a ideia de misturar à goma uma porção maior do coco seco ralado, que já utilizava para a fabricação do grude” (SIMONETTI, 2012, p. 104).

e considerando, também, a análise das imagens nas aulas da SD proposta e apresentada aqui, foi pensado no desenvolvimento de protótipos, para alunos cegos terem acesso ao conhecimento produzido neste projeto, pois:

Toda a pessoa tem o direito de tomar parte livremente na vida cultural da comunidade, de fruir as artes e de participar no progresso científico e nos benefícios que deste resultam. Todos têm direito à proteção dos interesses morais e materiais ligados a qualquer produção científica, literária ou artística da sua autoria. (DECLARAÇÃO INTERNACIONAL DE DIREITOS HUMANOS, ARTIGO 27, 1948, p.5).

Neste sentido, foi planejado a reprodução de imagens em 3D para a exposição, que servissem de modelo para a implementação de outras imagens utilizadas em exposições e nas aulas da SD do Projeto Memória da nossa Pipa, futuramente.

Atualmente, tem se recorrido cada vez mais ao uso de imagens impressas em tecnologia 3D em exposições culturais e artísticas como, também, em projetos e experimentos sociais, proporcionando acessibilidade para pessoas cegas ou com baixa visão.

A exemplo disto temos o *Touchable Memories*, ou “Memórias Tocáveis”, um experimento desenvolvido pela agência LOLA para a empresa Pirate3D, sediada em Singapura. A empresa testou a tecnologia de impressão 3D em um campo, até então, não explorado, conseguindo ajudar pessoas que ficaram cegas a reviver suas memórias visuais. Vejamos o exemplo desse experimento na Imagem 27, Imagem 28, Imagem 29 e Imagem 30.

Imagem 27 – Reprodução em 3D de foto pertencente a pessoa cega



Fonte: Hapyness (2014).

Imagem 28 – O layout de uma capa para o álbum de um músico cego



Fonte: Hapyness (2014).

Imagem 29 – Impressão 3D de layout da capa para o álbum do músico cego



Fonte: Hapyness (2014).

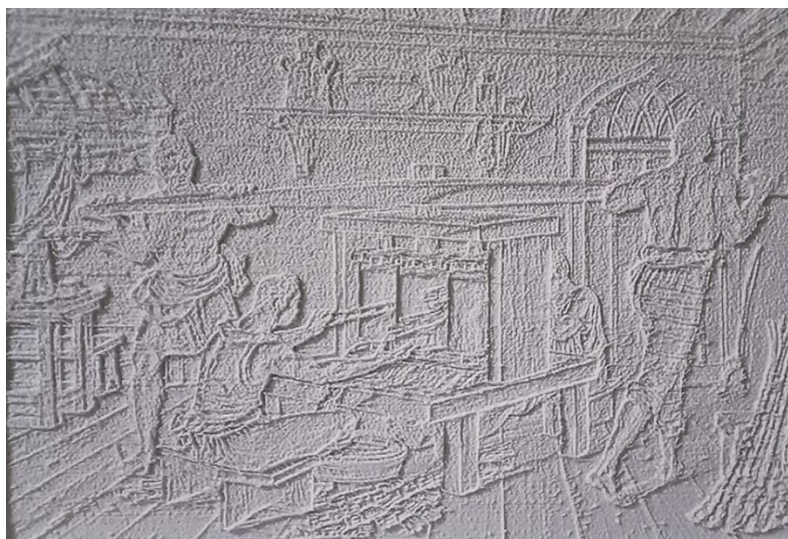
Imagem 30 – Músico sentindo a imagem



Fonte: Hapyness (2014).

Projetos como o *Touchable Memories* nos inspira na busca de práticas significativas no contexto da sala de aula. Nesta inspiração, fizemos a impressão de duas imagens em 3D, sendo essas: a obra *Engenho manual que faz caldo de cana*, de Debret, utilizada durante a SD, e a fotografia de um dos currais de peixe, utilizada durante a sequência didática e selecionada para a exposição fotográfica. As impressões podem ser visualizadas nas imagens 31 e 32.

Imagem 31 – Impressão em 3D da obra de Debret



Fonte: elaborada pela autora (2022).

Imagem 32 – Impressão em 3D do Curral de peixes de Pipa



Fonte: elaborada pela autora (2022).

Os modelos impressos, mesmo não contemplando todos os critérios de adaptação em relevo para pessoas cegas (SÁ; CAMPOS; SILVA, 2007), necessitando de futuros ajustes, quanto a altura do alto-relevo, por exemplo, foram substanciais na confirmação de um projeto, que tem em sua essência o uso das imagens, mas que, também, pode ser acessível a pessoas cegas ou com baixa visão.

Como observado, anteriormente, a Escola M. Vicência Castelo, atualmente em seu corpo discente não possui alunos cegos, mas as imagens impressas foram utilizadas durante a exposição, para que os estudantes pudessem tocá-las e senti-las (como demonstrado na Imagem 33), contribuindo, desta forma, para a construção da consciência dos estudantes, e para o despertar de suas sensibilidades, a respeito da ideia de inclusão e acessibilidades de pessoas cegas, ou com baixa visão, a trabalhos como exposições fotográficas, artísticas ou culturais. .

Imagem 33 – Aluna sentindo a imagem em 3D do Curral de peixes de Pipa



Fonte: elaborada pela autora (2022).

Neste processo, também, foi proposto aos grupos, durante o levantamento das fotografias, que elaborassem audiodescrições de algumas imagens, selecionadas para a exposição. Mesmo não sendo utilizadas durante a exposição, como as imagens em 3D, a pedido dos alunos, o exercício de criar essas audiodescrições pode ser compreendido, neste trabalho, como fator contribuinte nesta construção da consciência e sensibilidade dos estudantes a temas de acessibilidade e inclusão, além disto, constituindo-se, em uma opção mais viável, para projetos que prezam a acessibilidade, comparado ao custo das impressões em 3D.

Por fim, após todos os grupos finalizarem o levantamento das fotografias (algumas dessas foram digitalizadas e impressas, em papel fotográfico, para a exposição, afim de não

danificar as originais), após a construção e correções dos textos e das audiodescrições, os grupos das turmas da manhã e da tarde foram reunidos para alinharem as informações e as falas necessárias para a exposição.

A organização das imagens expostas ficaram sob a responsabilidade dos estudantes, a partir das orientações docente, e a divulgação da exposição foi feita pelos grupos de WhatsApp das turmas da escola.

A exposição, aberta a todas as turmas da EMVC, foi realizada no dia 7 de dezembro de 2022, nos dois turnos de funcionamento da Escola. Os registros desse momento pode ser conferido no Apêndice – I do presente trabalho.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Disse Paul Ricoeur que “lembrar-se é não somente acolher, receber uma imagem do passado, como também buscá-la, ‘fazer’ alguma coisa” (RICOEUR, 2007, p.71). Se iniciamos com uma lembrança que parte do pessoal, vemos a expansão de seu sentido como “memória exercitada” ao longo deste trabalho.

Vimos aqui, as potencialidades do fazer história no exercício do ensino no contexto da educação básica e nas imagens, que em suas concretudes, e das que permeiam nossas mentes, revelam-se mais do que aparatos de textos, mas evidências históricas.

Assim, este trabalho propôs através do Ensino de História contribuir para a valorização e desenvolvimento das memórias e identidades de Pipa, pelos alunos das turmas do 9º ano do Ensino Fundamental II da Escola Municipal Vicência Castelo, com uso das imagens como evidência histórica e concomitantemente o desenvolvimento das próprias identidades e memórias dos alunos, como atores e sujeitos históricos desta história.

Neste sentido, buscamos por mais conhecimento sobre o turismo em Pipa e, na tentativa de uma historização do fenômeno, a melhor compreensão de seus impactos na vida da comunidade receptora e dos alunos que fazem parte desta. Mas, vimos, também, uma Pipa sensível, mais do que um espaço onde o fenômeno do turismo se expressa no material e social, mas um lugar que pode ser entendido, compreendido e sentido em seus múltiplos significados, em suas *multidentidades*.

Nessa elaboração, o questionário de sondagem aplicado foi instrumento não só para a verificabilidade do conhecimento dos estudantes a respeito da história local, mas instrumento que contribuiu para o conhecimento a mais sobre o público-alvo; na identificação de problemas educacionais; nas escolhas da proposta educacional, dos recursos, temas e das atividades que delinearão o produto deste projeto. É válido considerarmos, na análise dos resultados, que o uso da Inteligência Artificial através das técnicas de *associação* e *agrupamento* da área de MDE, acessível através de softwares como o que se usou nesta análise, se mostrou extremamente eficaz no trabalho de pesquisa em seu contexto educacional.

Sobre o produto educacional, concebemos e implementamos uma proposta de sequência didática cuja metodologia intrínseca tornara possível o alcance do objetivo proposto do projeto durante as aulas do componente curricular de História, em que as imagens com suas potencialidades se apresentaram em seu papel de destaque.

No desafio de “fazer” recorreu-se, também, a busca por mais conhecimento sobre a SD como metodologia educacional, e a conceituação da Taxonomia de Bloom, o que nos conduziu a elaboração primorosa dos objetivos específicos desta sequência.

Nas análises das imagens de Debret e Figueiredo conseguimos a aproximação do método histórico, entendido no trabalho de pesquisa, na construção da ficha técnica e na descrição das imagens realizadas pelos estudantes envolvidos no projeto. Chegar até a etapa de análise das imagens de Pipa só foi possível após a etapa fundamental de análise das obras de Debret e Figueiredo.

Na implementação dessa sequência didática destacamos, também, a aula *Jogo da memória histórico*, na qual os alunos tiveram a oportunidade de conhecer, perceber, identificar e contextualizar de maneira interativa os objetos de conhecimentos destinados ao ano de ensino conforme a BNCC, mas, sobretudo, de terem suas sensibilidades despertadas, o que contribuiu para a construção da compreensão, tão necessária neste projeto, das imagens fotografias de Pipa como indícios do passado; como evidência histórica.

Na aula *Pipa à luz das fotografias* trabalhamos com as turmas as habilidades como observar, descrever, associar, relacionar, sintetizar e contextualizar através da produção de uma legenda para as imagens de Pipa, antes e durante o advento do turismo na região. Neste momento ímpar, obtivemos a expressão da relevância do conhecimento adquirido pelos alunos ao longo da sequência didática e do conhecimento prévio advindo de suas próprias relações sociais, vivências e experiências. Também foi um momento de contextualização, e de diálogos na construção da consciência a respeito dos impactos advindos do turismo na região

Encerramos esta sequência com a exposição fotográfica “As Multidentidades de Pipa”, na qual os estudantes envolvidos no projeto, como centro do processo de suas próprias aprendizagens, expressaram-se mediante suas falas e, principalmente, mediante as imagens fotográficas de Pipa, selecionadas por eles. Em um momento, pela primeira vez na escola, tivemos um evento como este, sobre a história de Pipa; sobre a nossa história. Através de cada fotografia exposta, visualizada e sentida, os estudantes da EMVC reconheceram-se; indetificaram-se.

O envolvimento de maneira ativa dos estudantes em cada uma dessas atividades, no qual não foram apenas espectadores de um ensino conteudista, propôs e gerou um lugar de conhecimento em que a História foi sentida, próxima e vívida, despertando, assim, o sentimento de pertencimento ao lugar, tornando-se profundamente concebível dado as potencialidades

históricas; informativas; imersivas; criativa; integrativa e sensíveis das imagens exploradas e apreendidas principalmente no produto executado.

Portanto, a realização deste projeto foi uma experiência de diálogos, onde se pode pôr em prática os saberes adquiridos ao longo do Curso do ProfHistória e repensar em um ensino de história mais envolvente e próximo do aluno, viável com o uso das imagens como evidência histórica. Foi possível adquirir novas perspectivas, novos saberes, onde temos a afirmação da importância da escola e da sala de aula como espaço de construção de conhecimento (GARCIA E SCHMIDT, 2005; PENIN, 1994) e da importância do professor como mediador deste conhecimento e do aluno no centro deste processo.

Consideremos e projetamos ainda este trabalho em uma perspectiva a longo prazo, com futura implementação nas outras turmas da EMVC, mas podemos por hora, e de muito bom grado, afirmar que ao longo desta construção, na articulação compreendida entre *Memória, História, Identidade e Imagens*, em que temos a Memória como objeto da História; a Memória como elemento constituinte da Identidade e as Imagens que nos permitem imaginar o passado de maneira mais vívida, o alcance de aprendizagens e atividades envolventes e transportes para outras realidades, reveladas em cada uma das produções, análises, diálogos e falas dos estudantes deste projeto.

Enfim, no desfecho deste trabalho, pensamos na operação historiográfica desvelada por Michel de Certeau, onde o lugar de fala diz muito do que produzimos. Nesta experiência, fabricamos a partir de nosso lugar de fala, de representação, de identificação, e na produção específica do conhecimento histórico articulamos esses lugares.

Então, vejo um sentido maior em tudo isso: o Ensino de História servindo ao corpo social, na construção, no desenvolvimento e na valorização das memórias e identidades de um lugar chamado Pipa.

## REFERÊNCIAS

AÇÕES do DEL Turismo no Santuário Ecológico de Pipa levam Tibau do Sul a conquistar nova premiação internacional no “Green Destinations Story Awards”. **Fecomércio RN**, Rio Grande do Norte, 15 de mar. de 2021. Disponível em: <https://fecomerciorn.com.br/noticias/acoes-do-del-turismo-no-santuario-ecologico-de-pipa-levam-tibau-do-sul-a-conquistar-nova-premiacao-internacional-no-green-destinations-story-awards/>. Acesso em: 20 de jun. de 2021.

AIRES, Jussara Danielle Martins. **Histórias e relatos sobre Pipa**: a praia internacional do Rio Grande do Norte. 2012. 114 f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Regional; Cultura e Representações) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2012.

ALBERNAZ II, João Teixeira. [Atlas do Brasil]. [1666?]. 1 atlas ms. (16f.), 29 cartas col, 40 x 56,5. Disponível em: [http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo\\_digital/div\\_cartografia/cart1079075/cart1079075.pdf](http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_cartografia/cart1079075/cart1079075.pdf) Acesso em: 24 jan. 2022.

ALBERT, C. e KOUVOUAMA, A. (Org.). (2013). **Déterritorialisation**: effet de mode ou concept pertinent. Pau: Presses Universitaires de Pau.

ARAÚJO, Maria Cristina Cavalcanti. **Uma viagem insólita**: de um território pesqueiro a um paraíso turístico. 2006. 192 f. Dissertação (Mestrado em Conforto no Ambiente Construído; Forma Urbana e Habitação) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2006.

BAKER, R. S. J., ISOTANI, S., and CARVALHO, A. M. J. B. (2011). **Mineração de dados educacionais**: Oportunidades para o Brasil. Revista Brasileira de Informática na Educação, 19:3–13.

BARCA, I. Pensamento histórico e consciência histórica: teoria e prática. In: OLIVEIRA, T. A. D. (org.). **Ideias chave para a educação histórica**: uma busca de (inter)identidades. Curitiba: W.A. Editores, 2018.

BARCELLOS, G. et al. **Novo normal?** : provocações sobre tempo, liderança, relacionamentos e o si-mesmo Petrópolis, RJ : Vozes, 2020.

BBC NEWS BRASIL. **‘Nativos digitais’ não sabem buscar conhecimento na internet, diz OCDE**, 31 de maio de 2021. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-57286155>. Acesso em: 21 de jan. De 2022.

BIJORA, Helito. “Google Forms: o que é e como usar o app de formulários online”. TechTudo, São Paulo, 22 de julho de 2018. Disponível em: <https://www.techtudo.com.br/dicas-e-tutoriais/2018/07/google-forms-o-que-e-e-como-usar-o-app-de-formularios-online.ghtml>. Acesso em: 24 de julho de 2021.

BLANCH, Joan Pagès; FERNÁNDEZ, Antoni Santisteban. **La enseñanza y el aprendizaje del tiempo histórico en la educación primaria**. Cad. Cedes, Campinas, vol. 30, n. 82, p. 281-

309, set.-dez. 2010.

BOURDIN, Alain. **A Questão Local**. Trad. De Orlando dos Santos Reis. Rio de Janeiro, DP&A, 2001.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em 8 de ago. de 2020.

BRASIL. **Ministério do Turismo**. Pipa atinge o topo do turismo nacional. Brasília/DF: MTUR, 2018. Disponível em: <https://www.gov.br/turismo/pt-br/assuntos/noticias/pipa-atinge-o-topo-do-turismo-nacional>. Acesso em 8 de jun. de 2021.

BURKE, Peter. **Testemunha ocular: o uso de imagens como evidência histórica**. Tradução de Vera Maria Xavier dos Santos. São Paulo: Editora Unesp, 2017.

BARRUECO, Caroline. **Nada de valor está aqui**. Disponível em: <https://noosfera.com.br/nada-de-valor-esta-aqui/>. Acesso em 14 de out. de 2020.

C. de Rezende Martins, E. (2009). O enigma do passado: construção social da memória histórica. *T.E.X.T.O.S DE H.I.S.T.Ó.R.I.A. Revista Do Programa De Pós-graduação Em História Da UnB.*, 15(1/2), 35–48. Recuperado de <https://periodicos.unb.br/index.php/textos/article/view/27981>.

CANTALICE, Tiago. Homens também fazem isso? – Um estudo sobre uma nova faceta do turismo sexual - Praia de Pipa/RN. **VIII Seminário da Associação Nacional Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo** 02 e 04 de outubro de 2011 – UNIVALI– Balneário Camboriú/SC.

CAPITANIARUM de Pernambuco, Itamaraca, Paraíba, et Rio Grande noua delineatio. [1650?]. **1 mapa**, 45 x 56cm em f. 47,6 x 58,7. Disponível em: [http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo\\_digital/div\\_cartografia/cart529239/cart529239.html](http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_cartografia/cart529239/cart529239.html). Acesso em: 13 out. 2022.

CARDOSO, Ciro Flamarion; ROSA, Claudia Beltrão da (Orgs.). **Semiótica do espetáculo: um método para a história**. Rio de Janeiro: Apicuri, 2013.

CARVALHO, C. H. de. (2008). A história local e regional: dimensões possíveis para os estudos histórico-educacionais. **Cadernos De História Da Educação**, 6. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/che/article/view/273>. Acesso em: 20 de jan. De 2021.

CARVALHO, Vicente. **Impressora 3D reproduz fotos antigas para deficientes visuais relembrem o passado**. Hypeless. 27 de jan. de 2015. Disponível em: <https://www.hypeless.com.br/2014/10/impressora-3d-reproduz-fotos-antigas-para-deficientes-visuais-relembrem-o-passado/>

CASTRO, A. C. **Design Instrucional da Disciplina Virtual Compostos de Coordenação**. In: Simpósio Internacional de Educação a Distância SIED:EnPED, 2016, São Carlos. Formação, Tecnologias e Cultura Digital, 2016.

CERTEAU, Michel de. **A operação histórica**. In: LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre (Org.). *História: novos problemas*. Rio de Janeiro: F. Alves, 1976.

CLAVAL, Paul. **A Geografia Cultural**. (Tradução de Luiz Fugazola e Margareth de Castro Afeche Pimenta.). Florianópolis: Editora UFSC, 1999.

CLAVAL, Paul. Geografia Cultural: um balanço. **Revista Geografia** (Londrina), v.20, n. 3, p. 005-024, set. /dez. 2011.

COLLINS, D.B; ONIANS, J. **The origins of art**. Art History, [S.l.], vol. 1, no. 1, p. 1-25, Mar. 1978. Part II, commentary.

COSTA, E. et al. **Mineração de dados educacionais: Conceitos, técnicas, ferramentas e aplicações**. In: Anais da Primeira Jornada de Atualização em Informática na Educação (JAIE 2012). Rio de Janeiro: Sociedade Brasileira de Computação, 2012. v. 1, p. 1–29. Curitiba, 07 de out. de 2021.

DECLARAÇÃO UNIVERSAL DOS DIREITOS HUMANOS. **Artigo 27: Direito à Cultura**. Rio de Janeiro: UNIC, 2009 [1948].

DOMINGUES, Joelza Ester. Retratos do Brasil, séc. XIX (jogo de memória), São Paulo, 01 de fev. de 2021. Disponível em: <https://ensinarhistoria.com.br/jogos-de-historia-do-brasil/>

FACULDADE Unina. **O que é Taxonomia de Bloom e como ela é aplicada na Educação?** Figura 1 dos Objetivos cognitivos educacionais da Taxonomia de Bloom Revisada. Disponível em: <https://unina.edu.br/o-que-e-taxonomia-de-bloom-e-como-ela-e-aplicada-na-educacao/>. Acesso em: 20 de maio de 2022.

FAGUNDES, José Evangelista. **A história local e seu lugar na história: histórias ensinadas em Ceará-Mirim**. 2006. 195 f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2006.

FERRAZ, A. P. C. M., & BELHOT, R. V. (2010). **Taxonomia de Bloom: revisão teórica e apresentação das adequações do instrumento para a definição de objetivos instrucionais**. São Carlos: UFSCAR.

FERRO, Marc. **A história vigiada**. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

FLORES, Elio Chaves. As fundações historiográficas da turismologia. **Sæculum - revista de História**; João Pessoa, n. 12, jan./ jun. 2005.

FREEDBERG, David. **El poder de las imágenes**. Madrid: Cátedra, 1992.

FUNARI, Pedro Paulo A. **Antiguidade clássica: a história e a cultura a partir dos documentos**. Campinas: Ed. Unicamp, 2003.

GAROFALO, Débora. **Como a educação mão na massa favorece o aprendizado na escola**. Nova Escola, 2018. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/11768/como-favorecer-o-aprendizado-mao-na-massa> Acesso em: 20 de mar. de 2022.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

GOMES, Jones da Silva. **Impactos do turismo na identidade cultural**, 2013. Disponível em: [www.exedrajournal.com](http://www.exedrajournal.com). Acesso em: 10 de nov. de 2020.

GOMES, M. G. M.; VELTEN, A. S.; TRARBACH, M. A. **Educação a distância ou sem distâncias?** ESUD 2012 – IX Congresso Brasileiro de Ensino Superior à Distância Recife/PE, 19 – 21 de agosto de 2012 – UNIREDE.

GOOGLE FORMS. Google LLC, 2018. Disponível em: <https://workspace.google.com/intl/pt-BR/products/forms/>. Acesso em 10 de mar. de 2021.

HOBSBAWM, Eric J. **Era dos impérios: 1875-1914**. São Paulo: Editora Paz e Terra S/A, 2005.

HAESBAERT, Rogério. **Dos Múltiplos Territórios à Multiterritorialidade**. Porto Alegre, setembro de 2004.

HAESBAERT, Rogério. **Território e descolonialidade: sobre o giro (multi) territorial/de(s)colonial na América Latina** / Rogério Haesbaert. - 1a ed. - Ciudad Autónoma de Buenos Aires : CLACSO ; Niterói : Programa de Pós-Graduação em Geografia; Universidade Federal Fluminense, 2021. Libro digital, PDF.

HAHN, Raquel Usevicius. **A distância transacional e a organização de cursos de licenciatura on-line**. Tese (Doutorado em Informática na Educação) - Centro de Estudos Interdisciplinares em Novas Tecnologias da Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2017.

HENKEL, K. Análise da não resposta em surveys políticos. **Opinião Pública**, São Paulo-Campinas, v. 18, n. 1, p. 216-238, jun. 2012

ISOTANI, Seiji. **Mineração de Dados Educacionais (MDE)**. Módulo 5: MDE –Fundamentos. Inteligência Artificial na Educação. Especialização em Computação Aplicada à Educação e Tecnologias Educacionais. USP – ICMC. São Carlos. 2021.

LEE, Peter. Por que aprender História? **Educar em Revista**, Curitiba, Brasil, n.42, p.19-42, out./dez. 2011. Editora UFPR.

MARCHETI, Ana & BELHOT, Renato. (2010). **Taxonomia de Bloom: revisão teórica e apresentação das adequações do instrumento para definição de objetivos instrucionais**. Gestão & Produção. 17. 10.1590/S0104-530X2010000200015.

MARINHO, Francisco Fernandes. **Literatura da Praia de Pipa**. Natal: 2007.

MATTAR, F. N. **Pesquisa de marketing: metodologia, planejamento, execução e análise**, 2a. ed. São Paulo: Atlas, 1994, 2v., v.2.

MATTAR, João. **Design educacional: educação a distância na prática**. São Paulo: Artesanato Educacional, 2014.

MEDEIROS, Sâmia Thaís Barros Feijó de. **Um lugar para chamar de "meu": estudo sobre relação afetiva com o lugar de moradores da praia de Pipa-RN**. 2006. 167 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia, Sociedade e Qualidade de Vida) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2006.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. Fontes visuais, cultura visual, História visual. Balanço provisório, propostas cautelares. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 23, n. 45, p. 11-36, 2003.

MEZZADRA, S. e NEILSON, B. (2016). **La frontera como método**: la multiplicación del trabajo. Buenos Aires: Tinta Limón.

MICROSOFT Excel. Versão 16.0. [S. l.]: Microsoft Corporation, 2019.

MIELŻYŃSKA, Jadwiga. A construção e a aplicação de questionários na pesquisa em Ciências Sociais. **Revista do programa de estudos pós-graduados**. PUC/SP, São Paulo, n.6, p. 127-149, jun. 1998.

MILLER WR, ROLLNICK S. **Applications of motivational interviewing**. Motivational interviewing: Helping people change (3rd edition). Guilford Press. (2013). Rollnick S, Miller WR, Butler CC. Applications of motivational interviewing. Motivational interviewing in health care: Helping patients change behavior. Guilford Press (2008).

MOORE, M. G.; KEARSLEY, G. **Educação a distância**: uma visão integrada. Tradução de Roberto Galman. São Paulo: Thomson Learning, 2007.

MOREIRA, M. A. (2015). **Teorias de Aprendizagem**. 2. ed. São Paulo: E.P.U.

MORIN, Edgar. **Ensinar a viver**: manifesto para mudar a educação. Tradução de Edgar de Assis Carvalho e Mariza Perassi Bosco. Porto Alegre: Sulina, 2015.

MUNICÍPIOS atendidos pelo Del turismo ficam entre os 100 destinos mais sustentáveis do mundo. Senac, 2020. Disponível em: [Municípios atendidos pelo DEL Turismo ficam entre os 100 destinos mais sustentáveis do mundo - Senac RN](#). Acesso em: 15 de jun. de 2022.

NETO, João. Analfabetismo cai em 2017, mas segue acima da meta para 2015. **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)**, 2018. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/21255-analfabetismo-cai-em-2017-mas-segue-acima-da-meta-para-2015>. Acesso em: 20 de jun. de 2021.

NIKITIUK, Sônia Maria Leite. **Um processo coletivo de formação continuada pelos caminhos da história local**. Tese (doutorado em educação) São Paulo: Universidade de São Paulo, 2008.

NIKITIUK, Sônia. **A História local como instrumento de formação**. Anais do X Encontro Regional de História da ANPUH. Rio de Janeiro: 2002. Disponível em [www.rj.anpuh.org/resouces/rj.../Nikitiuk%20M%20L.doc](http://www.rj.anpuh.org/resouces/rj.../Nikitiuk%20M%20L.doc). Acesso em 22 de setembro de 2021.

OLIVEIRA, Luiz Roberto de; VIANA, Lina Juliana Tavares; BRAGA, André Luiz da Cunha. **Patrimônio: Lazer & Turismo**, v.7, n. 10, abr.-mai.-jun./2010, p.01-19.

O PASTORADOR DE CREPÚSCULOS. **Pipa Antiga**. YouTube, 20 de set. de 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=3WZqtw-C-gU>. Acesso em: 21 de março de 2022.

OLIVEIRA, Anamaria & Jayme, Lúcia & Almeida, Fausto & Carmona, Fabio. (2021). **Arquitetar para ensinar**: design instrucional no ensino remoto. Medicina (Ribeirão Preto). 54. 10.11606/issn.2176-7262.rmrp.2021.184766.

ODM. Orange Data Mining - **Getting Started with Orange**. 2015. Disponível em: ORANGE. Versão 3.29.2. [S. l.]: Universidade de Ljubljana, 2021.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DO TURISMO. **Turismo sustentável**, 2022. Disponível em: <https://www.unwto.org/sustainable-development>. Acesso em: 07 de ago. De 2022.

PENIN, S.T.S. **A aula**: espaço de conhecimento, lugar de cultura. Campinas: Papyrus, 1994.

PENNA, F. A. Ensino de História: uma operação historiográfica?. In: ENCONTRO REGIONAL DE HISTÓRIA DA ANPUH, 15., 2012, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.p.1-9.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Cidades visíveis, cidades sensíveis, cidades imaginárias. **Revista Brasileira de História**, 2007, vol.27, n. 53. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-01882007000100002>. Acesso em: 12 de fev. de 2021.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **O imaginário da cidade**. Visões literárias do urbano. Porto Alegre: UFRGS, 1999.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Os sete pecados da Capital**. São Paulo: Hucitec, 2008.

PIAGET, J. **A formação do símbolo na criança**: imitação, jogo, sonho, imagem e representação. Rio de Janeiro: Zahar, 1971.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol.5, n10, 1992, p. 200-212.

POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol.2, n.3, 1989, p.3-15.

PORTAL DO GOVERNO BRASILEIRO. **Plataforma Brasil**, 2022. Disponível em: <https://plataformabrasil.saude.gov.br/login.jsf>

PRATS, Joaquim. **El estudio de la historia local como opción didáctica ¿destruir o explicar la historia?** In: Enseñar Historia: notas para una didáctica renovadora. Mérida: Junta de Extremadura, 2001.

PRATS, Joaquín. Ensinar História no contexto das Ciências Sociais: princípios básicos. **Educar**, Curitiba, Especial, p.191-218, 2006. Editora UFPR.

RAMOS, Alcides Freire; PATRIOTA, Rosangela; PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Imagens na História**. São Paulo: Hucitec, 2008.

RAMSDEN, A.; BATE, A. **Using Word Clouds in Teaching and Learning**. University of Bath, 2008.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Tradução de Alain François [et al.]. Campinas, SP: Ed. da Unicamp, 2007.

RÜSEN, Jorn. **Razão Histórica**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.

SANTOS, Michele Pereira dos. **O fenômeno do turismo na percepção dos nativos: um estudo na localidade de Pipa/Tibau do Sul - RN**. 2016. 59f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Turismo), Departamento de Turismo, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2016.

SCHMIDT, M. A.; URBAN, A. C. **Aprendizagem e formação da consciência histórica: possibilidades de pesquisa em Educação Histórica**. Educar em Revista, Curitiba, n. 60, p. 17-42, abr./jun. 2016.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora e CAINELLI, Marlene. **Ensinar História**. São Paulo: Scipione, 2009.

SCHIMDT, Maria Auxiliadora. **Construindo Conceitos no Ensino de História: “A Captura Lógica” da Realidade Social**, Hist. Ensino, Londrina, v.5, p. 147-163, out.1999.

SCHIMIT, Maria Auxiliadora M. S; GARCIA, Tânia Maria F. Braga. **A formação da consciência história de alunos e professores e o cotidiano em aulas de história**. Cad. Cedes, Campinas, vol. 25, n. 67, p. 297-308, set./dez. 2005.

SCHLEMMER, E. Projetos de aprendizagem gamificados: uma metodologia inventiva para a educação na cultura híbrida e multimodal. **Momento: diálogos em educação**, Carreiros, RS, v. 27, n. 1, p. 42-69, jan./abril. 2018.

SCHMIDT, M. A.; URBAN, A. C. **Aprendizagem e formação da consciência histórica: possibilidades de pesquisa em Educação Histórica**. Educar em Revista, Curitiba, n. 60, p. 17-42, abr./jun. 2016.

SCÓTOLO, Denise; NETTO, Alexandre Panosso. Contribuições do turismo para o desenvolvimento local. **Cultur: Revista de Cultura e Turismo**, Ilhéus, v. fe 2015, n. 1, p. 36-59, 2015. Disponível em: <http://www.uesc.br/revistas/culturaeturismo/ano9-edicao1/2.pdf> . Acesso em 10 de jun. de 2021.

SHIVA, Vandana. **Monoculturas da Mente: perspectivas da biodiversidade e da biotecnologia**. São Paulo: Gaia, 2003.

SILVA, Adaebson Santos Da. **Fotos de Pipa**. Tibau do Sul, 23 de Março de 2020. Facebook: Museu Digital da Pipa. Disponível em: <https://www.facebook.com/groups/377822385664442> Acesso em: 10 de jan. 2021.

SILVA, Tarcízio. O que se esconde por trás de uma nuvem de palavras? **Pesquisa, Métodos digitais, Ciência, Tecnologia e Sociedade**, São Paulo, 21 de out. de 2013. Disponível em: <https://tarciziosilva.com.br/blog/o-que-se-esconde-por-tras-de-uma-nuvem-de-palavras/>.

Acesso em: 9 de out. de 2021.

SIMONETTI, Ormuz Barbalho. **A praia de Pipa no Tempo dos meus avós**. Natal: Nave da Palavra, 2012.

SIMONETTI, Ormuz Barbalho. Os currais de Peixe. **Genealogia e História**, Natal, 17 de ago. de 2011. Disponível em: <http://ormuzsimonetti.blogspot.com/2009/>. Acesso em: jun. de 2020.

THOMPSON, Paul. **A voz do Passado: História Oral**. São Paulo: Paz e Terra, 1992. p. 20-196.

TORI, R. **Educação sem distância: as tecnologias interativas na redução de distâncias em ensino aprendizagem**?. São Paulo: editora SENAC, 2010.

TORRES, V. L. T., FLEIG DAL FORNO, L., & MITIE Massuda, E. (2022). **A taxonomia de bloom: um estudo sobre o conhecimento e o processo de aprendizagem**. Anais Do Congresso Internacional De Conhecimento E Inovação – Ciki, 1(1). <https://doi.org/10.48090/ciki.v1i1.1215>

TRINDADE, T. C. da S. (2010). A rotina antes do paraíso: narrativas sobre a história de um destino turístico potiguar. **Cadernos De Campo** (São Paulo - 1991), 19(19), 173-196.

TRINDADE, Tiago Cantalice da Silva; NASCIMENTO, Luis Felipe Rios do. **Dando um banho de carinho! os caça-gringas e as interações afetivo-sexuais em contextos de viagem turística (Pipa RN)**. 2009. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2009.

UNESCO. **Artificial Intelligence in Education: Challenges and Opportunities for Sustainable Development**. França, 2019.

VANGELISTA, C. (2009). SANDRA JATAHY PESAVENTO: IMAGENS, LEMBRANÇAS, INDÍCIOS. **Fênix - Revista De História E Estudos Culturais**, 6(2), 1-6. Recuperado de <https://www.revistafenix.pro.br/revistafenix/article/view/120>

VERAS, Marco Polo. **Pipa através do tempo**. Natal: Ed. Abimael Silva, 2010.

VIGOTSKY, L. S. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. 7. ed. São Paulo (SP) Martins Fontes, 2007.

VILAS BOAS, L. G. (2018). SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço: Técnica, Razão e Emoção**. 3ª Edição. São Paulo: Edusp (Editora da USP), 2003. Observatorium: Revista.

VITÓRIO, Gisele. **O que são metodologias Hands On? Faz Educação e Tecnologias**, 2021. Disponível em: <https://www.fazeduacao.com.br/o-que-sao-metodologias-hands-on>

VYGOTSKY, L.S. **Pensamento e linguagem**. Trad. M. Resende, Lisboa, Antídoto, 1979. A formação social da mente. Trad. José Cipolla Neto et alii. São Paulo, Livraria Martins Fontes, 1984.

YU, J.; COOPER, H. A quantitative review of research design effects on response rates to questionnaires source. **Journal of Marketing Research**, v. 20, n. 1, p. 36-44, 1983.

**APÊNDICE A – CRONOGRAMA COM PREVISÃO DA EXECUÇÃO DE  
ATIVIDADES DO PROJETO**



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE  
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO DE HISTÓRIA  
PROFHISTÓRIA**



**Cronograma 2021- 2022 - Projeto “Memórias da nossa Pipa”**

ATIVIDADES	Datas
Levantamento das imagens fotográficas de Pipa datadas do período anterior ou do início do advento do fenômeno do turismo na região.	02/06/2021 a 02/09/2021
Exame de qualificação.	05/11/2021
Ministração de aulas sobre as imagens como evidência visual para a História.	09/03/2021 a 25/04/2022
Solicitação de extensão do prazo para defesa da dissertação	28/04/2022
Convocação dos estudantes para a participação do questionário “Você conhece a Pipa que você mora?” após a aprovação no CEP.	06/06/2022 a 08/06/2022
Explicação do RCLE e do TALE para os alunos e distribuição das cópias impressas do RCLE para os participantes da pesquisa entregarem aos responsáveis.	15/06/2022
Devolução dos RCLE assinado pelos responsáveis dos alunos e entrega do TALE para os alunos assinarem de acordo com o consentimento dos responsáveis.	13/07/2022
Etapa para pré-teste do questionário/ instrumento de pesquisa	04/07/2022 a 15/07/2022
Aplicação do questionário.	18/07/2022 a 20/07/2022

Análise dos dados obtidos no questionário e discussão dos resultados.	22/07/2022 a 08/08/2022
Elaboração de uma exposição, no espaço escolar, sobre a história de Pipa a partir das pesquisas e análises das imagens fotográficas realizadas pelos alunos.	Setembro de 2022
Ajustes finais na dissertação.	Setembro de 2022
Defesa da dissertação do mestrado.	Outubro de 2022

## APÊNDICE B – CARTA DE ANUÊNCIA ENTREGUE À DIREÇÃO DA ESCOLA

### CARTA DE ANUÊNCIA

#### Esclarecimentos

Esta é uma solicitação para a realização da pesquisa intitulada **“Memórias da nossa Pipa”**: **no ensino de História o desenvolvimento e a valorização das Memórias e Identidades de Pipa/RN**, a ser realizada na **Escola Municipal Vicência Castelo**, localizada em Pipa, distrito de Tibau do Sul, pela pesquisadora **Mônica Marinho Ferreira**, que utilizará a seguinte metodologia com as turmas do 9º ano “A” e 9º ano “B” do turno matutino e vespertino: 1º) Levantamento das imagens fotográficas de Pipa datadas do período anterior ou do início do advento do fenômeno do turismo na região; 2º) Minистраção de aulas sobre as imagens como evidência visual para a História; 3º) Aplicação do questionário intitulado **“Você conhece a Pipa que você mora?”** (organizado em **“Parte I”**, em que são solicitadas algumas informações pessoais como nome, idade e turno em que estuda o participante da pesquisa e **“Parte II”**, na qual se pretende recolher informações mais detalhadas sobre a opinião dos participantes da pesquisa e seus conhecimentos a respeito da história de Pipa e da atividade do turismo na região); 4º) Análise das fotografias antigas de Pipa elaborada pelos alunos envolvidos na pesquisa e 5º) Elaboração de uma exposição, no espaço escolar, aberta a comunidade sobre a história de Pipa a partir das pesquisas e análises das imagens fotográficas realizada pelos alunos.

A pesquisa em questão tem como objetivo principal o desenvolvimento e a valorização das memórias e identidades de Pipa/RN, necessitando, portanto, da concordância e autorização institucional para a realização das etapas de aplicação do questionário e de elaboração da exposição realizada pelos estudantes envolvidos no espaço escolar sobre a história de Pipa.

Ressaltamos que os dados coletados serão mantidos em absoluto sigilo, de acordo com as Resoluções nº 510/2016 - Conselho Nacional de Saúde/Ministério da Saúde que tratam da Pesquisa envolvendo Seres Humanos. Salientamos ainda que tais dados serão utilizados tão somente para realização deste estudo.

---

**Assinatura da pesquisadora**

**MÔNICA MARINHO FERREIRA**

**CPF: 070.361.284-02**

**Consentimento**

Por ter sido informado verbalmente e por escrito sobre os objetivos e metodologia desta pesquisa, concordo em autorizar a realização da mesma nesta Instituição que represento, **Escola Municipal Vicência Castelo, R. das Gameleiras, 920 - Praia da Pipa, Tibau do Sul - RN, 59178-000, Telefone: (84) 99423-6646.**

Esta Instituição está ciente de suas responsabilidades como instituição coparticipante do presente projeto de pesquisa, dispondo de infraestrutura necessária para realização das etapas supracitadas.

Esta autorização está condicionada à aprovação prévia da pesquisa acima citada por um Comitê de Ética em Pesquisa e ao cumprimento das determinações éticas das Resoluções nº 510/2016 - Conselho Nacional de Saúde/Ministério da Saúde e suas complementares.

O descumprimento desses condicionamentos assegura-me o direito de retirar minha anuência a qualquer momento da pesquisa.

Tibau do Sul, 05 de abril de 2022.

---

**Assinatura da responsável pela instituição**

**Carimbo responsável da Instituição\***

**CNPJ da instituição**

## APÊNDICE C – RCLE ENTREGUE AOS RESPONSÁVEIS DOS ALUNOS (AS)



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE  
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO DE HISTÓRIA  
PROFHISTÓRIA



### REGISTRO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO –(Res.510/2016-CNS)

(Para os responsáveis legais dos menores de 18 anos)

#### **Esclarecimentos**

Estamos solicitando a você a autorização para que o menor pelo qual você é responsável participe da pesquisa: **“Memórias da nossa Pipa”**: no ensino de História o desenvolvimento e a valorização das Memórias e Identidades de Pipa/RN, que tem como pesquisadora responsável **Mônica Marinho Ferreira**. Esta pesquisa pretende contribuir para a valorização da história, das memórias e identidades de Pipa/RN durante as aulas de história da Escola Municipal Vicência Castelo.

O motivo que nos leva a fazer este estudo é o interesse em despertar nesses estudantes o sentimento de pertencimento ao lugar, favorecendo o desenvolvimento de sua identidade, capacidade de leitura, sensibilidade, narrativa e pesquisa e, necessariamente, o da consciência histórica.

Caso decida autorizar a participação do menor nesta pesquisa será realizado um questionário contendo nove perguntas, sobre os dados dos estudantes (nome, idade, turno em que estuda, se é nativo ou não de Pipa), sobre a história Pipa e a atividade do turismo na região, para serem respondida pelo menor e demais estudantes das turmas dos 9º anos da Escola Municipal Vicência Castelo.

Durante a realização da pesquisa poderão ocorrer eventuais desconfortos e possíveis riscos, por se tratar de uma pesquisa que envolve a realização de um questionário os riscos envolvidos giram em torno de possíveis constrangimentos ou incômodos aos participantes. Segundo a Resolução 510/2016, em todo projeto de pesquisa existem riscos. Esses riscos poderão ser minimizados, pois caso sintam-se incomodados com qualquer pergunta do questionário os participantes da pesquisa possuem a opção de não responder, o que não lhes acrescentará qualquer tipo de prejuízo.

Como benefícios da pesquisa, o menor terá a oportunidade de aprender mais sobre a história de Pipa, desenvolvendo a sua identidade, capacidade de crítica, raciocínio e sensibilidade diante das fontes históricas, além de contribuir para valorização das memórias e história de Pipa.

Em caso de complicações ou danos à saúde que o menor possa ter relacionado com a pesquisa, ele receberá a assistência integral e imediata, de forma gratuita pela patrocinadora da pesquisa, pelo tempo que for necessário em caso de danos decorrentes da pesquisa.

Durante todo o período da pesquisa você poderá tirar suas dúvidas ligando para Mônica Marinho Ferreira, Fazenda Paraíso, Munin, Casa 23, Tibau do Sul/RN 59178-000, telefone: (84) 981730624.

Você tem o direito de não autorizar ou retirar o seu consentimento da participação do menor em qualquer fase da pesquisa, sem nenhum prejuízo para o mesmo.

Os dados que o menor irá fornecer serão confidenciais e serão divulgados apenas em congressos ou publicações científicas, sempre de forma anônima, não havendo divulgação de nenhum dado que possa lhe identificar. Esses dados serão guardados pelo pesquisador responsável por essa pesquisa em local seguro e por um período de 5 anos.

Alguns gastos pela sua participação nessa pesquisa, eles serão assumidos pelo pesquisador e reembolsado para vocês.

Se o menor sofrer qualquer dano decorrente desta pesquisa, sendo ele imediato ou tardio, previsto ou não, o menor será indenizado.

Qualquer dúvida sobre a ética dessa pesquisa você deverá ligar para o Comitê de Ética em Pesquisa UFRN - Lagoa Nova Campus Central (CEP Central/UFRN) – instituição que avalia a ética das pesquisas antes que elas comecem e fornece proteção aos participantes das mesmas – da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, nos telefones (84) 3215-3135 ou (84) 9.9193-6266, e-mail cepufrn@reitoria.ufrn.br. Você ainda pode ir pessoalmente à sede do CEP, de segunda a sexta, das 08h00min às 12h00min e das 14h00min às 18h00min, na Rua das Artes, s/n. Campus Central UFRN. Lagoa Nova. Natal/RN. CEP: 59075-000.

Este documento foi impresso em duas vias. Uma ficará com você e a outra com a pesquisadora responsável Mônica Marinho Ferreira.

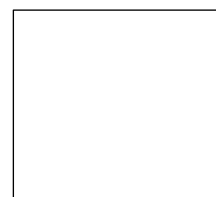
#### ***Consentimento Livre e Esclarecido***

Após ter sido esclarecido sobre os objetivos, importância e o modo como os dados serão coletados nessa pesquisa, além de conhecer os riscos, desconfortos e benefícios que ela trará para mim e ter ficado ciente de todos os meus direitos, concordo em participar da pesquisa : **“Memórias da nossa Pipa”**: no ensino de História o desenvolvimento e a valorização das Memórias e Identidades de Pipa/RN e autorizo a divulgação das informações por mim fornecidas em congressos e/ou publicações científicas desde que nenhum dado possa me identificar.

Tibau do Sul, 04 de junho de 2022.

Impressão datiloscópica do responsável legal

\_\_\_\_\_  
**Assinatura do responsável legal**



*Declaração do pesquisador responsável*

Como pesquisadora responsável pelo estudo: **“Memórias da nossa Pipa”: no ensino de História o desenvolvimento e a valorização das Memórias e Identidades de Pipa/RN**, declaro que assumo a inteira responsabilidade de cumprir fielmente os procedimentos metodologicamente e direitos que foram esclarecidos e assegurados ao participante desse estudo, assim como manter sigilo e confidencialidade sobre a identidade do mesmo.

Declaro ainda estar ciente que na inobservância do compromisso ora assumido infringirei as normas e diretrizes propostas pela Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde – CNS, que regulamenta as pesquisas envolvendo o ser humano.

Tibau do Sul, 04 de abril de 2022.

**Assinatura da pesquisadora responsável**

**APÊNDICE D – QUESTIONÁRIO DE SONDAAGEM UTILIZADO NO PROJETO**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE  
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO DE HISTÓRIA  
PROFHISTÓRIA**



Data: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

Questionário: “você conhece a Pipa que você mora?”

Este questionário enquadra-se numa investigação no âmbito do projeto **“Memórias da nossa Pipa”: no ensino de História o desenvolvimento e a valorização das Memórias e Identidades de Pipa/RN** desenvolvido na Escola Municipal Vicência Castelo pela professora e pesquisadora **Mônica Marinho Ferreira** sob a orientação do Prof. Dr. **Roberto Airon Silva**. Os dados coletados serão utilizados exclusivamente para a execução do projeto em questão; as informações geradas somente serão divulgadas de forma anônima e os resultados obtidos serão utilizados apenas para fins acadêmicos (dissertação de Mestrado apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Ensino de História/ UFRN).

O questionário está dividido em duas partes:

**Parte I: Informação pessoal** – é-lhe pedido algumas informações sobre si próprio.

**Parte II: a história de Pipa e o turismo** – pretende recolher informações mais detalhadas sobre a sua opinião e conhecimento a respeito da história de Pipa e da atividade do turismo na região.

A sua resposta pessoal e sincera é muito importante. Agradeço, desde já a sua disponibilidade e colaboração neste estudo.



## APÊNDICE E – SEQUÊNCIA DIDÁTICA

### SEQUÊNCIA DIDÁTICA DO PROJETO “MEMÓRIAS DA NOSSA PIPA”

PROFESSORA MÔNICA MARINHO FERREIRA

ESCOLA MUNICIPAL VICÊNCIA CASTELO

#### AULA 1

#### IMAGEM COMO EVIDÊNCIA

##### IDENTIFICAÇÃO

**Público-alvo:** 9º ano do Ensino Fundamental II.

**Componente curricular:** História.

**Duração:** 2 horas-aula.

**Objetivo(s):** Lembrar o que é imagem descrevendo-a e reconhecendo-a como uma evidência histórica.

**Habilidade(s) da BNCC trabalhada(s):** (EF06HI02) Identificar a gênese da produção do saber histórico e analisar o significado das fontes que originaram determinadas formas de registro em sociedades e épocas distintas.

**Metodologia ou Estratégia Didática:** Nuvem de Palavras; Roda de Conversa e Aula E expositiva e dialogada.

**Recursos e Materiais Necessários:** Caneta, Cartolina, Postites, Quadro e Ficha de acompanhamento de atividades.

**Atividade (s):** Responder o questionamento “O que é imagem?” em um postite e montar com o (a) professor (a) um mural com as respostas formando uma nuvem de palavras.

##### PROPOSTA DA AULA

Nesta proposta de aula os(as) alunos(as) serão capazes de descrever o que é imagem a partir dos seus conhecimentos prévios. Nesta oportunidade, será trabalhado o conceito de imagens como *evidência histórica* presente nas obras de autores como Peter Burke (2017) e Sandra Jatahy

Pesavento(2007) retomando ainda o trabalho com a habilidade EF06HI02 da BNCC, que narrativa histórica, por sua vez relacionada às fontes e às formas de registro das sociedades em diferentes épocas. Assim, aula deverá seguir os seguintes passos:

### **Primeiro momento**

- 1º Escrever no quadro ou em uma cartolina a pergunta “O que é imagem?”;
- 2º Entregar aos alunos postites (o material pode ser substituído por fita e pedaços pequenos de papel) e pedir que os (as) estudantes respondam à pergunta com uma palavra;
- 3º Os (as) estudantes deverão fixar esses postites abaixo do questionamento escrito no quadro ou na cartolina formando uma espécie de “nuvem de palavras”

### **Segundo Momento**

- 4º Organizar a turma em círculo ou em “U”;
- 5º explicar, em uma roda de conversa, a partir das respostas dos (as) estudantes ao questionamento, considerando, assim, o seu conhecimento prévio, o significado de imagem como uma representação visual das pessoas, das coisas ou objetos;
- 6º falar sobre a história das imagens, remetendo-se às pinturas, gravuras e fotografias como exemplo para explicar que as imagens são evidências histórica (caso queira, o (a) docente pode levar fotografias, imagens de telas famosas ou imagens atuais, que façam referência ao universo dos alunos, por exemplo, impressas, ou em slides, para apresentar à turma, enriquecendo este momento);
- 7º explicar sobre o fato das imagens despertarem sensações, revelarem sentimentos, pois são “traços de uma experiência sensorial e emotiva” (PESAVENTO, 2008, p.18). Para isto, o (a) docente pode lançar na roda de conversa, com a turma, o seguinte questionamento: o que vocês sentem ao verem a foto de alguém especial? Espera-se que os (as) alunos (as) respondam “saudade” ou “tristeza”, em caso de entes queridos que já faleceram, por exemplo. A partir dessas respostas, o(a) docente poderá explicar o significado emocional e sentimental atrelado às imagens.

### **AVALIAÇÃO**

Os (as) estudantes serão avaliados a partir de sua participação e engajamento durante a aula e na realização das atividades propostas. Também, será entregue uma ficha que deverá ser preenchida pelos (as) alunos (as) após a realização de cada atividade (disponível no final desta

primeira sequência). Esta ficha tem como propósito a autoavaliação e o acompanhamento na realização das atividades tanto pelos (as) estudantes, como também pelo (a) docente.

### INDICAÇÕES DE LEITURA

BURKE, Peter. **Testemunha ocular**: o uso de imagens como evidência histórica; traduzido por Vera Maria Xavier dos Santos; São Paulo: Editora Unesp, 2017.

PRAIS, Jacqueline Lidiane de Souza; ROSA, Vanderley Flor da. Nuvem de Palavras e Mapa Conceitual: estratégias e recursos tecnológicos na prática pedagógica. **Nuances: estudos sobre Educação**, Presidente Prudente, v, 28, n. 1, p. 201-19, jan./abr. 2017.

Disponível em: <https://revista.fct.unesp.br/index.php/Nuances/article/view/4833>.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Cidades visíveis, cidades sensíveis, cidades imaginárias.

**Revista Brasileira de História**, 2007, vol.27, n. 53. Disponível em:

<https://doi.org/10.1590/S0102-01882007000100002>

SILVA, Tarcízio. O que se esconde por trás de uma nuvem de palavras? **Pesquisa, Métodos digitais, Ciência, Tecnologia e Sociedade**, São Paulo, 21 de out. de 2013. Disponível em:

<https://tarcizosilva.com.br/blog/o-que-se-esconde-por-tras-de-uma-nuvem-de-palavras/>

### **Modelo de Ficha Autoavaliativa e de Acompanhamento das Atividades da SD:**

Nome: \_\_\_\_\_ Turma: \_\_\_\_\_ Data: \_\_\_\_ \_\_\_\_ 2022. FICHA Nº: \_\_\_\_\_

Atividades do aluno/grupo	Marque um X na situação em que ficou a tarefa.			Descreva o que ficou faltando fazer.	Anotações do professor
	A atividade foi muito bem realizada	A atividade não foi realizada	A atividade foi realizada de forma incompleta	O que falta fazer	

## AULA 2

### ANALISANDO IMAGENS

#### IDENTIFICAÇÃO

**Público-alvo:** 9º ano do Ensino Fundamental II.

**Componente curricular:** História.

**Duração:** 3 horas-aula.

**Objetivo(s):** Lembrar o que é imagem descrevendo-a e reconhecendo-a como uma evidência histórica.

**Habilidade(s) da BNCC trabalhada(s):** (EF08HI15) Identificar e analisar o equilíbrio das forças e os sujeitos envolvidos nas disputas políticas durante o Primeiro e o Segundo Reinado e (EF09HI04) e Discutir a importância da participação da população negra na formação econômica, política e social do Brasil.

**Metodologia ou Estratégia Didática:** Análise de “fontes” históricas e aproximação do método de análise isotópica das imagens.

**Recursos e Materiais Necessários:** Computador, Imagens impressas ou em QR Code de “Engenho Manual que Faz Caldo de Cana”, 1822, de Jean-Baptiste Debret e “Abdicação de D. Pedro I do Brasil”, 1911, de Aurélio Figueiredo e Ficha de acompanhamento de atividades.

**Atividade (s):** Analisar as obras “Engenho Manual que Faz Caldo de Cana” do pintor Jean-Baptiste Debret e “Abdicação de D. Pedro I do Brasil” do pintor Aurélio Figueiredo.

#### PROPOSTA DA AULA

Nesta proposta de aula os(as) alunos(as) terão a oportunidade de aprenderem a analisar a evidência visual de maneira mais profunda. Esta aula visa despertar nos estudantes uma visão mais detalhada e sensível para com as imagens, essencial para o desenvolvimento de uma postura crítica por parte destes diante da quantidade de imagens presentes em seus cotidianos, principalmente, advindas das redes virtuais. Também será retomado, a partir das análises das obras “Engenho Manual que Faz Caldo de Cana” e “Abdicação de D. Pedro I do Brasil”, de forma dialogada e expositiva, os objetos de conhecimento correspondentes às habilidades EF08HI15 e EF09HI04 da BNCC. É válido ressaltar que a análise dessas imagens propõe, também, uma aproximação com o método histórico, com a metodologia da análise isotópica das imagens abordadas em *Semiótica do espetáculo: um método para a História*, trabalho organizado por Claudia Beltrão e Ciro Flamarion (2013). As imagens escolhidas para análise

podem ser também substituídas por outras que abordam temáticas diferentes de acordo com o conteúdo trabalhado pelo (a) docente. Assim, aula deverá seguir os seguintes passos:

### **Primeiro momento**

1º Entregar para os (as) estudantes cópias impressas, das obras “Engenho Manual que Faz Caldo de Cana” de Jean-Baptiste Debret e “Abdicação de D. Pedro I do Brasil” de Aurélio Figueiredo. (Para a economia de papel, as imagens podem ser projetadas com projetor multimídia ou disponibilizadas em QR Code);

2º Solicitar que os alunos façam a análise das duas imagens, ou de pelo menos de uma dessas imagens. Essa análise será dividida em 2 etapas: a de *Descrição*, na qual os (as) estudantes deverão descrever as imagens sob sua perspectiva, sem acesso à internet, e, a segunda, a de *Pesquisa*, em que (as) os alunos deverão fazer o levantamento da ficha técnica desta imagem pesquisando na internet. Sob as orientações do professor, os (as) estudantes deverão realizar os seguintes procedimentos baseados nessas duas etapas:

- Descrever as obras de forma detalhada (nesta descrição incluem-se personagens, ambiente, cartela de cores e outros detalhes perceptíveis ao aluno);
- Fazer o apontamento dos setores representados (quais setores aparecem nas imagens, crianças, mulheres, homens livres ou escravizados?);
- Listar os elementos, que são destacados ou minimizado pelos pintores nas obras;
- Fazer o levantamento da ficha técnica das imagens (nome da obra, data, origem, estilo e tema)
- Realizar uma síntese biográfica dos autores.

Este roteiro deverá ser escrito no quadro para facilitar a análise por parte dos (as) estudantes. A análise deverá ser registrada em seus próprios cadernos.

3º Após finalizarem suas análises, projetar as imagens com projetor multimídia e realizar a análise com a turma, proporcionando a participação ativa destes, retomado os contextos históricos dos temas retratados nas obras artísticas e o tirando as eventuais dúvidas a respeito das obras.

### AValiação

Os (as) estudantes serão avaliados (as) a partir de sua participação e engajamento durante a aula, na realização das atividades propostas e no preenchimento da Ficha de acompanhamento de Atividades.

#### INDICAÇÕES DE LEITURA

CARDOSO, Ciro Flamarion; ROSA, Cláudia Beltrão da (Orgs.). **Semiótica do espetáculo: um método para a história**. Rio de Janeiro: Apicuri, 2013.

CERTEAU, Michel de. **A operação histórica**. In: LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre (Org.). **História: novos problemas**. Rio de Janeiro: F. Alves, 1976.

PENNA, F. A. Ensino de História: uma operação historiográfica?. In: ENCONTRO REGIONAL DE HISTÓRIA DA ANPUH, 15., 2012, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.p.1-9.

#### **Links de acesso às imagens das pinturas de Debret e Figueiredo:**

[Engenho Manual que faz caldo de cana, 1822, de Jean-Baptiste Debret](#)

[Abdicação de D. Pedro I do Brasil, 1911, de Aurélio Figueiredo](#)

## AULA 3

### JOGO DA MEMÓRIA HISTÓRICO

#### IDENTIFICAÇÃO

**Público-alvo:** 9º ano do Ensino Fundamental II.

**Componente curricular:** História.

**Duração:** 2 horas-aula.

**Objetivo(s):** Entender a imagem como evidência histórica situando-a em seu contexto histórico.

**Habilidade(s) da BNCC trabalhada(s):** (EF09HI04) Discutir a importância da participação da população negra na formação econômica, política e social do Brasil.

**Metodologia ou Estratégia Didática:** Gamificação.

**Recursos e Materiais Necessários:** Computador, projetor multimídia, jogo “Retratos do Brasil do século XIX” do blog Ensinar História e Ficha de acompanhamento de atividades.

**Atividade (s):** Participar da proposta de gamificação através do jogo “Retratos do Brasil do século XIX”.

#### PROPOSTA DA AULA

Esta aula, envolve uma proposta de gamificação, na qual os(as) estudantes através do jogo da memória “Retratos do Brasil do século XIX”, de autoria e roteiro da professora Joelma Ester Domingues, compreenderão as fotografias como um documento histórico, jogando. Estudos de autores como Piaget (1971) e Lev Vygotsky (1984) revelam que os jogos têm se mostrado instrumentos de aprendizagem que ajudam no desenvolvimento criativo, social, afetivo, histórico e cultural dos (as) educandos (as). A gamificação, por sua vez, pode ser entendida como o uso de elementos de jogos, como *mecânicas* e *dinâmicas*, fora do contexto de jogos (SCHLEMMER, 2018). Deste modo, a gamificação constitui-se em uma metodologia ativa, despertando o interesse e o engajamento dos (as) alunos (as) no conteúdo ministrado.

#### **Sobre o jogo**

No jogo Retratos do Brasil os participantes devem formar pares fotográficos do final do século XIX. Esses pares não são formados por fotos idênticas, mas por fotos que possuem o mesmo tema, como imigração; trabalho escravo, livre e infantil no Brasil do século XIX, retomando, assim, os objetos de conhecimento referente a Habilidade EF09HI04 da BNCC. Uma vez

formado os pares com sucesso, os alunos deverão responder 4 perguntas de múltipla escolha relativas aos temas apresentados nas fotos.

Assim para implementação desta aula, com proposta de gamificação, deve-se seguir os seguintes passos:

1º projetar o jogo para todos da turma, com o auxílio de projetor multimídia e computador;  
2º dividir as turmas em duas equipes, tendo cada uma das equipes um representante. Cada representante dos grupos, com o apoio da sua equipe, deverá ter a sua vez no jogo. A equipe que acertar mais pares de fotografias será a vencedora.

### AVALIAÇÃO

Os (as) estudantes serão avaliados(as) a partir de sua participação e engajamento durante a aula, na realização das atividades propostas e no preenchimento da Ficha de acompanhamento de atividades.

### INDICAÇÕES DE LEITURA

SCHLEMMER, E. Projetos de aprendizagem gamificados: uma metodologia inventiva para a educação na cultura híbrida e multimodal. **Momento: diálogos em educação**, Carreiros, RS, v. 27, n. 1, p. 42-69, jan./abril. 2018.

PIAGET, J. **A formação do símbolo na criança: imitação, jogo, sonho, imagem e representação**. Rio de Janeiro: Zahar, 1971.

VYGOTSKY, L.S. **Pensamento e linguagem**. Trad. M. Resende, Lisboa, Antídoto, 1979. A formação social da mente. Trad. José Cipolla Neto et alii. São Paulo, Livraria Martins Fontes, 1984.

### **Link de acesso ao jogo:**

[“Retratos do Brasil do século XIX”](#)

## AULA 4

### PIPA À LUZ DAS FOTOGRAFIAS

#### IDENTIFICAÇÃO

**Público-alvo:** 9º ano do Ensino Fundamental II.

**Componente curricular:** História.

**Duração:** 2 horas-aula.

**Objetivo(s):** Lembrar a história de Pipa reconhecendo-a nas imagens fotográficas como evidência histórica e Entender a história de Pipa identificando suas memórias e identidades e reescrevendo as principais informações sobre a sua história.

**Habilidade(s) da BNCC trabalhada(s):** (EF09HI36) Identificar e discutir as diversidades identitárias e seus significados históricos no início do século XXI, combatendo qualquer forma de preconceito e violência.

**Metodologia ou Estratégia Didática:** Análise de “fontes” históricas.

**Recursos e Materiais Necessários:** 10 cópias coloridas da sequência de treze imagens fotográficas de Pipa, 10 cópias do roteiro de perguntas impresso e Ficha de acompanhamento de atividades.

**Atividade (s):** Analisar a sequência de imagens fotográficas de Pipa, responder o questionário sobre as imagens e produzir uma legenda crítica, descritiva ou analítica de uma ou mais imagens.

#### PROPOSTA DA AULA

Nesta proposta de aula deverá ser disponibilizados para os (as) alunos(as) uma sequência de 13 imagens fotográficas em formato impresso de Pipa antes e durante o advento do turismo na região (aqui o (a) docente poderá fazer uma sequência de fotos, se assim tiver acesso, de sua localidade, adaptando esta última aula da SD de acordo com o seu contexto). Com essas imagens em mãos, os alunos serão orientados a fazer o que Peter Burke denominou de “contextualização das imagens”, ou seja, no exercício de observar, analisar, de questionar e de produzir legendas, as imagens serão inseridas em seu tempo, em sua época e em sua tradição cultural e neste diálogo com o seu tempo e com a cultura na qual foi produzida, temos as imagens como indícios do passado (BURKE, 2017). Esta é oportunidade do (a) professor (a) falar sobre as pluralidades e diversidades identitárias que podem ser identificadas nas imagens de um lugar e de dá ênfase

as memórias, identidades e história local, em uma experiência sensível que só as imagens podem proporcionar.

Neste propósito, deverá seguir-se os seguintes passos:

1º Fazer o levantamento de fotografias que revelam a história do lugar, neste caso sobre a história da Pipa antes e durante o advento do turismo;

2º Delimitar a temática e número de imagens (para esta sequência buscou-se a seleção de 13 fotografias com os temas “mundo do trabalho” e “paisagens”, por representarem os setores que mais sofreram mudanças ao longo das décadas em Pipa);

3º Organizar a turma em pequenos grupos (com no máximo 4 integrantes);

4º Entregar a sequência das imagens impressas para os grupos responderem o seguinte roteiro de perguntas:

- 1) O que vocês estão vendo nessas imagens?
- 2) O que as pessoas das imagens estão fazendo?
- 3) De qual época/ano são essas imagens? Como vocês sabem que são dessa época/ano?
- 4) De qual lugar de Pipa são essas imagens?
- 5) Escolham algumas imagens e produzam uma legenda descritiva, analítica, explicativa ou crítica dessas imagens.

### AValiação

Os (as) estudantes serão avaliados (as) a partir de sua participação e engajamento durante a aula, na realização das atividades propostas e no preenchimento da Ficha de acompanhamento de Atividades.

### INDICAÇÕES DE LEITURA

C. de Rezende Martins, E. (2009). O enigma do passado: construção social da memória histórica. *T.E.X.T.O.S DE H.I.S.T.Ó.R.I.A. Revista Do Programa De Pós-graduação Em História Da UnB.*, 15(1/2), 35–48. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/textos/article/view/27981>.

CARVALHO, C. H. de. (2008). A história local e regional: dimensões possíveis para os estudos histórico-educacionais. *Cadernos de história da educação*, 6. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/che/article/view/273>.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol.5, n10, 1992, p. 200-212.

## PROPOSTA DE PRODUÇÃO FINAL DOS (AS) ESTUDANTES

### EXPOSIÇÃO “AS MULTIDENTIDADES DE PIPA”

#### IDENTIFICAÇÃO

**Público-alvo:** 9º ano do Ensino Fundamental II.

**Componente curricular:** História.

**Duração:** Estimativa de 1 mês, para organização e apresentação.

#### **Objetivo(s):**

- Entender a história de Pipa, identificando suas memórias e identidades e reescrevendo as principais informações sobre a sua história;
- Aplicar de forma consciente as informações sobre a história local, empregando essas informações nas imagens fotográficas de Pipa;
- Criar uma exposição fotográfica, produzindo mais conhecimento sobre a história de Pipa.

**Habilidade(s) da BNCC trabalhada(s):** (EF09HI36) Identificar e discutir as diversidades identitárias e seus significados históricos no início do século XXI, combatendo qualquer forma de preconceito e violência.

**Metodologia ou Estratégia Didática:** Aprendizagem *Hands On* (“mão na massa”).

**Recursos e Materiais Necessários:** Canetas, cartolina, computador, cola, EVA, fita crepe, folhas A4, Fotografias diversas de Pipa, grampeador, papel color set, projetor multimídia, tesoura e TNT.

**Atividade (s):** Organizar e Apresentar uma exposição fotográfica sobre Pipa/RN.

#### Sobre a exposição

Nesta exposição buscaremos através das fotografias o olhar para Pipa em suas pluralidades.

Neste intuito, a exposição será organizada com base em 5 temas, na qual quatro desses

temas estão ligados diretamente a Pipa, sendo esses respectivamente: 1) Fotografias, como evidência histórica; 2) A Pipa Turística, mas que não é só turismo; 3) Pipa, Vila de Pescadores; 4) A Pipa Ecológica e 5) A Pipa Gastronômica. Cada um dos temas traz consigo um leque de oportunidades para novas aprendizagens e novos conhecimentos a respeito de Pipa. Neste propósito deve seguir-se os seguintes passos:

#### **DOCENTE**

- Organizar as turmas em grupos de 5 e fazer o sorteio dos temas;
- Orientar os (as) estudantes no levantamento de fotografias de Pipa e das informações a respeito destas;
- Coordenar a apresentação/exposição.

#### **DISCENTES**

- Organizar e apresentar uma exposição fotográfica sobre Pipa, sua história, memórias e identidades;
- Pesquisar as informações sobre essas imagens, produzindo textos que servirão de base para a exposição fotográfica.

#### **A ACESSIBILIDADE A EXPOSIÇÃO E AO CONHECIMENTO PARA PESSOAS CEGAS OU COM BAIXA VISÃO**

A Escola Municipal Vicência Castelo atualmente não possui no quadro discente alunos (as) cegos (as) ou com deficiência visual, porém, pensando na implementação deste produto em outros contextos, torna-se interessante desenvolvemos audiodescrições das imagens usadas nesta exposição e das imagens utilizadas ao longo da SD, possibilitando com isto o acesso do público-alvo ao conhecimento, conforme o artigo 27º: Direito à Cultura, da Declaração Universal dos Direitos Humanos. Sugere-se também a impressão 3D das imagens, porém visto a alto custo desse tipo de tecnologia, as imagens podem ser reproduzidas em 3D com o uso de materiais disponíveis na escola, fazendo-se uma recriação dessas imagens como maquetes, no sentido tátil.

#### **INDICAÇÕES DE LEITURA**

GAROFALO, Débora. **Como a educação mão na massa favorece o aprendizado na escola.** Nova Escola, 2018. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/11768/como-favorecer-o-aprendizado-mao-na-massa>

VITÓRIO, Gisele. **O que são metodologias Hands On?** Faz Educação e Tecnologias, 2021. Disponível em: <https://www.fazeducacao.com.br/o-que-sao-metodologias-hands-on>

## APÊNDICE F – QUADRO DE SEQUÊNCIA DIDÁTICA

<p><b>Título: Sequência Didática do Projeto Memórias da Nossa Pipa</b>            Escola Municipal Vicência Castelo            Componente curricular: História            Professora: Mônica            Público-alvo: Turmas do 9º ano do Ensino Fundamental            Objetivo geral: valorização das memórias e identidades de Pipa pelos estudantes da Escola Municipal Vicência Castelo com o uso das imagens como evidência histórica.</p>					
Aula (período)	Tema	Objetivos específicos	Metodologia/Estratégias	Atividades	Recursos/Ferramentas
<p><b>Aula 1</b> 1h20min 1 dia</p>	<p><i>Imagem como evidência</i></p>	<p>1º Lembrar o que é imagem descrevendo-a e reconhecendo-a como uma evidência histórica.</p>	<p>Nuvem de palavras, aula expositiva dialogada e roda de conversa.</p>	<p><b>Atividade 1:</b> Responder o questionamento “o que é imagem?” em um postite e montar junto com a professora um mural com as respostas formando uma nuvem de palavras.  (Fazer o preenchimento da ficha de acompanhamento do projeto).  <b>Esta atividade envolve a Habilidade EF06HI02 da BNCC.</b></p>	<p>Caneta, Postites e Quadro e Ficha de acompanhamento de atividades.</p>

<p><b>Aula</b> <b>2</b> 2h30min 2 dias</p>	<p><i>Analisando imagens</i></p>	<p><b>1º</b> Lembrar o que é imagem descrevendo-a e reconhecendo-a como uma evidência histórica</p>	<p>Análise de “fontes” históricas. Aproximação do método de análise isotópica das imagens.</p>	<p><b>Atividade 2:</b> Analisar as obras “Engenho Manual que Faz Caldo de Cana” do pintor Jean Baptiste Debret e “Abdicação de D. Pedro I do Brasil” do pintor Aurélio Figueiredo. (Fazer o preenchimento da ficha de acompanhamento do projeto). <b>Esta atividade envolve as Habilidades EF08HI15 e EF09HI04 da BNCC.</b></p>	<p>Computador, Imagens impressas e em QR Code de “Engenho Manual que Faz Caldo de Cana” de Jean Baptiste Debret e Abdicação de D. Pedro I do Brasil” de Aurélio Figueiredo, Ficha de acompanhamento de atividades, Smartphones com acesso à internet, Cadernos, Canetas, Quadro e projetor multimídia.</p>
<p><b>Aula</b> <b>3</b> 1h40min 1 dia</p>	<p><i>Jogo da memória histórico</i></p>	<p><b>2º</b> Entender a imagem como evidência histórica, situando-a em seu contexto histórico.</p>	<p>Gamificação.</p>	<p><b>Atividade 3:</b> participar da proposta de gamificação com o jogo “Retratos do Brasil do século XIX”</p>	<p>Computador, Ficha de acompanhamento de atividades, projetor multimídia e jogo</p>

				(Fazer o preenchimento da ficha de acompanhamento do projeto). <b>Esta atividade envolve a habilidade EF09HI04, da BNCC.</b>	“Retratos do Brasil do século XIX” do blog Ensinar História.
<b>Aula 4</b> 1h40min 1 dia	<i>Pipa à luz das fotografias</i>	<b>3º</b> Lembrar a história de Pipa reconhecendo-a nas imagens fotográficas como evidência histórica. <b>4º</b> Entender a história de Pipa identificando suas memórias e identidades e reescrevendo as principais informações sobre a sua história.	Análise de “fonte” históricas.	<b>Atividade 4:</b> Analisar a sequência de imagens fotográficas de Pipa, responder o questionário sobre as imagens e produzir uma legenda crítica, descritiva ou analítica de uma ou mais imagens. (Fazer o preenchimento da ficha de acompanhamento do projeto). <b>Esta atividade envolve a Habilidade EF09HI36 da BNCC.</b>	10 cópias coloridas da sequência de treze imagens fotográficas de Pipa e Ficha de acompanhamento de atividades.
<b>Produção final dos alunos</b>	Exposição fotográfica: As	<b>4º</b> Entender a história de Pipa identificando suas memórias e	Aprendizagem <i>Hands On</i> (“mão na massa”).	<b>1º:</b> Fazer o levantamento de fotografias de Pipa quando era vila	Canetas, cartolina, computador, cola,

1 MÊS	<i>multidentidades de Pipa</i>	<p>identidades e reescrevendo as principais informações sobre a sua história.</p> <p><b>5º</b> Aplicar de forma consciente as informações sobre a história local empregando essas informações nas imagens fotográficas de Pipa.</p> <p><b>6º</b> Criar uma exposição fotográfica produzindo mais conhecimento sobre a história de Pipa.</p>		<p>de pescadores durante o processo do advento do turismo e atualmente.</p> <p><b>2º:</b> Pesquisar as informações sobre essas imagens produzindo textos que servirão de base para a exposição fotográfica</p> <p><b>3º:</b> Organizar e apresentar uma exposição fotográfica sobre Pipa, sua história, memórias e identidades.</p> <p>(Fazer o preenchimento da ficha de acompanhamento do projeto).</p> <p><b>Esta produção final envolve a Habilidade EF09HI36 da BNCC.</b></p>	<p>EVA, fita crepe, folhas A4, Fotografias diversas de Pipa, grampeador papel color set, projetor multimídia, tesoura e TNT.</p>
<p><b>Avaliação:</b> Os (as) estudantes serão avaliados (as) a partir de sua participação e engajamento durante as aulas, na realização das atividades propostas e no preenchimento da Ficha de acompanhamento de atividades desta Sequência Didática.</p>					

## APÊNDICE G – SEQUÊNCIA DE IMAGENS FOTOGRÁFICAS DE PIPA PARA A ANÁLISE

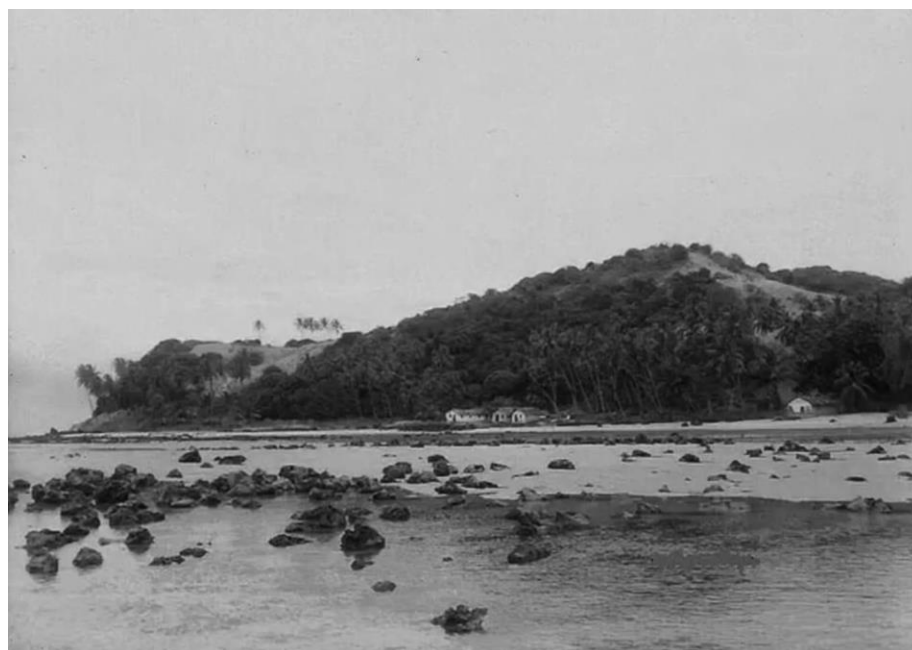
Vista da Ponta do Cabo Verde em Pipa, 1979



1

Fonte: Acervo de Alberto Alves, disponível no Museu Digital da Pipa (2022).

Vista do Morro Vicência Castelo em Pipa, 1958



2

Fonte: Simonetti, (2011).

Praia do Centro onde hoje ficam as barracas em Pipa, década de 1970



3

Fonte: Museu Digital da Pipa (2022).

Casa de Farinha de Manuel Lopes em Pipa, década de 1970



4

Fonte: Simonetti (2011).

Praia do Centro em Pipa, 1965



5

Fonte: Museu Digital da Pipa (2022).

Praia do Centro em Pipa, atualmente



6

Fonte: Museu Digital da Pipa (2022).

Estaleiro do Sr. Francisquinho em Pipa, década de 1970



7

Fonte: O pastorador de crepúsculo (2022).

Estaleiro de Luis Lopes em Pipa, década de 1990



8

Fonte: Museu Digital da Pipa (2022).

Pescadores construindo as esteiras do Curral de Peixe, década de 1980



9

Fonte: Blog Genealogia e História (2009).

“Curral do Canto” Curral de peixe de Pipa, década de 1980



10

Fonte: Blog Genealogia e História (2009).

Secagem dos peixes “Avoador”, (1970?)



11

Fonte: O Pastorador de Crepúsculo (2022).

Peixe “Avoadores” secando ao sol próximo onde hoje é o restaurante Caxangá, 1990



12

Fonte: Museu Digital da Pipa (2022).

Ladeira da praia onde hoje é a pousada dos Pássaros, 1987



13

Fonte: Museu Digital da Pipa (2022).

**APÊNDICE H – ROTEIRO DE PERGUNTAS PARA ANÁLISE DAS IMAGENS****AULA 4: PIPA À LUZ DAS FOTOGRAFIAS**

Com base nas imagens respondam as questões em seus cadernos.

- 1) O que vocês estão vendo nessas imagens?
- 2) O que as pessoas das imagens estão fazendo?
- 3) De qual época/ano são essas imagens? Como vocês sabem que são dessa época/ano?
- 4) De qual lugar de Pipa são essas imagens?
- 5) Escolham algumas imagens e produzam uma legenda descritiva, analítica, explicativa ou crítica dessas imagens.

Fonte: elaborado pela autora (2022).

## APÊNDICE I – IMAGENS DA EXPOSIÇÃO “AS MULTIDENTIDADES DE PIPA”

Totens feitos para a exposição



Fonte: elaborada pela autora (2022).

Painel com fotos de Pipa



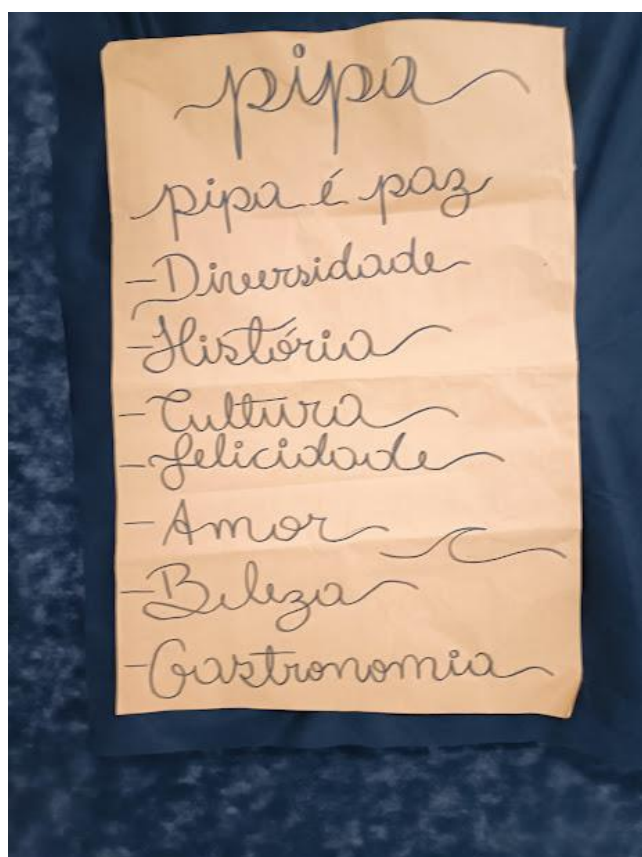
Fonte: elaborada pela autora (2022).

Pianel de fotos sobre a “Pipa turistica, mas que não é só turismo”



Fonte: elaborada pela autora (2022).

Cartaz feito pelos alunos usado na exposição



Fonte: elaborada pela autora (2022).

Abertura da exposição “As Multidentidades de Pipa”



Fonte: elaborada pela autora (2022).

Aluna explicando sobre o uso das fotografias como evidencia histórica



Fonte: elaborada pela autora (2022).

Estudantes visualizando as fotografias



Fonte: elaborada pela autora (2022).

Grupo explicando as fotografias para as turmas visitantes



Fonte: elaborada pela autora (2022).

Turma do 6º ano atenta a explicação do grupo



Fonte: elaborada pela autora (2022).

Estudantes de outras turmas visitando a exposição



Fonte: elaborada pela autora (2022).

Estudantes atentos a explicação sobre as fotografias



Fonte: elaborada pela autora (2022).

Alunas explicando sobre a “Pipa ecológica” através das fotografias



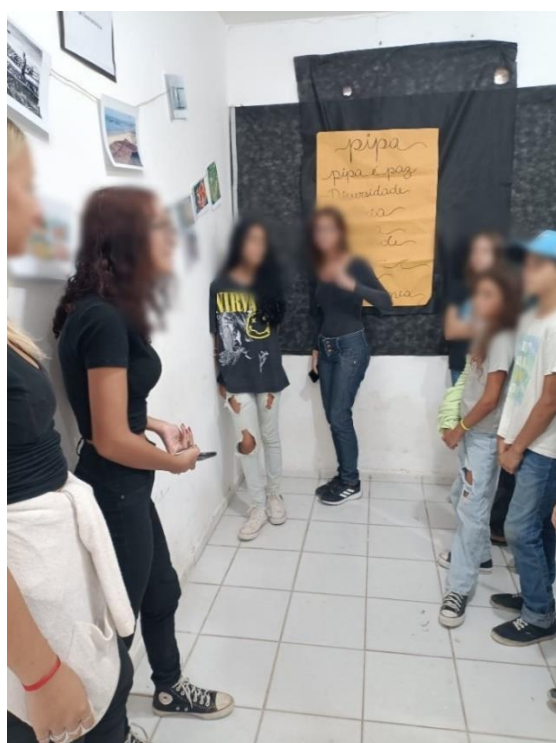
Fonte: elaborada pela autora (2022).

Estudantes atentos as imagens e explicações sobre a história de Pipa



Fonte: elaborada pela autora (2022).

Aluna explicando sobre a gastronomia nativa de Pipa através das fotografias



Fonte: elaborada pela autora (2022).

Estudantes de outras turmas visitando a exposição



Fonte: elaborada pela autora (2022).

Estudantes observando um dos painéis de fotos sobre Pipa



Fonte: elaborada pela autora (2022).

**ANEXO A – PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP**

[Parecer Consubstanciado referente ao Projeto Memórias da nossa Pipa](#)

## ANEXO B – VISUALIZAÇÃO DE CLUSTERS NO *DATA TABLE*

Data Table (1)

Info  
48 instances (no missing data)  
8 features  
No target variable.  
2 meta attributes

Variables  
 Show variable labels (if present)  
 Visualize numeric values  
 Color by instance classes

Selection  
 Select full rows

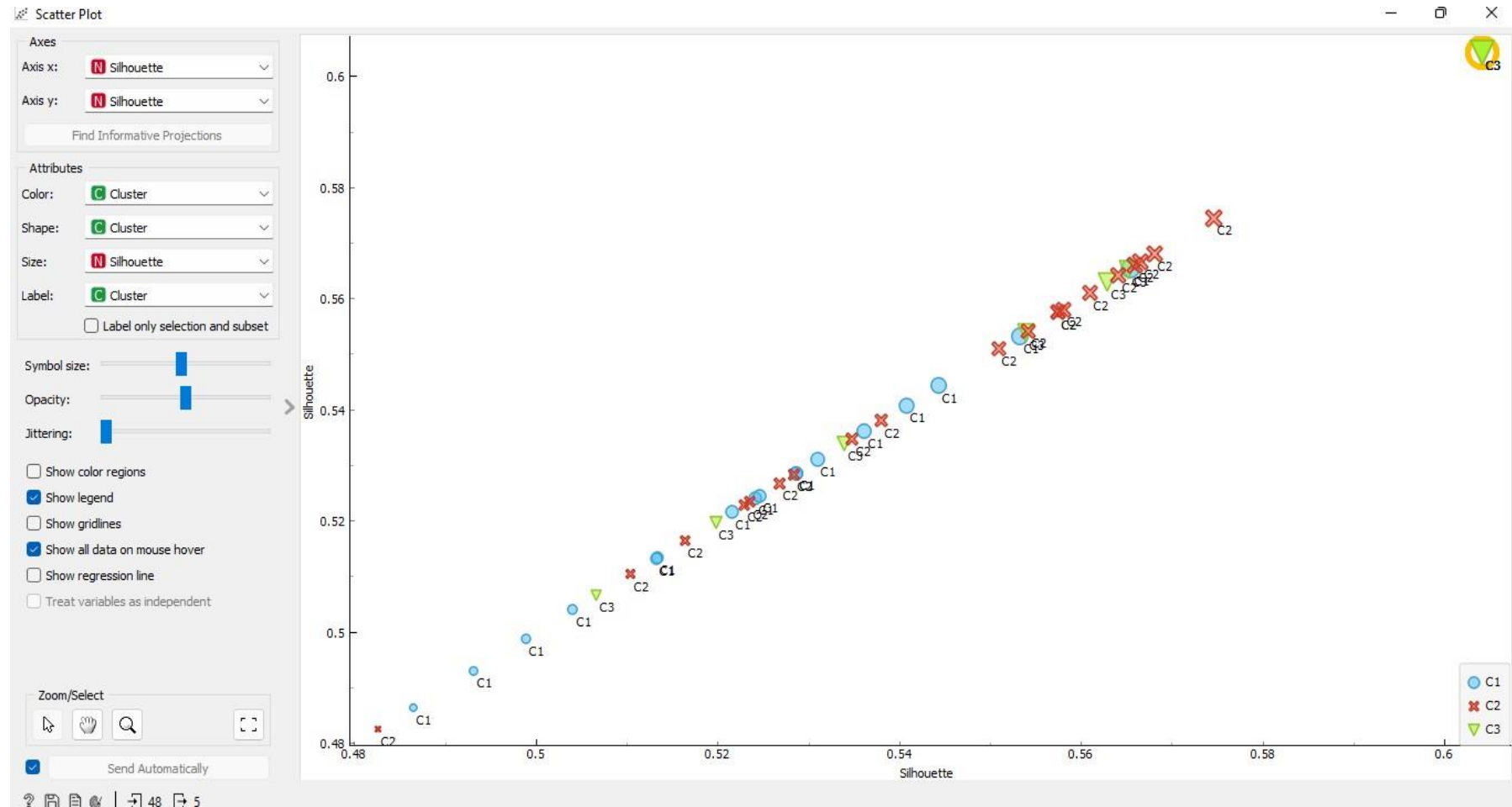
	Cluster	Silhouette	Aluno	Turma	É nativo de Pipa	Tem parente nativo de Pipa	Conhece sobre a história de Pipa	Praticava alguma atividade do turismo em Pipa	Conhece a história de Pipa	Algo que mais gostou em Pipa
11	C3	0.604236	11	9º A	Não	Não	Não	Não	Não sei	não sei
20	C3	0.553927	20	9º A	Não	Não	Não	Não	Não sei	praias
30	C3	0.604236	30	9º A	Não	Não	Não	Não	Não sei	não sei
31	C3	0.604236	31	9º A	Não	Não	Não	Não	Não sei	não sei
32	C3	0.604236	32	9º A	Não	Não	Não	Não	Não sei	não sei
3	C3	0.565258	3	9º A	Não	Sim	Não	Sim	Não sei	não sei
5	C3	0.519796	5	9º A	Não	Sim	Não	Sim	Não sei	praias
43	C3	0.50669	43	9º A	Não	Não	Sim	Sim	turismo	Santuário ...
44	C3	0.534001	44	9º B	Não	Não	Não	Sim	Não sei	não sei
8	C2	0.522945	8	9º B	Sim	Sim	Sim	Não	turismo	praias
48	C2	0.510447	48	9º B	Sim	Sim	Sim	Não	Meio ambiente	praias
6	C2	0.557528	6	9º B	Sim	Sim	Sim	Sim	turismo	praias
10	C2	0.5164	10	9º B	Sim	Sim	Não	Sim	turismo	praias e ...
13	C2	0.482603	13	9º A	Não	Não	Sim	Sim	história	história
14	C2	0.566591	14	9º A	Sim	Sim	Sim	Sim	praias	história
15	C2	0.526793	15	9º B	Não	Sim	Sim	Sim	turismo	praias
18	C2	0.550953	18	9º A	Sim	Sim	Sim	Sim	praias	praias
19	C2	0.568081	19	9º A	Sim	Sim	Sim	Sim	turismo	praias
26	C2	0.558093	26	9º A	Sim	Sim	Sim	Sim	praias e os ...	praias
28	C2	0.565953	28	9º A	Sim	Sim	Sim	Sim	fauna	fauna
29	C2	0.574566	29	9º A	Sim	Sim	Sim	Sim	história	história
33	C2	0.561053	33	9º A	Sim	Sim	Sim	Sim	praias	fauna
34	C2	0.528453	34	9º B	Não	Sim	Sim	Sim	turismo,surfe, ...	tudo
35	C2	0.534838	35	9º B	Sim	Sim	Sim	Sim	praias	praias
37	C2	0.554182	37	9º B	Sim	Sim	Sim	Sim	praias	história
39	C2	0.557528	39	9º B	Sim	Sim	Sim	Sim	turismo	praias
40	C2	0.523489	40	9º A	Sim	Sim	Não	Sim	obsteve	obsteve
45	C2	0.538019	45	9º B	Não	Sim	Sim	Sim	turismo	passeios
47	C2	0.564129	47	9º B	Sim	Sim	Sim	Sim	história	história
21	C1	0.565477	21	9º B	Sim	Não	Não	Não	praias	praias

Restore Original Order

Send Automatically

Fonte: Software Orange (2022).

## ANEXO C – VISUALIZAÇÃO DE CLUSTERS NO SCATTER PLOT



Fonte: Software Orange (2022).

### ANEXO C – RESULTADOS OBTIDOS ATRAVÉS DAS RAs

Supp	Conf	Covr	Strg	Lift	Levr	Antecedent	Consequent
0.438	0.913	0.479	1.217	1.565	0.158	É nativo de Pipa=Sim	→ Possui parente nativo de Pipa=Sim
0.375	0.900	0.417	1.250	1.728	0.158	Possui parente nativo de Pipa=Não	→ É nativo de Pipa=Não
0.312	0.938	0.333	1.750	1.607	0.118	É nativo de Pipa=Sim, Conhece sobre a atividade do turismo em Pipa=Sim	→ Possui parente nativo de Pipa=Sim
0.292	1.000	0.292	2.000	1.714	0.122	É nativo de Pipa=Sim, Conhece sobre a história de Pipa=Sim	→ Possui parente nativo de Pipa=Sim
0.250	1.000	0.250	2.333	1.714	0.104	É nativo de Pipa=Sim, Conhece sobre a história de Pipa=Sim, Conhece sobre a atividade do turismo em Pipa=Sim	→ Possui parente nativo de Pipa=Sim
0.250	0.923	0.271	1.923	1.772	0.109	Sobre a história de Pipa o que é mais valorizado=Não sei	→ É nativo de Pipa=Não
0.250	0.923	0.271	1.923	1.772	0.109	Sobre a história de Pipa o que é mais valorizado=Não sei	→ Conhece sobre a história de Pipa=Não
0.229	1.000	0.229	2.273	1.920	0.110	Turma =9º A, Possui parente nativo de Pipa=Não	→ É nativo de Pipa=Não
0.229	0.917	0.250	2.083	1.760	0.099	Conhece sobre a história de Pipa=Não, Sobre a história de Pipa o que é mais valorizado=Não sei	→ É nativo de Pipa=Não
0.229	0.917	0.250	2.083	1.760	0.099	É nativo de Pipa=Não, Sobre a história de Pipa o que é mais valorizado=Não sei	→ Conhece sobre a história de Pipa=Não
0.208	0.909	0.229	2.273	1.745	0.089	Possui parente nativo de Pipa=Não, Conhece sobre a atividade do turismo em Pipa=Não	→ É nativo de Pipa=Não
0.208	0.909	0.229	1.818	2.182	0.113	É nativo de Pipa=Não, Conhece sobre a atividade do turismo em Pipa=Não	→ Possui parente nativo de Pipa=Não
0.208	0.909	0.229	2.273	1.745	0.089	É nativo de Pipa=Não, Conhece sobre a atividade do turismo em Pipa=Não	→ Conhece sobre a história de Pipa=Não
0.208	0.909	0.229	2.273	1.745	0.089	Possui parente nativo de Pipa=Não, Conhece sobre a atividade do turismo em Pipa=Não	→ Conhece sobre a história de Pipa=Não
0.208	0.909	0.229	2.727	1.455	0.065	Turma =9º A, Possui parente nativo de Pipa=Sim	→ Conhece sobre a atividade do turismo em Pipa=Sim
0.208	0.909	0.229	2.727	1.455	0.065	Turma =9º A, Conhece sobre a história de Pipa=Sim	→ Conhece sobre a atividade do turismo em Pipa=Sim

Fonte: Software Orange (2022).